ESEQUIAS SOARES

CRISTOLOGIA

A doutrina de Jesus Cristo



HAGNOS

ESEQUIAS SOARES

CRISTOLOGIA

A doutrina de Jesus Cristo



HAGNOS

Cristologia

A DOUTRINA DE JESUS CRISTO

Esequias Soares

© 2008 por Esequias Soares

Revisão

Daniele Soares da Silva Paulo Rogério de Moraes

Capa

Douglas Lucas

Diagramação

Paulo Sérgio Primati

Coordenador de produção Mauro W. Terrengui

1a edição - fevereiro - 2008

Reimpressão - novembro - 2008

Impressão e acabamento Imprensa da Fé

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA HAGNOS

Av. Jacinto Júlio, 27

São Paulo - SP - 04815-160 Tel/Fax: (xx11) 5668-5668

hagnos@hagnos.com.br - www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Soares, Esequias

Cristologia: a doutrina de Jesus Cristo / Esequias Soares. --

São Paulo : Hagnos, 2008.

Bibliografia

ISBN:978-85-7742-112-1

1. Jesus Cristo - Biografia 2. Jesus Cristo - Ensinamentos 3. Jesus Cristo - Milagres 4. Jesus Cristo - Paixão 5. Jesus Cristo - Pessoa e missão 6. Jesus Cristo - Realeza 7. Jesus Cristo -

Ressurreição I. Título

08-00937 CDD-232

Índices para catálogo sistemático: 1. Cristologia : Teologia cristã 232

Dedicatória

À minha esposa, pela singular compreensão; ao casal de filhos, pelo constante incentivo e apoio.

Sumário

ABREVIATURAS

INTRODUÇÃO

Capítulo 1

JESUS, O VERBO DE DEUS

Capítulo 2

JESUS, O FILHO DE DEUS

Capítulo 3

JESUS, VERDADEIRO HOMEM, VERDADEIRO DEUS

Capítulo 4>

A INFÂNCIA DE JESUS

Capítulo 5

O BATISMO DE JESUS

Capítulo 6

JESUS, O PROFETA ESPERADO

Capítulo 7

JESUS, O SACERDOTE ETERNO

Capítulo 8

JESUS, FILHO DE DAVI

Capítulo 9

OS ENSINOS DE JESUS

Capítulo 10

OS MILAGRES DE JESUS

Capítulo 11

A MORTE VICÁRIA DE JESUS

Capítulo 12

A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Capítulo 13

JESUS, REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreviaturas

ARA Versão de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

ARC Versão de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Corrigida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

NA NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece,** 27ª. ed. Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

NTLH **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

NVI **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Editora Vida,

2000.

TB **Tradução Brasileira**. Edição da Bíblia Online. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

VR Versão Revisada da Tradução de João Ferreira de Almeida de Acordo com os Melhores Textos em Hebraico e Grego. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1994.

WH WESTCOTT, B. F. e Hort, F. J. A. **The Greek New Testament**. Peabody, MA, USA: Hendrickson Publishers, 2007.

ANTIGO TESTAMENTO

Gn Gênesis

x xodo

Lv Levítico

Nm Números

Dt Deuteronômio Js Josué

Jz Juízes

Rt Rute

1 Sm 1 Samuel

2 Sm 2 Samuel

1 Rs 1 Reis

2 Rs 2 Reis

1 Cr 1 Crônicas 2 Cr 2 Crônicas Ed Esdras

Ne Neemias

Et Ester

Jó Jó

Sl Salmos

Pv Provérbios

Ec Eclesiastes

Ct Cantares

Is Isaías

Jr Jeremias

Lm Lamentações de Jeremias Ez Ezequiel

Dn Daniel

Os Oséias

Jl Joel

Am Amós

Ob Obadias

Jn Jonas

Mq Miquéias

Na Naum

Hc Habacuque

Sf Sofonias

Ag Ageu

Zc Zacarias

Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus

Mc Marcos

Lc Lucas

Jo João

At Atos

Rm Romanos

1 Co 1 Coríntios 2 Co 2 Coríntios Gl Gálatas

Ef Efésios

Fp Filipenses

Cl Colossenses

1 Ts 1 Tessalonicenses 2 Ts 2 Tessalonicenses 1 Tm 1 Timóteo

2 Tm 2 Timóteo

Tt Tito

Fm Filemon

Hb Hebreus

Tg Tiago

1 Pe 1 Pedro

2 Pe 2 Pedro

1 Jo 1 João

2 Jo 2 João

3 Jo 3 João

Jd Judas

Ap Apocalipse

Introdução

"Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?" (Mt 16.13). Essa pergunta foi feita por Jesus há quase 2.000 anos e continua no ar nos dias atuais. Ele ainda é o personagem mais controvertido da História. Isso acontece porque ele é o verdadeiro Deus e ao mesmo tempo o verdadeiro Homem, assim, a correta identidade dele só pode ser reconhecida por revelação, e a única fonte autorizada é a Bíblia. Porém, o neopaganismo defende e divulga idéias inadequadas sobre a cristologia, e os céticos distorcem até as

interpretações dos achados arqueológicos para tornar o cristianismo antiquado e desatualizado.

Os valores cristãos chocam-se com os ideais da pós-modernidade, e nisso a fé crista torna-se obstáculo para os promotores desse sistema. O pluralismo religioso traz em seu bojo diversos pensamentos errôneos sobre o Filho de Deus, e tudo isso é divulgado com eficiência pela mídia, em notícias, filmes, novelas e por personagens populares como, atores e demais artistas, atletas, nas suas várias modalidades, políticos, intelectuais e empresários, tornando cada vez mais um desafio ser cristão. O poder dos meios de comunicação é capaz de formar opinião, principalmente dos incautos, de modo que a rejeição da ortodoxia cristã se fortalece a cada dia.

A presente obra, Cristologia, a Doutrina de Jesus Cristo, Verdadeiro Homem e Verdadeiro Deus, consta de 13 curtos capítulos; os quatro primeiros enfocam as naturezas humana e divina do Senhor

Jesus Cristo. Os demais tratam dos ofícios: profeta, sacerdote e rei, dos títulos e obras. O objetivo é oferecer ao leitor a verdadeira identidade de Cristo como revela a Palavra de Deus, denunciando as idéias errôneas dos céticos e dos cultores heterodoxos.

A história de Jesus é contada nos quatro evangelhos e a implicação teológica dessas narrativas encontramos nas epístolas e demais livros do Novo Testamento. Cada capítulo procura definir com precisão as palavras-chave, mostrar o cronograma divino revelado aos profetas de tudo o que aconteceu com Jesus e a conclusão do Antigo Testamento na vida e no ministério de Cristo. No Antigo Testamento, o Messias é uma expectativa, o Cristo das profecias, no Novo essa expectativa é uma experiência, a esperança torna-se fato.

A palavra “evangelho” vem de duas palavras gregas (eu), que quer dizer “bem”, e de (aggelia), que significa “mensagem, notícia, novas”. Assim, a

palavra (euaggelion) quer dizer “boas novas, notícias alvissareiras”. O evangelho é a mensagem transformadora do Calvário, não é livro, é mensagem. Se não é livro por que chamamos os quatro primeiros livros do Novo Testamento de “evangelhos”? Essa nomenclatura é externa, surgiu a partir do século II, como veremos mais adiante.

Mateus, Marcos, Lucas e João são os quatro livros mais importantes do cristianismo, neles estão a base de todo o Novo Testamento, é, pois, impossível compreendê-lo sem eles. Os três primeiros são chamados de “evangelhos sinóticos”, também se escreve “sinópticos”. Esse nome foi aplicado por J. J. Griesbach, um alemão estudioso da Bíblia, por volta de 1774, e vem de duas palavras gregas “syn”, que significa “junto, com”, e (opsis), “ótica, vista”. A palavra “sinótico” significa “visão conjunta”. Isso se aplica a Mateus, Marcos e Lucas porque eles são uma sinopse da vida de Cristo. Eles trazem muitas semelhanças entre si, no conteúdo e na apresentação.

Enquanto os sinóticos revelam o Senhor Jesus agindo, registrando as parábolas, os milagres e todos os feitos de Cristo, João, dirigido pelo Espírito Santo, preocupou-se mais em descrever os discursos profundos e abstratos de Jesus, apresentando a sua deidade absoluta. O propósito é mostrar que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e que a fé em seu nome dá ao homem a vida eterna: "Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.31).

O evangelho não é algo de improviso, pois Deus o havia prometido desde "antes dos tempos dos séculos" (Tt 1.2). A Bíblia ensina que Deus prometeu "pelos seus profetas nas Santas Escrituras" (Rm 1.2). O Messias foi sendo revelado de maneira sutil e progressiva. Cada profeta apresentou um perfil do Salvador, até que a revelação se consumou na sua vinda. Há inúmeras profecias messiânicas e alusões diretas e indiretas ao

Messias, e delas, cerca de 20 passagens apontam Jesus como filho de Davi, sucessor do rei Davi ou assentado em seu trono. Mateus inicia o seu evangelho associando o Messias aos dois maiores pilares do judaísmo: Abraão e Davi (Mt 1.1).

Os evangelhos sinóticos são anônimos, Mateus era um dos doze apóstolos (9.9; 10.3) e desde o século II que o seu nome está ligado a esse livro. Muitos afirmam que Mateus escreveu o seu evangelho originalmente em hebraico e que depois ele foi traduzido para o grego. Isso com base na declaração dos pais da igreja, principalmente Papias (70-155), conforme registrada por Eusébio de Cesaréia (264-340), historiador da igreja (História Eclesiástica, Livro III.39). O texto de Mateus foi dirigido aos judeus. Parece que queria provar a eles que Jesus preenchia todos os requisitos da lei dos profetas. É o evangelho do Rei, isso pode ser visto logo no prólogo: “Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1.1). Muitos expositores admitem que essa genealogia apresenta Jesus com Rei, ligando-O a Abraão e a Davi

devendo impressionar muito os judeus. Eles sabiam que a promessa messiânica estava intimamente ligada a estas duas colunas do judaísmo, Abraão (Gn 12.3; Gl 3.8) e Davi (Is 9.6-7; 11.1; Jr 23.5-6). Além disso, Mateus procura provar que em Jesus as profecias se cumpriram, com a freqüente expressão: "Para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta" (1.22) e fraseologia similar (2.15, 17, 23). Mateus apresenta o Messias como o Rei, prometido pelos profetas (Gn 49.10; 2 Sm 7.14-16 comp. Hb 1.5).

Marcos não foi testemunha ocular dos fatos que escreveu. Segundo Irineu de Lião (125-202), Marcos ouviu de Pedro o que registrou em seu evangelho (Contra as Heresias 3.1), o que parece ter a confirmação em 1 Pedro 5.13. O livro foi escrito para os romanos e apresenta Jesus como o servo, talvez isso explique a ausência de sua genealogia, segundo a maioria dos expositores. Marcos escreveu seu evangelho em Roma, tal obra foi encontrada naquela cidade, e o estilo dele é romano. É o "evangelho da ação", consegue dar

muitas e valiosas informações em poucas palavras. As palavras “logo” e “imediatamente” aparecem mais de 40 vezes neste evangelho.

Lucas, o médico amado (Cl 4.14), foi companheiro de Paulo e dele certamente ouviu muitas coisas sobre Jesus (2 Tm 4.11). Irineu afirma que Lucas registrou o que ouviu nas pregações do apóstolo Paulo (Contra as Heresias, 3.1). Além disso, o próprio Lucas afirma ter consultado as testemunhas oculares que depois vieram a ser ministros da palavra (Lc 1.2). É a mais bela narrativa da vida de Jesus. Escrito num estilo elegante, que mostra a sua perícia na arte literária. Sua redação é bem cuidadosa e cheia de detalhes. Foi escrito para os gregos, dirigido a um certo Teófilo, nome grego, talvez um estadista ou alto funcionário do governo, pelo que se infere do pronome de tratamento “excelentíssimo” (Lc 1.3). Jesus é apresentado como o Filho do homem, pois a genealogia apresentada neste evangelho retrocede até a Adão, o qual, além de ser o primeiro homem, veio diretamente de Deus.

Irineu afirma que João escreveu o seu evangelho em Éfeso (Contra as Heresias 3.1). Muitas coisas que não foram registradas no evangelho de João estão nos evangelhos sinóticos. Eles já existiam e eram conhecidos das igrejas, visto que João escreveu esse evangelho, juntamente com as três epístolas e o Apocalipse, no final do primeiro século. Encontramos penas sete milagres no evangelho de João. Ele mesmo afirma que Jesus fez muitos milagres: "Jesus, pois, operou também, em presença de seus discípulos, muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro" (Jo 20.30). O termo "livro" é uma referência ao próprio evangelho de João, e os "muitos outros sinais" omissos em sua obra são uma referência aos evangelhos sinóticos.

Os evangelhos são uma só narrativa descrita e apresentada em quatro maneiras de modo que se complementam. Há muita coisa em comum neles, mas há também muitas peculiaridades que só

aparecem em cada um deles, sendo muito mais coisas em comum e semelhantes do que diferenças. O certo é que eles são a fonte autorizada e inspirada do Maior Homem da História.

Por que estudar sua vida e obra? Jesus como homem sentiu as dores do sofrimento humano, e como Deus pode suprir todas as nossas necessidades. O Senhor Cristo é divisor de águas de nossas vidas e da história, o único cuja história afeta a vida humana. Ninguém pode ficar alheio a sua vida e obra. É o nosso modelo em tudo, a Bíblia diz que em tudo foi perfeito, é nele que devemos nos inspirar.

O nome "Senhor" fala da divindade absoluta de Jesus. A Septuaginta traduziu Adonay e o Tetragrama pela palavra grega (kyrios), que é "Senhor", nome divino. A Bíblia ensina: "e ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1 Co 12.3). O nome Jesus vem do hebraico Yehoshua ou Yeshua, "Josué",

que significa “Jeová” ou “Javé é salvação”. A Septuaginta transliterou o nome hebraico por (Iesous), pronuncia-se Iesus, “Jesus”, em todas as passagens do Antigo Testamento, exceto 1 Crônicas 7.27, que aparece Ihsoue, (Iousue), “Josué”. O título “Cristo” é a forma grega do nome hebraico Mashiach, “Messias”, que significa “ungido” (Dn 9.25, 26). O Novo Testamento diz que Messias é o mesmo que Cristo (Jo 1. 41; 4.25). O nome Jesus Cristo quer dizer, Salvador Ungido e Senhor, diz respeito à sua deidade absoluta.

Não existe argumento convincente para não crer em Jesus. Ele continua vivo e tem todo o poder no céu e na terra. A grandeza do nome de Jesus pode ser visto na Bíblia, na história, nas artes, no nosso dia a dia e principalmente no testemunho pessoal de seus seguidores. Mesmo sob perseguições esse nome atravessou os séculos e com a arma do amor fundou o maior império da história e o único que não será destruído. O nosso desejo é que o presente trabalho possa contribuir na ampliação do conhecimento do verdadeiro Jesus de Nazaré.

“

NO PRINCÍPIO, ERA O VERBO, E O VERBO ESTAVA COM DEUS, E O VERBO ERA DEUS... E O VERBO SE FEZ CARNE E HABITOU ENTRE NÓS, E VIMOS A SUA GLÓRIA, COMO A GLÓRIA DO UNIGÊNITO DO PAI, CHEIO DE GRAÇA E DE VERDADE

”

JOÃO 1.1, 14

1

Jesus,

o verbo de Deus

O apóstolo João começa seu evangelho

apresentando Jesus como o Verbo de Deus. Ele usa o termo grego logos, que a maioria de nossas versões traduz por “Verbo” ou “Palavra”. Ele emprega esse vocábulo apenas no prólogo, duas vezes (Jo 1.1, 14), e não no resto do evangelho, pois relata a história do Jesus Homem, o Verbo feito Carne. O apóstolo emprega, ainda, o referido termo em sua primeira epístola (1 Jo 1.1) e em Apocalipse 19.13. Trata-se de uma palavra que exige explicação para tornar-se compreensível ao povo na atualidade, entretanto, era conhecida aos leitores da época.

“Logos” é, em si mesmo, um termo de cunho filosófico e raro na literatura homérica, mas de significado amplo na filosofia. Marilena Chauí, em seu livro Introdução à História da Filosofia, vol. 1,

apresenta dezenas de significados, entre eles: “palavra, razão, pensamento, expressão” (CHAUI, 2003, vol. I, p. 504). Segundo Heráclito, o Logos era um princípio divino que governava o universo e impedia que o mundo, em constante mutação, se tornarsse o caos. Era a capacidade do homem pensar e raciocinar, de discernir entre o bem e o mal. O conhecimento da verdade provém do Logos, dizia que era a Mente de Deus. São vários os conceitos filosóficos do termo: para os sofistas, era o poder do pensamento, da fala e da persuasão, chegando a ser, predominantemente, a razão humana; para Aristóteles, era a fonte da virtude humana “já que as ações estão determinadas pelo entendimento, e é pela fala que chegamos ao entendimento” (KITTEL, 1993, vol. 4, p. 84).

Segundo o conceito desenvolvido pelos estóicos, o Logos é “a alma inteligente, interior, autoconsciente e universal, da qual a nossa razão é parte” (PFEIFFER; HOWARD; REA, 2006, p. 1176) e “expressa a natureza ordenada e teleologicamente[1] orientada do cosmos” (KITTEL,

1993, vol. 4, p. 84). O estoicismo estava muito em voga no primeiro século da Era Cristã. O apóstolo Paulo encontrou-se com eles no areópago, em Atenas (At 17.18, 19). Segundo Filo de Alexandria (30 a.C. - 50 d.C.), o Logos divino era "uma figura mediadora que procede de Deus, que forma um laço entre o Deus transcendente e o mundo, e representa a humanidade como sumo sacerdote e advogado diante de Deus. É a suma e o lugar do poder criador de Deus, e como tal, ordena e governa o mundo visível" (KITTEL, 1993, vol. 4, p. 88).

Justino, o Mártir (100-165), afirmava que as sementes da sabedoria divina foram semeadas por todo o mundo, portanto, os cristãos podiam encontrar lampejos da verdade divina por toda parte, ou seja, na filosofia secular da Grécia. É a doutrina do Logos Spermatikos, "Palavra Germinadora", isso significa que cada homem recebeu em seu intelecto um germe do Logos.

Nós recebemos o ensinamento de que Cristo é o primogênito de Deus e indicamos que ele é o Verbo, do qual todo o gênero humano participou. Portanto, aqueles que viveram conforme o Verbo são cristãos, quando foram considerados ateus, como sucedeu entre os gregos com Sócrates, Heráclito e outros semelhantes (Apologia I, 1995, 46.2,3).

Com efeito, tudo o que os filósofos e legisladores disseram e encontraram de bom foi elaborado por eles pela investigação e intuição natural, conforme a parte do Verbo que lhe coube. Todavia, como eles não conheceram o Verbo inteiro, que é Cristo, eles freqüentemente se contradisseram uns aos outros (Apologia II, 1995, 10.2,3).

Portanto, tudo o que de bom foi dito por eles, pertence a nós, cristãos, porque nós adoramos e amamos depois de Deus, o Verbo, que procede do mesmo Deus ingênito e inefável. Todos os escritores só puderam obscuramente ver a realidade, graças à semente do Verbo neles ingênita (Apologia II, 1993, 13.4, 5).

Ele acreditava que "todo o gênero humano participou" do Unigênito de Deus, e que os filósofos como Sócrates e Herácrito "viveram conforme o Verbo, (Logos, em grego)", resumindo: nem tudo que foi ensinado pelos filósofos estava fora das Escrituras.

O neoplatonismo é a escola filosófica fundada por Amônio Saccas, em Alexandria, Egito, no

século II, mas desenvolvida por Plotino (204-270). Trata-se da filosofia platônica filtrada pelo neopitagorismo do platonismo médio e de Fílon de Alexandria (ABBAGNANO, 2003, p. 710). Era um misto de quase todas as tendências filosóficas em defesa da verdade religiosa, que exerceu influência na teologia cristã, principalmente em Agostinho de Hipona (354-430). Segundo essa escola, o Logos era o poder de dar forma à arte e à natureza, portanto, seria o mundo inteiro. As religiões de mistérios da antiguidade afirmavam que deuses, como Hermes e Osíris, eram a personificação do Logos.

O termo hebraico é (dãbãr),[2] "palavra, fala, discurso, coisa" (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 292), traduzida na Septuaginta

alternadamente por (logos e rhẽma). Esses vocábulos gregos são usados nela como sinônimos, sendo que rhẽma é mais comum no Pentateuco, Josué, Juízes, Rute e Jó. Para o judeu ou qualquer oriental da antiguidade, a palavra não era um mero som, mas algo de existência independente e cheio de poder (Sl 33.6; 107.20; 147.15; Jr 23.29). Veja que a palavra de Isaque, quando abençoou a Jacó, não podia mais voltar atrás (Gn 27.33). No relato da criação é manifesto o poder da Palavra de Deus (Gn 1.3, 6, 11, 14, 20, 24).

Os judeus ficaram maravilhados com a descoberta dos elementos transcendentais em Deus nas décadas que antecederam o nascimento de Jesus. Isso contribuiu para o escrúpulo rabínico no tocante aos elementos antropomórficos empregados para Deus no Antigo Testamento. O reflexo disso pode ainda hoje ser visto nos Targumim.[3] Os Targumim usam o termo aramaico (mẽimar) "palavra, declaração, discurso" (JASTROW, 1996, p. 775; SOKOLOFF, 1992, p. 305) para "Senhor", isso em diversas passagens onde há a presença de

elementos antropomórficos empregados para Deus. Isso acontece centenas de vezes, mas vamos a alguns exemplos: “Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus” (x 19.17). Os judeus consideravam essa declaração demasiadamente humana para falar de Deus, por isso parafrasearam traduzindo por “ao encontro com a palavra de Deus”, no Targum de Ônquelos. Algo semelhante acontece no mesmo Targum com a frase “isso é um sinal entre mim e vós” (x 31.13), vertendo por “entre minha palavra e vós”. Algo semelhante acontece no profeta Isaías: “a minha mão fundou a terra” (Is 48.13), no Targum de Jonathan encontramos “por minha palavra fundei a terra”.

O salmo 119 é um tesouro que melhor representa a palavra com suas diversas nuanças. Em Provérbios 8 e 9, a sabedoria é o agente de Deus na iluminação e na criação. Assim, sabedoria e razão são uma mesma coisa, dessa forma, o Logos está presente na literatura sapiencial ou de sabedoria, coletânea de pensamentos dos sábios de Israel, inspirados por Deus e registrados nos livros

poéticos: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão. Essa coletânea ensina que a Sabedoria “é a tua vida” (Pv 4.13) e tem existência eterna (Pv 8.23).

AS TRÊS CLÁUSULAS DE JOÃO 1.1

A primeira parte de João 1.1 diz: “No princípio era o Verbo” (Jo 1.1a). No princípio ele já existia. Antes mesmo de Gênesis 1.1, o Verbo já estava com o Pai. Ele não pode fazer parte da criação: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele, nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). Assim, ele

não pode ter sido uma criatura, porque nada há no universo que não tinha vindo dele. Antes da criação e do tempo começar, o Verbo já existia (Jo 8.58).

Essa afirmação diz respeito a sua eternidade. A Bíblia declara "no princípio criou Deus os céus e a terra" (Gn 1.1), mas o apóstolo João foi mais além ao afirmar que "no princípio era", ou seja, já existia o Verbo. O imperfeito grego (ẽn), "era", é existencial e transmite a idéia de continuidade. Esse pensamento teológico é confirmado em todo o contexto bíblico. Ele já existia mesmo antes de começar o tempo, existe por si mesmo (Jo 5.26) e transcende a linha do tempo "ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele" (Cl 1.17). Estava com o Pai antes da criação do mundo (Jo 17.5, 24).

A pré-existência de Cristo é eterna. O profeta Miquéias, ao anunciar o nascimento do Messias na cidade de Belém de Judá, concluiu a mensagem dizendo: "e cujas origens são desde os tempos

antigos, desde os dias da eternidade" (Mq 5.2). Isto revela que o Filho já existia na eternidade, antes da criação de todas as coisas. Em Isaías, Jesus é chamado de "Pai da Eternidade" (9.6). Como pode ser o Filho criatura, visto que o texto sagrado nos diz aqui que ele é o "Pai da Eternidade"?

Há outra passagem que corrobora esta grande verdade: "Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente" (Hb 13.8). Ora, se Jesus é a primeira criatura de Deus, como ensinam as testemunhas de Jeová, o texto sagrado, aqui em apreço, fica discrepante. Como pode ser o Filho "o mesmo ontem", visto que haveria um tempo na história em que ele não teria existido? Se o Filho passou a existir a partir do dia em que foi "criado", como pode ser ele o mesmo ontem? Se antes da sua "criação" ele não existia, podia ser ele o mesmo antes de existir? De maneira nenhuma. Em qualquer tempo da eternidade passada, "os tempos antes dos séculos" (Tt 1.2), no passado remotíssimo, que a mente humana não consegue alcançar, ele "era o Verbo", era o mesmo, o mesmo

de hoje e de sempre, pois ele é imutável.

Além disso, lemos em João 1.3: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez”; ou “por intermédio dele” (ARA). A palavra grega usada aqui é dia,, (dia), “através de, por meio de, por, causa de” (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 894). Essa mesma palavra é aplicada ao Deus-Pai: “Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!” (Rm 11.36). Ora, se é verdade que o Filho foi criado, de acordo com os ensinos de Ário (256-336) e das atuais testemunhas de Jeová, então existe no universo uma criatura que não foi feita por ele, que seria ele mesmo, e, assim, que fazer com o texto sagrado, aqui em foco, que afirma: “Todas as coisas foram feitas por ele”? O texto joanino é claro e objetivo ao mostrar que nada há nesse infinito universo que não seja criado pelo Senhor Jesus.

Ário usava a Septuaginta, Provérbios 8.22, para fundamentar sua doutrina (GAEBELEIN, 1991,

vol. V, p. 946). No texto hebraico aparece a expressão: (YHVH qãnâni), "O SENHOR me possuiu" (ARC); "O SENHOR me possuía" (ARA); "Jeová me possuiu" (TB), mas a Bíblia de Alexandria traduziu por "O Senhor me criou", (Kurios ektisen me). Porém, temos nessa passagem duas questões, uma lexicográfica e outra teológica.

O sentido do verbo 25 (qãnâ), segundo os dicionários e léxicos hebraicos, é "obter, adquirir, criar" (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 1351); "fundar, criar, adquirir, comprar" (GESENIUS-TREGELLES, 1982, p. 735); "adquirir, comprar,... II "criar, produzir" (HOLADAY, 1993, p. 320). Esse verbo aparece 83 vezes no Antigo Testamento (BOTTERWECK & RINGGREN, 1990, vol. XII, p. 59); "mas existem seis passagens em que qãnâ parece ter o sentido de 'criar'" (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 1352). Essas passagens são: Gn 14.19, 22; Dt 32.6; Sl 74.2 [73.2]; 78.54 [77.54]; 139.13, que a Septuaginta traduziu por "criar". A ARC traduziu qânâ por "possuir" em Gênesis 14.19, 22 e no

salmo 139.13; por “comprar” no salmo 74.2; por “adquirir” em Deuteronômio 32.6 e no salmo 78.54. A ARA, com exceção de Gênesis 14.19, 22, “que possui” e do salmo 139.13, “tu formaste”, e demais passagens traduziram por “adquirir”.

A TB traduziu Gênesis 14.19, 22 por “Criador”, e nas demais passagens estão exatamente iguais a ARA. Veja que o sentido de “criar” nessas passagens é uma possibilidade e não necessariamente uma realidade, pois não traz nenhum prejuízo teológico e nem altera a mensagem. Ser Possuidor ou Criador do céu e da terra, na bênção proferida por Melquisedeque, diz a mesma coisa. Segundo o dicionário The Theological Dictionary of the Old Testament, “o significado ‘criar’ é para ser rejeitado”, e acrescenta: “Nenhum dos substantivos derivados de qãnâ (qyni n, miqnâ, miqneh) nunca se refere a concepção ou criação” (BOTTERWECK & RINGGREN, 1990, vol. XII, p. 59).

É bom nunca perder de vista o fato de que "criar", no hebraico, é (bãrâ'), "criar (usado só para Deus)" (HOLADAY, 1993, p. 46). "A palavra é usada... somente com referência à atividade de Deus... Esse uso distinto da palavra é especialmente apropriado ao conceito de criação por meio do fiat divino... A raiz bãrâ' denota o conceito de 'iniciar alguma coisa nova'" (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 212). O conceito hebraico de "criar" é muito diferente de "possuir". O Léxico de Gesenius apresenta uma nota que diz: "Não parece haver nenhum fundamento suficiente para atribuir o sentido de 'criar' em todas as passagens em favor daquele sentido; 'possuir' parece ser o significado verdadeiro" (GESENIUS-TREGELLES, 1982, p. 735).

O verbo qãnâ, em Provérbios 8.22, foi traduzido por "criar" em algumas versões antigas (Septuaginta, Targum e Siríaca), e esse reflexo pode ser visto ainda hoje em algumas versões, na VR e na NTLH, mas Jerônimo usou possedit, "possuiu", na Vulgata Latina. O Comentário Bíblico Moody

diz: “O Senhor me possuía simplesmente significa: Eu era o Senhor”.

A questão teológica é que não há vínculo direto da “Sabedoria” de Provérbios 8 com Cristo, ou seja, a Bíblia não afirma de maneira expressa que essa Sabedoria seja o Senhor Jesus. Essa associação foi feita por Tertuliano (155-222) como um dos dois estágios da história do Logos (Contra Práxeas, 1994, VII). Para Justino, o Mártir, essa sabedoria divina é o Logos (Diálogo, 1995, 61.1); mas para Irineu a Sabedoria é o Espírito Santo (Contra as Heresias, 1995, 4.20.3). Até hoje, muitos expositores da Bíblia não concordam que essa sabedoria seja o Logos (PFEIFFER, 1985, vol. II, p. 457, 458). Essa interpretação da patrística não é uniforme, e além disso, é questionada por muitos expositores, ao longo da história do cristianismo. “A Sabedoria não é Deus, mas de Deus; ela é a existência pessoal do Logos do N.T., mas não é ela própria o Logos” (KEIL-DELITZCH, 1968, p. 183).

O conceito de eternidade do Logos é o mesmo que a Bíblia apresenta como um dos atributos incomunicáveis de Deus: “O teu trono está firme desde então; tu és desde a eternidade” (Sl 93.2). Isso significa que Deus é livre de toda a distinção temporal de passado ou de futuro, ele não teve um começo e nem terá fim em seu Ser, é de duração infinita de tempo, sem início nem fim. É essa a idéia que o apóstolo transmite ao afirmar “no princípio era o Verbo”.

“E o Verbo estava com Deus” (Jo 1.1b). O termo “Deus”, nessa cláusula, é uma referência ao Pai, pois o nome grego theos, “Deus”, no Novo Testamento, quando vem acompanhado do artigo ou sem outra qualificação, refere-se sempre ao Pai, veja os seguintes exemplos: (ho de autos theos...), “mas é o mesmo Deus” (1 Co 12.6), o artigo é “ho”; (kai hẽ ágapẽ tou theou), “e o amor de Deus” (2 Co 13.13), “tou” é a forma flexionada de ho; (heis theos kai patẽr pantõn), “um só Deus e pai de

todos", "patẽr" é o qualificativo (Ef 4.6); (eis doxan theou patros), "para a glória de Deus Pai", patros é o qualificativo (Fp 2.11), são alguns exemplos. Nem sempre a presença do artigo grego aparece nas versões em língua moderna. Aqui, a expressão pros ton theon, "com o Deus", mostra idéia de um relacionamento dinâmico numa comunhão perfeita na eternidade passada entre o Pai e o Filho. A preposição grega pros, "com", na construção feita pelo apóstolo indica um plano de intimidade e igualdade, face a face.

Assim, a parte b de João 1.1 mostra o Pai como Pessoa distinta do Verbo, contra o pensamento modalista e, também, contra os unicistas da atualidade. Esses grupos, embora defendam a divindade de Jesus, negam a doutrina bíblica da Trindade. Segundo eles, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma só pessoa, recusam aceitar a doutrina da existência de um só Deus em três pessoas "em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.29). O Modalismo é uma crença muito antiga, que surgiu e logo desapareceu da

história do cristianismo. Esse movimento inspirou os atuais movimentos unicistas.

Segundo Paulo de Samosata (bispo de Antioquia entre 260-272), o Espírito Santo seria mero atributo impessoal de Deus. Essa doutrina era o prenúncio do arianismo. Por outro lado, os monarquianistas modais ensinavam que as três Pessoas da Divindade se manifestavam por vários modos, daí o nome modalista. Defendiam o monoteísmo, a divindade absoluta de Cristo e do Espírito Santo, mas confundiam as três Pessoas da Trindade. Segundo essa doutrina, Deus não seria um Ser em três Pessoas, mas três modos. Trata-se de um pensamento teológico rejeitado pela patrística, foi combatido por Hipólito, Tertuliano e Origines dentre os demais, e mais tarde pelos reformadores. (O tema do unicismo será retomado no capítulo três, Jesus Cristo Verdadeiro Homem, Verdadeiro Deus).

A manifestação das três pessoas distintas é clara

nas Escrituras. O batismo de Jesus (Mt 3.16, 17) e a oração sacerdotal de Cristo, em João 17, são exemplos clássicos contra a teologia deles (Jo 8.17, 18; 1 Jo 2.22-24). O apóstolo volta a enfatizar que o Pai é uma pessoa e o Filho, outra, no vesículo seguinte, “ele estava no princípio com Deus” (Jo 1.2).

“E o Verbo era Deus” (Jo 1.1c). A idéia nesse versículo é progressiva, uma declaração vai esclarecendo a anterior até culminar com a declaração enfática “e o Verbo era Deus”. Se o prólogo do evangelho João (1.1-14) fosse o único lugar nas Escrituras em favor da divindade do Verbo já teríamos subsídios suficientes, entretanto, essa doutrina é ensinada em todo o contexto bíblico. Jesus é Deus igual ao Pai (Jo 5.18, 10.30;

Cl 2.9).

Ele é apresentado como Criador de todas as coisas: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). O Criador do mundo agora estava ele entre os homens: “estava no mundo e o mundo foi feito por ele” (Jo 1.10); como Vida e Luz: “nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens” (Jo 1.4). Tanto o Pai como o Filho são a fonte da vida: “amando o SENHOR, teu Deus, dando ouvidos à sua voz e te achegando a ele; pois ele é a tua vida” (Dt 30.20); “como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo” (Jo 5.26).

Vida é contrário de morte, de destruição, e a vida que Jesus veio trazer é a vida eterna, não simplesmente pela sua duração, mas pela sua qualidade, é a vida de Deus cheia de gozo e alegria, oferecida a todos os pecadores que se arrependerem de seus pecados. Jesus disse: “eu sou o caminho, e

a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). No penúltimo capítulo do evangelho de João, o apóstolo declara "que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.30).

Luz é um atributo divino, é verdade que Jesus ensinou no Sermão do Monte que seus discípulos são "a luz do mundo" (Mt 5.14), mas não temos luz própria. Assim, como a lua reflete na Terra a luz do sol, da mesma maneira nós refletimos para o mundo a luz de Cristo. Todo o contexto bíblico mostra e ensina de maneira enfática e expressa que Deus é Luz (1 Jo 1.5), que "habita na luz inacessível" (1 Tm 6.16). Esse termo aparece mais de 20 vezes no evangelho de João, e Jesus é apresentado nele como a luz do mundo: "Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida" (Jo 8.12). No relato da Criação afirma que Deus, pelo poder de sua Palavra, fez aparecer a luz, que desfez o caos (Gn 1.2,3). O Senhor Jesus é a "luz que alumia a todo o homem

que vem ao mundo" (Jo 1.9) e desfaz o caos da vida humana.

“E O VERBO SE FEZ CARNE”

No prólogo do seu evangelho, o apóstolo João descreve algumas características e atributos divinos e encerra afirmando explicitamente que o Verbo se tornou homem: “e o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14). Ele habitou entre nós. O verbo grego usado, aqui, para “habitar” é (skẽnoõ) “morar em uma tenda”, (BALZ & SCHNEIDER, 2002, vol. II, p. 1431);, (skẽnẽ) significa “tenda, cabana, tabernáculo”. O apóstolo empregou um verbo que indica morada provisória, diferente daquele que o apóstolo Paulo usou para enfatizar a sua divindade: “porque nele habita corporalmente toda a plenitude

da divindade" (Cl 2.9). O verbo grego, nesse caso, é (katoikeõ), "viver, habitar" e cuja idéia é de morada permanente (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 2269, 2270). Ele andou entre nós, manifestando os atributos da divindade. As características divinas do Verbo feito carne são demonstradas ao longo de sua narrativa.

O termo Logos foi estratégia do Espírito Santo ao inspirar o apóstolo João na produção de seus escritos. Esse vocábulo foi um recurso extraordinário, naquela época, para alcançar judeus e gregos, pois era do conhecimento desses povos o conceito de "palavra", ou seja, dâbâr, em hebraico e logos, em grego. Porém, a discussão é sobre o conceito joanino do Logos, era o dos gregos ou o dos judeus? Ou mais precisamente de Filo de Alexandria? O certo é que há elementos de todas as correntes na cristologia bíblica, e, mais especificamente, no Logos joanino, tendo alguns lampejos nas escolas gregas e em Filo. As traduções hebraicas do Novo Testamento usam dãbãr, em João 1.1, 14; 1 João 1.1 e Apocalipse 19.13.

Convém ressaltar que a idéia grega é impessoal, porém, o Logos de João 1.1 é pessoal e recebeu o nome Jesus ao vir ao mundo. Foi o termo usado para que a mensagem do evangelho fosse perfeitamente compreensível pelas civilizações semítica e grego-romana, "primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16). A palavra é o principal recurso numa comunicação, por isso Deus revelou-se a si mesmo por meio de sua Palavra: "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho Unigênito, que no seio do Pai, este o fez conhecer" (Jo 1.18), ou "o Deus unigênito", de acordo com alguns manuscritos (ARA).

Reúnem-se em Jesus todas as qualidades divinas que o descreve como o único Salvador da humanidade. Sua história e suas obras não se limitam ao período entre o nascimento e a morte, ele esteve presente desde a eternidade passada, atuou na história do povo de Israel, veio como homem e sua glória foi vista pelos de sua geração, realizou a obra da redenção na cruz do Calvário, retornou ao Céu, de onde dirige a sua igreja, e

voltará em glória para estabelecer a paz universal.

O conceito de "filho" na Bíblia é muito diversificado e merece atenção especial, principalmente quando aplicado a Jesus. O desconhecimento desse assunto e mais o emprego de uma exegese ruim já levaram muita gente a uma cristologia inadequada. O exemplo clássico disso é visto em Ário e mantido ainda hoje pelas testemunhas de Jeová. O estudo do termo, no presente capítulo, enfoca a pessoa de Jesus. Ele é apresentado por esse título desde o Antigo Testamento, sendo mais freqüente no Novo, mas, o que isso significa?

O SIGNIFICADO DE "FILHO"

O Antigo Testamento emprega dois termos para "filho", um hebraico (bẽn), "filho, neto, membro de um grupo" (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 190), e outro aramaico (bar), "filho" (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 211). A palavra hebraica apresenta um sentido mais

amplo do que nas línguas modernas do Ocidente. Não indica apenas descendente como filho, neto, bisneto *etc.* É empregado à cria de animais (Sl 147.9), o termo bẽn aparece, também, como ramo ou broto de árvores, como em Gênesis 49.22, três vezes, duas no singular e uma no plural: "José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus ramos correm sobre o muro". É usado para representar um grupo, como "filhos de Israel, filhos de Sião" (Sl 149.2), "filhos de Babilônia" (Ez 23.15); serve para indicar o gênero, como "filho do homem", para representar o gênero humano: "que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem para que o visites?" (Sl 8.4); e também, para indicar uma classe, como os filhos dos profetas (1 Rs 20.35; Am 7.14).

O Novo Testamento emprega cerca de dez termos gregos para filho: (huios), "filho", que aparece 379 vezes, está presente em quase todos os livros do Novo Testamento, exceto em Efésios, nas epístolas pastorais, em Filemon, 3 João e Judas (BALZ & SCHNEIDER, 2002, vol. II, p. 1824);

em segundo lugar vem (teknon), “filho, criança”, 99 vezes (BALZ & SCHNEIDER, 2002, vol. II, p. 1701); em terceiro, (paidion), “criança pequena”, 52 vezes (BALZ & SCHNEIDER, 2002, vol. II, p. 679); em seguida, (pais), “criado, criança, filho”, 24 vezes (BALZ & SCHNEIDER, 2002, vol. II, p. 682); as demais aparecem entre duas e uma vez (PETTER, 1987, p. xliii).

A expressão “filho (s) de Deus”/ (‘ẽlõhîm), “Deus”, em hebraico, aparece em Gênesis 6.2, 4 e Jó 1.6; 2.1; 38.7, ou (‘ẽlîm), plural de (’ẽl), “Deus” (Sl 29.1; 89.6), traduzido por “poderosos” na ARC e a ARA traduz por “Deus” (Sl 29.1) e “seres angelicais” (Sl 89.6). A forma aramaica é (bar-‘ẽlãhîm), “filho de deus” (Dn 3.25). Em todas essas passagens a expressão é de significado incerto. Em Gênesis, há os que defendem a idéia de anjos, nós entendemos tratar-se dos descendentes de Sete, em Jó, uns afirmam que são anjos, outros, de humanos tementes a Deus e alegam que Deus nunca chamou anjo de filho: “a qual dos anjos disse

jamais: Tu és meu Filho, hoje te gerei?" (Hb 1.5). Porém, Jó 38.7 parece retroceder a um período anterior a criação do homem.

“

QUALQUER QUE CONFESSAR QUE JESUS É O FILHO DE DEUS, DEUS ESTÁ NELE E ELE EM DEUS

”

1 JOÃO 4.15

2

Jesus,

o Filho de Deus

O conceito de filhos de Deus no Antigo Testamento, com respeito aos filhos de Israel, denota relação mediante aliança, concerto, de maneira coletiva, a Israel no todo (Os 1.11). O hebreu devoto naquela época não se apresentava individualmente como filho de Deus. Os judeus não ousam chamar a Deus de Pai, embora o Antigo Testamento apresente Deus como o Pai de Israel (x 4.22; Jr 31.9). Os muçulmanos prostram-se diante de Alá, seu Deus, como escravos e não como

filhos. Dizem que é blasfêmia chamar Deus de Pai.

No Novo Testamento, essa filiação é por adoção e é individual, algo de foro íntimo, por isso clamamos "Aba, Pai" (Rm 8.15), ou seja, "Papai", é a relação espiritual de Deus com os seres humanos mediante o sacrifício do Calvário. Não é uma filiação de maneira coletiva, como Israel, nos tempos do Antigo Testamento. A expressão "Filho de Deus", aplicada a Jesus, tem um sentido diferente quando se aplica a nós. Temos tal posição por adoção, e não se trata de uma questão de substância ou essência. Deus concedeu-nos essa posição pelo mérito da obra redentora de Cristo "a fim de recebermos a adoção de filhos. E, por que sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai" (Gl 4.5, 6).

A palavra profética, no Antigo Testamento, usa o termo "filho" para Jesus: "Tu és meu Filho, hoje te gerei" (Sl 2.7), isso é atestado no Novo Testamento

(At 13.33; Hb 1.5; 5.5). A segunda parte de Hebreus 1.5: “eu lhe serei por Pai, e ele me será por Filho” é cumprimento de outra profecia do Antigo Testamento (2 Sm 7.14). A profecia messiânica proferida pelo profeta Isaías: “porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu” (Is 9.6) é outro exemplo.

O FILHO UNIGÊNITO

A expressão "Filho Unigênito" revela a divindade de Cristo. O adjetivo "unigênito", (monogenẽs), vem de dois vocábulos gregos: (monos), "único, só, solitário" (BALZ & SCHNEIDER, 2002, vol. II, p. 324); e (genẽs), que apresenta duas possibilidades: parece vir de (gennaõ), "gerar, dar à luz, produzir" (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 731). Por causa disso há ainda quem afirme que o (gen) de

genes vem de gennaõ, nesse caso tal palavra significaria "único gerado", como sugere a expressão inglesa "only-begotten", usada nas suas principais versões da Bíblia nessa língua. A outra possibilidade, que parece receber apoio em todo o contexto bíblico, é o substantivo (genos), "raça, cepo, tipo" (LIDDELL & SCOTT, 1990, p. 344); "descendência, família, cepo, raça, nação" (THAYER, 1991, p. 113); "linhagem, espécie, classe" (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 735); de onde vem o gen da genética, responsável pela transmissão dos caracteres dos pais para os filhos.

O termo unigênito só aparece nove vezes no Novo Testamento. Três, em Lucas, "filho único de sua mãe" (7.12); "uma filha única" (8.42); "meu filho, porque é o único que eu tenho" (9.38). Uma vez, em Hebreus, referindo-se a Isaque: "ofereceu o seu unigênito" (Hb 11.17); as outras cinco vezes nos escritos joaninos, sendo todas elas referindo-se a Jesus: "como a glória do unigênito do Pai" (Jo 1.14); "o Filho unigênito que está no seio do Pai"

(Jo 1.18); “deu o seu Filho unigênito... no nome do unigênito Filho de Deus” (Jo 3.16, 18); “Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos” (1 Jo 4.9).

A Septuaginta traduziu a palavra (yachid), que traz a idéia de “solitário, isolado” (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 609), por monogenẽs, no salmo 22.20 [21.21]; (“predileta”, na ARC; “solitário” em 25.16 [24.16]), não havendo idéia de “gerar”. Isaque é chamado de unigênito de Abraão (Hb 11.17), e a Bíblia diz que Abraão gerou também Ismael (Gn 25.12) e teve mais filhos com Quetura (25.1,2). Isso mostra que a palavra reflete a idéia de natureza, caráter, tipo, e não de geração. “Unigênito” significa o “único da espécie, único do tipo”. Jesus é singular, único Filho de Deus que tem a essência do Pai. A idéia não é de “único gerado”, embora o termo “gerado” não seja, em si mesmo, sinônimo de criatura, contudo, a pré-existência de Cristo é eterna por isso ele é chamado de Pai da Eternidade (Is 9.6).

D. A. Carson afirma que essa primeira etimologia é traiçoeira, pois gen pode vir de genos "raça, tipo" (CARSON, 1992, p. 28). Segundo Horst Balz & Gerhard Schneider: (monogenẽs) significa único, um só de sua classe, singularíssimo (deriva-se de monos e genos). Esse significado encontra-se em Platão... de maneira parecida em Plutarco" (BALZ & SCHNEIDER, 2002, vol. II, p. 321,322). A Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã afirma: "A segunda metade da palavra não é derivada de gennao, mas é uma forma adjetiva derivada de genos (origem, raça, tipo, etc.) O termo monogenés pode portanto ser interpretado 'único do seu tipo'... O adjetivo 'unigênito' transmite a idéia de consubstancialidade; Jesus é tudo quanto Deus é e somente Ele é assim" (SHEDD, 1988, p. 595). Segundo Vine, o termo com referência a Jesus, o sentido é "de relação não originada" e indica "o representante exclusivo do Ser e caráter daquele que o enviou" (VINE; UNGER; WHITE JR., 2003, p. 1045).

O PRIMOGÊNITO DE TODA A CRIAÇÃO

O Senhor Jesus é chamado, ainda, de primogênito: “o qual é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Cl 1.15). Esse, porém, é um dos versículos prediletos das testemunhas de Jeová, pois elas acreditam que essa passagem bíblica apóia a sua teologia, pois afirmam

que Jesus não pode ser Deus porque é chamado na Bíblia de “o primogênito da criação”, sendo assim, seria criatura, e não eterno. Esse pensamento está baseado numa interpretação errada. O texto diz que Jesus é o primogênito de toda a criação, e não o primogênito de Deus.

A “imagem do Deus invisível” fala da divindade de Jesus. A palavra grega (eikõn), “imagem, semelhança, arquétipo” (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 1180), expressa duas idéias, ambas compatíveis com Cristo e sua obra: aparência e manifestação, pois ele é a expressa imagem de Deus (Hb 1.3) e também a sua manifestação (Jo 1.18; 1 Jo 1.1-3). O Novo Testamento ensina a manifestação de Deus em Cristo, o Deus que assumiu a forma humana: “aquele que se manifestou em carne” (1 Tm 3.16); “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Co 5.19).

A Bíblia emprega o termo hebraico. (bᵉkôr),

“primogênito, primeiro, filho mais velho” (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 181); “excelente” (BOTTERWECK & RINGGREN, 1990, vol. II, p. 126) e o grego (prõtotokos), “o primeiro em nascer, o primogênito” (BALZ & SCHNEIDER, 2002, vol. II, p. 1248); “primogênito, primeiro, chefe” (BAILLY, 1950, p. 1694). Os escritores sagrados usaram essas palavras com o sentido de importância, prioridade, posição, primazia, preeminência. Assim, o termo “primogênito” aplicado a Cristo, em nada desabona a sua eternidade por duas razões principais: a Bíblia mostra a eternidade do Filho (Is 9.6; Mq 5.2; Hb 13.8; Jo 1.3) e os vocábulos b$_{e}$kôr e protõtokos nem sempre significam o “filho mais velho”, mas o que tem primazia e preeminência.

O termo “primogênito” aparece com o sentido de destaque, por exemplo: Davi é o filho mais novo de Jessé (1 Sm 16.11), entretanto é chamado de “primogênito”, como afirma o salmo 89.27: “Também por isso lhe darei o lugar de primogênito;

fá-lo-ei mais elevado do que os reis da terra". Esse primogênito não quer dizer o mais velho ou o primeiro numa série, mas uma posição de destaque, uma preeminência, uma posição de certa primazia. Significa domínio.

Sabemos que o povo de Israel não foi o primeiro povo da terra. Antes mesmo de Abraão já existiam os sumérios, os acádios, os amorreus. Nos dias de Abraão havia os egípcios, os cananeus, os heteus e muitos outros povos. O povo de Israel, no entanto, é chamado de primogênito em xodo 4.22: "Assim diz o SENHOR: Israel é meu filho, meu primogênito". Da mesma forma acontece com Efraim, embora fosse filho mais novo de José, nascido no Egito (Gn 48.18, 19), é chamado de primogênito. A Bíblia declara: "... porque sou um pai para Israel, e Efraim é o meu primogênito" (Jr 31.9).

Esse conceito está presente, também, no Novo Testamento e pode ainda ser visto com relação à

igreja, cujos membros são chamados de primogênitos, em Hebreus 12.23, que diz: “à universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus”. Agora, procure o leitor, aqui, dar o sentido de “o mais velho” ou “o primeiro de uma série” ao vocábulo “primogênito”, e veja o absurdo. Substitua a expressão “primogênito” por “mais velho” em Hebreus 12.23 e veja o absurdo. A Igreja de Jesus Cristo é formada de primogênitos, afirma essa passagem. Qual, pois, é o sentido dessa palavra? Esaú jogou fora seu direito de primogenitura (Hb 12.16, 17), nós, como membros do corpo de Cristo, desfrutamos os privilégios de primogênito, isso fala de posição, excelência, e não de idade. Devemos, portando, guardar essas prerrogativas para não a jogarmos fora (Ap 3.11).

O apóstolo Paulo chama Jesus de “o primogênito de toda criação” (Cl 1.15), não que seja a primeira criatura, ele faz questão de deixar isso claro nos versículos seguintes. Analisando Colossenses 1.15, à luz do próprio texto fica claro que ninguém pode

afirmar e negar uma coisa ao mesmo tempo. Jesus é apresentado como Criador e não como criatura: “Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele” (Cl 1.16). No versículo seguinte, ele é apresentado de maneira categórica como ser que transcende à criação, Jesus não faz parte da criação, é um Ser à parte da criação: “E ele é antes de todas as coisas e todas as coisas subsistem por ele” (Cl 1.17); e conclui: “e ele é a cabeça do corpo da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência” (Cl 1.18). O texto ensina, aqui, que Jesus é o Criador, o Preeminente sobre todas as suas criaturas. A Bíblia não ensina em nenhum lugar ser Jesus uma criatura de Deus; antes, o contrário, ensina que ele mesmo, isto é, Jesus Cristo, é Javé-Deus.

O DEUS-FILHO

Já foi mostrado acima que a idéia de filho na Bíblia é muito ampla e que uma delas revela identificação de gênero. A expressão "filho do homem" é usada para designar o próprio homem como ser humano (Sl 8.4). Implica igualdade com o pai (Mt 23.29-31).

Esse conceito é aplicado largamente no Novo

Testamento em relação a Jesus como “Filho de Deus”, e muitas vezes, mal interpretado por religiões não cristãs, como o islamismo. Os muçulmanos rejeitam essa doutrina considerando blasfêmia a idéia de Deus gerar filho numa mulher dentro do padrão de reprodução humana. É claro que qualquer cristão rejeita também essa caricatura que o islamismo criou do referido termo. As testemunhas de Jeová, também, empregam conceitos inadequados, pois afirmam que ser “filho de Deus” não é a mesma coisa que ser Deus. Costumam perguntar: “Você é seu pai?” Ou “seu filho? É óbvio que a resposta é negativa, assim, concluem, o Pai não poder ser o Filho e nem Filho o Pai. Com essa analogia falsa enganam muita gente: é falsa porque a ortodoxia cristã não ensina serem Pai e Filho uma mesma pessoa, mas o mesmo Deus, também, porque empregam o conceito bíblico de “filho” fora do contexto, para se ajustar a aquilo em que elas acreditam.

A expressão “Filho de Deus” revela a divindade de Cristo. A Bíblia afirma com todas as letras que o

Filho é Deus: “Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos, cetro de eqüidade é o cetro do teu reino” (Hb 1.8). Essa citação é do salmo 45.6, 7 e o nome “Deus”, no referido salmo, é uma referência ao Deus de Israel.

Em João 5.17, Jesus declarou-se Filho de Deus: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”. No versículo seguinte, o apóstolo declara ser isso o mesmo que igual a Deus; “por isso os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (Jo 5.18). Jesus considerava essa relação entre o Pai e o Filho como sinônimo de sua deidade. Encontramos algo semelhante em João 10.30-36. Jesus disse ser um com o Pai: “Eu e o Pai somos um” (v.30). No versículo 33, os judeus disseram: “Não te apedrejamos por obra boa alguma, mas pela blasfêmia, porque sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo”, porém, Jesus declarou-se Filho de

Deus: “àquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus?” (Jo 10.36). Dessa forma fica claro que a declaração “Filho de Deus” é uma afirmação da sua divindade.

Afirmar, portanto, que o Verbo é a manifestação de Deus aos homens está dentro de todo o contexto bíblico. “Deus nunca foi visto por homem algum, o Filho Unigênito que está no seio do Pai, este o fez conhecer” (João 1.18). A ARA emprega “Deus unigênito”, pois assim consta de alguns manuscritos. O Verbo da Vida foi manifestado aos homens (1 João 1.1-3). A idéia de que o Verbo se tornou Filho na encarnação não tem amplo apoio dos expositores da Bíblia. As Escrituras ensinam que “Filho” é título, sendo assim, sua existência é desde a eternidade não é apenas como o Verbo. Ele já era chamado de Filho mesmo antes da encarnação, na sua manifestação teofânica, na fornalha com os três hebreus, amigos de Daniel (Dn

3.25), antes de vir ao mundo “Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo” (1 Jo 4.9). O verbo enviar, aqui, está no perfeito, que na língua grega significa uma ação verbal que começou no passado e o resultado está presente, é o presente de uma ação passada. Esse aspecto verbal indica que Ele já era Filho quando foi enviado pelo Pai ao mundo e continua sendo Filho.

É falaciosa a teologia unitarista de Ário defendida, ainda hoje, pelas testemunhas de Jeová, pois defende a idéia de que Jesus não é Deus, mas o “Filho de Deus”. O conceito de Filho na filosofia judaica implica a igualdade com o pai. No segundo livro dos Reis, nos dois primeiros capítulos, a expressão “Filhos dos profetas”, equivale a “os profetas”. Tanto faz dizer filhos de profetas ou profetas (1 Rs 20.35; Am 7.14). “Filho de Deus” revela a sua deidade, assim como “Filho do homem” revela a sua “humanidade”. Filho de Deus é uma expressão bíblica para referir-se a relação única do Filho Unigênito com Pai. A expressão “Filho de Deus” revela a divindade de Cristo,

portanto, o conceito do citado grupo religioso de que Jesus é o Filho de Deus, mas não o próprio Deus, é uma contradição em si mesma.

O conceito de Pai-Filho, na Trindade, não deve ser comparado com o processo de reprodução humana e nem no relacionamento pai-filho numa família entre os humanos. Os muçulmanos consideram ofensa chamar Jesus de "Filho de Deus", pois analisam essa relação no plano humano. Eles crêem que pregamos que Deus teve relações sexuais com Maria, pois assim interpretam ser esse o nosso conceito de "Filho de Deus". Diz a religião islâmica: "Originador dos céus e da terra! Como poderia ter prole, quando nunca teve esposa, e foi Ele Que criou tudo o que existe, e é Onisciente?" (Alcorão, 6.101). Não há cristão no mundo que pensa dessa maneira e nem é esse o ensino bíblico. Na versão árabe da Bíblia, há uma grande diferença entre a palavra "filho" de Deus e "menino" de Deus. Em árabe, encontramos as palavras ibn e walad. A palavra ibn significa "filho", enquanto walad tem vários significados: pode ser

filho, mas também significa criança ou menino. Sua raiz significa gerar fisicamente alguém. Por esse motivo o Novo Testamento árabe nunca chama Jesus “walad Allah”, chama-lhe “Ibn Allah”, que significa: “O que provém de Deus”. A expressão “Filho de Deus” nas Escrituras Sagradas, referindo-se a Jesus, indica sua origem divina, sua procedência e revela a mesma essência e natureza do Pai. Jesus disse: “Saí e vim do Pai ao mundo” (Jo 16.28).

O próprio Deus apresentou Jesus como seu Filho por ocasião do batismo, no rio Jordão (Mt 3.17; Mc 1.9; Lc 3.22), e da transfiguração, no monte (Mt 17.5; Mc 9.7; Lc 9.35). Por revelação divina o apóstolo Pedro declarou: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16). O apóstolo Paulo afirma: “que desde o ventre de minha mãe me separou e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim” (Gl 1.15, 16).

O próprio Senhor Jesus afirmou várias vezes ser

o Filho de Deus (Mt 11.27; 24.36; 28.19; Jo 5.25; 9.35; 11.4), até em juízo, mesmo sabendo que isso resultaria em sua morte: “E disseram todos: Logo, és tu o Filho de Deus? E ele lhes disse: Vós dizeis que eu sou” (Lc 22.70). Mateus e Marcos registraram, ainda, que Jesus afirmou que breve desceria nas nuvens do céu à direita do poder de Deus (Mt 26.63, 64; Mc 14.61, 62). Ele poderia ter escapado da cruz se se declarasse como apenas um filho de Deus, entretanto, reafirmou a verdade acerca de sua identidade. Essa afirmação aparece inúmeras vezes no Novo Testamento, são, portanto, evidências abundantes, provas escriturísticas robustas e indestrutíveis. O apóstolo João parece colocar num mesmo bojo os ateus e os que negam ser Jesus o Filho de Deus. Negar isso é o mesmo que chamar a Deus de mentiroso, pois é o próprio Deus quem afirma essa verdade (1 Jo 5.9-12).

“

DOS QUAIS SÃO OS PAIS, E DOS QUAIS É CRISTO, SEGUNDO A CARNE, O QUAL É SOBRE TODOS, DEUS BENDITO ETERNAMENTE. AMÉM!

”

ROMANOS 9.5

Jesus,

verdadeiro homem, verdadeiro Deus

O presente capítulo trata das naturezas humana e divina de Cristo, e isso envolve o tema sobre o monoteísmo bíblico e a Trindade. Ele andou entre nós, apresentou todas as características do ser humano, exceto o pecado, e também manifestou a sua glória como Deus. O assunto requer sobriedade

e prudência, pois trata-se de uma questão de vida ou morte, Jesus disse: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3).

Quando ele foi interrogado acerca do maior de todos os mandamentos, citou a confissão de fé do judaísmo (Dt 6.4) como o maior de todos os mandamentos: “E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento” (Mc 12.29, 30). A doutrina sobre Deus é de vital importância, uma interpretação errada compromete todo o pensamento teológico. A

vida eterna é o maior de todos os mandamentos está vinculada ao tema do presente estudo.

O MONOTEÍSMO BÍBLICO

Monoteísmo é a crença em um só Deus. As Escrituras ensinam que existe um só Deus e que Deus é um só. Essa doutrina vem desde a antiguidade (Dt 6.4; 2 Rs 19.15; Ne 9.6; Sl 83.18; Sl 86.10). O Deus de Israel, revelado no Antigo Testamento, é o mesmo Deus do cristianismo. Jesus

não somente ratificou o monoteísmo judaico como também afirmou que o Deus Javé, de Israel, mencionado em Deuteronômio 6.4-6, é o mesmo Deus que o Filho revelou (Mc 12.29-32). O apóstolo Paulo pregava para judeus e gentios o mesmo Deus revelado por Jesus: "O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a sua vontade, e vejas aquele Justo, e ouças a voz da sua boca" (At 22.14). Ele enfatizava sempre o monoteísmo: "Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele" (1 Co 8.6); "Ora, o medianeiro não o é de um só, mas Deus é um" (Gl 3.20); "Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós" (Ef 4.6).

Pelo exposto até aqui, observa-se que a Bíblia ensina com todas as letras, de maneira expressa, haver um só Deus, e que Deus é um só. Todavia, afirma que o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus. O nome "Deus" aplica-se ao Pai sozinho (Fp 2.11), da mesma forma ao Filho

(Cl 2.9) e ao Espírito Santo (At 5.3,4). Aparece, na maioria das vezes, com referência à Trindade (Dt 6.4). Isso também ocorre com o nome Javé, mais conhecido como Jeová, ou "SENHOR", na ARC. Aplica-se, também, ao Pai sozinho (Sl 110.1), ao Filho (comp. Is 40.3; Mt 3.3), ao Espírito Santo (Ez 8.1,3) e à Trindade (Dt 6.4; Sl 83.18). Visto que o Antigo e o Novo Testamento atestam o monoteísmo, como fazer com a Trindade?

O Novo Testamento não contradiz o Antigo, mas torna explícito o que dantes estava implícito nessa primeira parte das Escrituras, pois a unidade de Deus não é absoluta. O Deus verdadeiro não é uma mônoda estéril de modo que o Antigo Testamento revela a unidade na Trindade, ao passo que o Novo revela a Trindade na unidade. Essa doutrina não neutraliza, nem contradiz o monoteísmo e nem a doutrina da Unidade anula a Trindade, essa doutrina consiste em um só Deus em três Pessoas, o que é diferente do triteísmo (três deuses).

O nosso conceito trinitariano segue o modelo do Credo de Atanásio: “Adoramos um Deus em trindade, e trindade em unidade; não confundimos as Pessoas, nem separamos a substância”. A Trindade pode ser entendida como a união de três Pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em uma só

Divindade, sendo iguais, eternas, da mesma substância, embora distintas, sendo Deus cada uma delas (Mt 28.19, 1 Co 12.4-6; 2 Co 13.13; Ef 4.4-6). O termo “pessoa” não é muito apropriado para aplicar às três identidades distintas da Trindade. O que queremos dizer com isso é que se trata da união de três identidades pessoais em um só Ser, Indivíduo, Deus, uma só existência ou essência. A natureza divina é uma, mas as Pessoas divinas, três.

A fé cristã não admite a existência de outros deuses: “... antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá” (Is 43.10); “... e fora de mim não há Deus” (Is 44.6). É verdade que

a Bíblia faz menção de deuses falsos. Se são falsos, não podem ser Deus. Uma nota falsa de um dólar não é um dólar. Da mesma maneira, deus falso não é divindade. A crença em um só Deus e nas demais divindades é henoteísmo, enquanto que o cristianismo é monoteísta. São deuses apenas na mente de seus adoradores. Na realidade não passam de ídolos. A Bíblia afirma que eles não são de fato deuses: "Mas, quando não conhecíeis a Deus, servíeis aos que por natureza não são deuses" (Gl 4.8). São os demônios que estão por trás desses ídolos (1 Co 10. 19-21).

"Porque há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1 Tm 2.5). Jesus Cristo é o eterno e verdadeiro Deus e ao mesmo tempo o verdadeiro homem. Tornou-se homem para suprir a necessidade dos seres humanos. O termo EMANUEL, que o próprio escritor sagrado traduziu por "DEUS CONOSCO" (Mt 1.23), mostra que Deus está como homem e entre os homens: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do

Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14). O ensino da humanidade de Cristo, no entanto, não neutraliza a sua divindade, pois ele possui duas naturezas, a humana e a divina, o que está claramente expresso no seu nome EMANUEL.

Jesus foi revestido do corpo humano porque o pecado entrou por um homem, e pela justiça de Deus tinha de ser vencido por um homem. A Bíblia diz que o pecado entrou no mundo por Adão (Rm 5.12, 18,19). Jesus fez-se carne. Fez-se homem sujeito ao pecado, embora nunca houvesse pecado, e venceu o pecado como homem (Rm 8.3). A Bíblia mostra que todo o gênero humano está condenado, que o homem está perdido e debaixo da maldição do pecado (Sl 14.2-3; Rm 3.23). Todos são devedores, e por isso ninguém pode pagar a dívida do outro. A Bíblia diz que somente Deus pode salvar (Is 43.11). Então, esse mesmo DEUS tornou-se homem, trazendo-nos o perdão de nossos pecados e cumprindo ele mesmo a lei que promulgara (At 4.12; 1 Tm 3.16; Cl 2.14). Quando Jesus estava na terra, não se apegou às

prerrogativas da divindade para vencer o diabo, mas aniquilou-se a si mesmo, fazendo-se semelhante aos homens (Fp 2.5-8). Como homem, tinha certa limitação em tempo e espaço e, portanto, submisso ao Pai. Eis a razão de ele ter dito em Jo 14.28: "O Pai é maior do que eu".

Os evangelhos revelam atributos característicos do ser humano em Jesus. Todo ser humano nasce de mulher, cresce e morre, tem emoções, alegra-se e entristece-se e seu corpo cansa-se e fatiga-se. Cristo experimentou tudo isso quando esteve entre nós.

• Ele nasceu de uma mulher, embora gerado pela ação sobrenatural do Espírito Santo. Seu nascimento, ou seja, o parto, foi normal e comum como o de qualquer ser humano (Lc 2.6-7).

• Ele cresceu em estatura e em sabedoria (Lc 2.52).

• Ele sentiu sono, fome, sede e cansaço (Mt 8.24; Jo 19.28; 4.6).

• Ele sofreu, chorou e sentiu angústia (Hb 13.12; Lc 19.41; Mt 26.37).

• Ele teve mãe humana, além de irmãos e irmãs (Mt 12.47; 13.55-56).

• Ele morreu, embora ressuscitasse ao terceiro dia, passando pelo ardor da morte (1 Co 15.3-4).

• Ele deu provas materiais de ter corpo humano (1 Jo 1.1; Lc 24.39-41).

• Ele foi feito semelhante aos homens, mas sem pecado (Hb 2.17; 4.15).

Quando o apóstolo Paulo afirma que Jesus "nasceu da descendência de Davi segundo a carne" (Rm 1.3), está descrevendo a sua linhagem humana, conceito previsto desde o Antigo Testamento (Sl 22.22; Is 8.18), cumprido e confirmado no Novo Testamento (Hb 2.12, 13). O fato de pertencer à família do rei Davi revela sua identidade com o gênero humano. O termo "segundo a carne" está vinculado à descendência de Davi, logo, diz respeito à natureza humana. A palavra "carne" é usada, novamente, nessa acepção nessa mesma epístola (Rm 9.5). Sua genealogia foi registrada em Mateus 1.1-17 e Lucas 3.2-38, o que pormenoriza a origem humana. Convinha que ele viesse como homem, pois, se não fosse humano, não poderia sofrer e dessa forma não poderia ser o Salvador dos seres humanos (Hb 2.17).

Houve nos primeiros séculos da história do cristianismo muitas heresias (algumas delas já vimos no capítulo 1) que negavam ter Jesus Cristo vindo em carne. Apolinário ensinava que Jesus era só Deus e que nada havia nele de humano. Da mesma

forma, os gnósticos, pois ensinavam que Jesus não teve um corpo humano, mas um corpo docético, isto é, um corpo como um fantasma. Tanto os apolinarianistas como os gnósticos estavam sobremaneira errados. A Bíblia ensina tanto a divindade como a humanidade de Cristo. "E todo o espírito que confessa que Jesus não veio em carne não é de Deus..." (1 Jo 4.3).

Os grupos religiosos contrários à divindade absoluta de Jesus costumam usar fora do contexto, como ponta de lança, as passagens bíblicas que revelam as características humanas. Isso vem desde os primeiros séculos da Era Cristã. É pecado negar a humanidade de Cristo (1 Jo 4.2-3; 2 Jo 7), do mesmo modo como é pecado negar a sua divindade, pois Jesus é tanto humano como divino (Rm 1.2-4; 9.5).

JESUS CRISTO DEUS

A Bíblia ensina e afirma de maneira explícita que Jesus é Deus igual ao Pai, portanto, da mesma essência ou substância, como já estudamos até aqui. Convém ressaltar que Jesus não é metade Deus e metade homem, nada foi mudado na encarnação, portanto ele é o perfeito homem "Jesus Cristo homem" (1 Tm 2.5), e o perfeito Deus, em toda a plenitude "porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9). O termo grego morphẽ, "forma", usado pelo apóstolo Paulo "sendo forma de Deus" (Fp 2.6), indica essência imutável, portanto, jamais deixou de ser Deus. Há inúmeras referências bíblicas em defesa da divindade de Cristo.

Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chama-lo-ão pelo nome de EMANUEL. (EMANUEL traduzido é: Deus Conosco (Mt 1.23).

Uma citação de Isaías 7.14, cuja profecia se cumpriu no Novo Testamento, “Deus Conosco” é Deus entre os homens. É verdade que muitos personagens da Bíblia trazem o nome de Deus em seus próprios nomes: Daniel “Deus é meu juiz”, Elias, “Javé é Deus”, e assim por diante. Mas aqui, “Deus Conosco” é analisado à luz do seu contexto. São várias as passagens que falam textualmente que Jesus é Deus e também que suas obras divinas e que seus atributos são exclusivos à deidade.

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz (Is 9.6).

Essa profecia é messiânica e fala do nascimento e do ministério de Jesus. Dos nomes apresentados um diz expressamente que ele é Deus, “Deus Forte”, e outro revela um dos atributos incomunicáveis, que é exclusivo da deidade, “Pai da Eternidade”.

Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, sendo rei, reinará e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o nome, com que o nomearão: O SENHOR, Justiça Nossa (YHWH TSIDKENU em hebraico Jr 23.5, 6).

Aqui, temos outra profecia messiânica em que descreve atributos e títulos de Jesus: Renovo de Davi, Renovo justo, Rei de toda a terra, Salvador de Israel. Essas descrições estão reveladas no Novo Testamento na pessoa de Jesus (Rm 1.3; At 3.14; 4.12; Ap 19.16). Por fim, o Renovo de Davi, o Messias, é chamado de “Javé Justiça Nossa”.

E fugireis pelo vale dos meus montes (porque o vale dos montes chegará até Azel) e fugireis assim como fugistes do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá; então, virá o SENHOR, meu Deus, e todos os santos contigo, ó Senhor" (Zc 14.5).

Essa profecia é escatológica e fala do grande livramento de Jerusalém por ocasião da segunda vinda de Jesus. Aqui, o Messias é chamado de "Javé, meu Deus", com todos os santos com ele. Compare essa profecia com a citada em Judas 14.

No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez (Jo 1.1-3).

Veja o comentário dessa passagem no primeiro capítulo, Jesus, o verbo de Deus.

Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam

matá-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era o seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus (Jo 5.18).

Essa passagem é assunto do segundo capítulo, Jesus, o Filho de Deus.

para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai, que o enviou"(Jo 5.23).

O Senhor Jesus ensinou que a honra devida ao Pai é a mesma devida ao Filho. Isso significa que o cristão deve adorar o Pai da mesma maneira que adora o Filho.

Disselhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou (Jo 8.58).

“Eu sou” é um título divino, o Deus de Israel apresentou-se mais de uma vez como “Eu Sou” (x 3.14; Dt 32.39). Jesus declarou-se ser o mesmo “Eu Sou” do Antigo Testamento, e os judeus entenderam a sua mensagem, pois “pegaram em pedras para lhe atirarem” (Jo 8.59). Essa reação é porque sabiam que somente a Deus pertence o título “Eu Sou” e por isso consideravam blasfema a declaração de Jesus.

Eu e o Pai somos um. Os judeus pegaram, então, outra vez, em pedras para o apedrejarem. Respondeu-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas procedentes de meu Pai; por qual dessas obras me apedrejais? Os judeus responderam, dizendo-lhe: Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia, porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo (Jo 10.30-33).

A declaração de Jesus, ser um com o Pai, não se trata apenas de uma unidade de pensamento e de comunhão. Os judeus interpretaram corretamente o

discurso do Mestre, porém não aceitaram essa verdade. Eles disseram: “Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia, porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo” (v. 33). Se o Senhor Jesus não tivesse falado de sua deidade, certamente teria corrigido o mal-entendido, mas não o fez, ele aceitou a acusação dos judeus de declarar-se Deus.

Tomé respondeu, e disselhe: Senhor meu, e Deus meu! (Jo 20.28).

Afirmar que essa declaração de Tomé se trata de uma expressão de surpresa seria anacronismo, pois os judeus ainda hoje não usam o nome de Deus, no contexto judaico da época, seria tomar o nome de Deus em vão. Tomé afirmou ser Jesus o Deus verdadeiro.

Dos quais são os pais, e dos quais é Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém. (Rm 9.5).

Algumas versões truncaram a segunda parte dessa passagem, a Bíblia Viva parafraseada: “e o próprio Cristo foi um de vocês um judeu no que dizia respeito à natureza humana, Ele que agora reina sobre todas as coisas. Glória a Deus para sempre”. As versões católicas como Bíblia do Peregrino, que traduz: “de sua linhagem segundo a carne descende o Messias. Seja para sempre bendito o Deus que está acima de tudo. Amém”, e a Bíblia Edição Pastoral: “e deles nasceu Cristo segundo a condição humana, que está acima de tudo. Deus seja bendito para sempre. Amém!”. Quem se interessa, geralmente, por tradução similar são editores heterodoxos, como as testemunhas de Jeová, ou céticos, como Hugh J. Schonfield.

A questão nessa passagem é quanto à pontuação, pois na antiguidade não havia sinal gráfico de pontuação. A construção apresentada em nossa versão e outras similares como a ARA, TB e NVI é natural. Disse A. T. Robertson em relação às nossas

versões: “Esta é a maneira natural de tomar o sentido da oração, cuja pontuação própria e literal é a seguinte: ‘O qual é sobre todas as coisas Deus bendito pelos séculos... A interposição de um ponto e seguido depois de sarka (ou de um ponto e vírgula) e a iniciação de uma nova oração para a doxologia têm um resultado mui brusco e forçado” (ROBERTSON, tomo 4, 1989, p. 512). O termo “Sarka” é a palavra grega para “carne”. A pontuação pode mudar o sentido da mensagem.

Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus (Fl 2.6).

O texto sagrado está afirmando que o Senhor Jesus não considerou usurpação o ser exatamente igual a Deus, e isso ensina a deidade absoluta de Cristo. Ele “não teve por usurpação ser igual a Deus” simplesmente porque ele já “existia em forma de Deus”.

Para que os seus corações sejam consolados, e

estejam unidos em caridade e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus – Cristo (Cl 2.2).

A parte final desse versículo está de acordo com os textos WH e NA é: (tou mystẽriou tou theou Chistou) WH; (tou mystẽriou tou theou, Chistou) – NA, ambos os textos: "Do mistério de Deus – Cristo". A diferença entre WH e NA está apenas no uso da vírgula depois da palavra theou, mas ambos dizem a mesma coisa. Há algumas variantes nos manuscritos gregos. O aparato crítico da NA apresenta todas as variantes dessa passagem bíblica.

Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Cl 2.9).

Jesus é Deus pleno e absoluto em toda a sua plenitude, e não um deus de segunda categoria. A palavra "divindade" ou "deidade", no texto grego, é (theotẽs) e só aparece uma vez no Novo Testamento grego: "theot, deidade, difere de theiot.,

divindade, como a essência difere da qualidade ou atributo" (THAYER, 1991, p. 288). Essa essência divina ou deidade absoluta, diz o apóstolo, habita corporalmente em Cristo o Deus-Homem e o Homem-Deus.

Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo (Tt 2.13).

O texto sagrado apresenta de maneira direta e inconfundível que Jesus é o "grande Deus".

Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos, cetro de eqüidade é o cetro de teu reino (Hb 1.8).

O texto, aqui, é uma citação do salmo 45.6 e 7, cujo Deus é o Deus de Israel, em hebraico é 'ẽlõhîm, "Deus". O escritor da epístola aos Hebreus afirma, nesta passagem, que o Deus do salmo

citado é Jesus. Veja comentário no segundo capítulo, Jesus, o Filho de Deus.

Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo (2 Pe 1.1).

O texto sagrado afirma a divindade de Jesus.

E sabemos que já o Filho de Deus é vindo e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro; e no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna (1 Jo 5.20).

Em João 17.3, Jesus afirma que existe um só Deus verdadeiro, entretanto, aqui, o texto sagrado afirma de maneira direta que Jesus é o “verdadeiro Deus e a vida eterna”.

Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o transpassaram; e todos as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim! Amém! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-poderoso (Ap 1.7, 8).

Todo o parágrafo do primeiro capítulo de Apocalipse trata da revelação de Jesus Cristo. O versículo 7 afirma: “Eis que vem com as nuvens e todo o olho o verá, até os mesmos que o transpassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim! Amém!” É o Filho que vem com as nuvens, assim, o versículo 8 está falando do mesmo que vem com as nuvens, portanto, não é uma referência ao Pai, mas ao Filho. Existem traduções que trazem “Senhor Deus”, porque assim encontramos em alguns manuscritos gregos, mas isso serve para reforçar a idéia, contida no texto, de que Jesus é o Senhor Deus Todo-poderoso. É o que encontramos mais

adiante: “Não temas; eu sou o Primeiro e o Último” (Ap 1.17), o mesmo “Princípio e o Fim”, de Ap 1.8.

ATRIBUTOS INCOMUNICÁVEIS E TÍTULOS DA DIVINDADE EM JESUS

Além de todos os textos que ensinam explicitamente que o Senhor Jesus é Deus, encontramos também na Bíblia todos os atributos da divindade nele. Eternidade. O atributo da eternidade de Cristo já foi analisado no primeiro capítulo, Jesus, o verbo de Deus.

Onipotência. A Bíblia ensina que o Filho é onipotente, isto é, o Todo-poderoso. Jesus disse: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mt 28.18). Jesus tem todo o poder no céu e na terra; em outras palavras, não há nada no céu e na terra que ele não possa fazer, para ele, não há

impossível. A Bíblia ensina que Jesus já possuía esse poder mesmo antes de vir ao mundo (Fp 2.6-8). Após a sua ressurreição, ele recuperou o mesmo poder e a mesma glória que tinha com o Pai, antes que o mundo existisse (Jo 17.5). Jesus está "acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro" (Ef 1.21). Em Apocalipse 1.8, ele é chamado de (pantokrator), "Todo-poderoso, Soberano universal" (BALZ & SCHNEIDER, 2002, vol. II, p. 699), nome usado pela Septuaginta para traduzir alguns nomes divinos, como o Tetragrama, YHWH, Jeová, (Zc 9.14), (‘ēlōhāî) "meu Deus" (Zc 11.4); . (tsebã'ôth), "Exércitos", vinculado ao nome "SENHOR dos Exércitos" diversas vezes (2 Sm 5.10, 7.8) e (Shadday), "Todo-poderoso", apenas no livro de Jó.

Onipresença. A onipresença é o poder de estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Jesus é ilimitado no tempo e no espaço. Ele disse: "Porque

onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (Mt 18.20), e mais: "Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém" (Mt 28.20). Essas duas passagens mostram que Jesus está presente em qualquer parte do universo porque ele é onipresente. Nós encontramos o cumprimento de suas palavras na própria Bíblia: "E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amém!" (Mc 16.20), e hoje, nos cultos, em nossas vidas, no trabalho, na escola, no lar.

Onisciência. A onisciência é outro atributo que só Deus possui, e, no entanto, Jesus revelou essa onisciência durante o seu ministério. Em João 1.47,48, por exemplo, quando disse que viu Natanael debaixo da figueira. Sabia que no mar havia um peixe com uma moeda, e que Pedro, ao lançar o anzol, o pescaria e com o dinheiro pagaria o imposto, tanto por ele como por Cristo (Mt 17.27). Em João 2.24,25 está escrito que não havia

necessidade de ninguém falar algo sobre o que há no interior do homem, porque Jesus já sabia tudo. A Bíblia afirma que só Deus conhece o coração dos homens (1 Rs 8.39), então Jesus é não somente onisciente, mas também é Deus. Ele sabia que a mulher samaritana já havia possuído cinco maridos, e que o atual homem com quem vivia não era o seu marido (Jo 4.17,18). Encontramos em João 16.30; 21.17 que Jesus sabe tudo; Colossenses 2.2,3 ensina-nos que em Cristo "estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência". Não há nada no universo que Jesus não saiba, e tudo porque ele é onisciente e é Deus.

Jesus é o mesmo Javé dos Exércitos. "Quem é este Rei da Glória? O SENHOR dos Exércitos; ele é o Rei da Glória" (Sl 24.10). Este salmo transcende a um marco nacional. É um salmo profético e fala do retorno de Cristo à sua glória, na sua ascensão. É o cântico dos anjos e a festa de recepção do Filho de Deus, pois voltou vitorioso ao céu. O Novo Testamento chama Jesus de "o Senhor da Glória" (1 Co 2.8). As "portas" e "entradas

eternas" (Sl 24.7) referem-se às portas do céu que se abriram para receber o Rei dos reis, e cumpriu-se em Atos 1.9-11.

Isaías 6.3 afirma que a terra está cheia da glória de Javé dos Exércitos, entretanto, o Novo Testamento diz que esse Javé é Jesus. Compare Isaías 6.3, 10 com João 12.40,41. O texto do versículo 40 é uma citação de Isaías 6.10, e o versículo 41 de Isaías 6.3. Assim, a Bíblia ensina que Jesus é o Deus-Javé dos Exércitos.

Jesus é o mesmo Deus Javé. Já vimos que Jesus é chamado de Javé Justiça Nossa (Jr 23.5,6). Os profetas Isaías e Malaquias profetizaram que João Batista seria aquele que viria ante a face de JAVÉ (Is 40.3; Ml 3.1). Estas palavras foram citadas por Zacarias por ocasião do nascimento de João: "E tu, ó menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque hás de ir ante a face do Senhor, a preparar os seus caminhos" (Lc 1.76). Veja que o nome "Senhor" está no lugar de Javé, entretanto, João

Batista foi o precursor de Jesus.

O profeta Ezequiel chama o Messias de Javé, Deus de Israel: “E disse-me o SENHOR: Esta porta estará fechada, não se abrirá; ninguém entrará por ela, porque o SENHOR, Deus de Israel, entrou por ela; por isso, estará fechada” (Ez 44.2). Esta profecia começou a se cumprir quando Jesus entrou em Jerusalém. Montado num jumento, ele caminhou no sentido do monte das Oliveiras ao centro da cidade, e passou pela porta oriental (Ne 3.29). Atualmente, a Porta Dourada é a única porta que dá acesso direto ao pátio do templo (Mc 11.11). Esta porta, que fica no lado oriental de Jerusalém, foi lacrada no ano de 1542 por ordem do sultão Suleiman II, o Magnífico, e permanece fechada até ao dia de hoje. Quem é este Javé Deus de Israel que entrou por esta porta? É Jesus, o profeta de Nazaré.

CONTROVÉRSIAS

O Senhor Jesus perguntou certa vez “quem dizem os homens ser o Filho do homem?” (Mt 16.13). Ninguém acertou a resposta: “Uns, João Batista; outros Elias, e outros, Jeremias ou um dos profetas” (Mt 16.14). Somente Pedro acertou, mas Jesus esclareceu que isso só foi possível em virtude da revelação de Deus, e isso mostra que ninguém pode conhecer a Jesus se não for pelo Espírito

Santo. O apóstolo Paulo disse: “ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo” (1 Co 12.3). Foi então, em torno da cristologia (doutrina que estuda a identidade, a natureza e as obras de Cristo), que muitos manifestaram suas opiniões, cada uma mais exótica e mais excêntrica do que outra, durante o longo período da história do cristianismo.

Desde os primeiros séculos do cristianismo houve tentativa de resposta para essa pergunta, porém muitos tropeçaram porque se abeberaram em fontes erradas e estribaram-se em métodos inadequados. Essa busca resultou em grupos religiosos isolados e seus líderes tornaram-se os grandes heresiarcas do passado, como os gnósticos: Simão de Samaria, Saturnino, Basisides, Cerinto, Marcião; os monarquianistas: Noeto, Práxeas, Paulo de Samosata, Sabélio; dentre outros como Ário, Apolinário, Jacó Baradeus, cujas doutrinas cristológicas estão presentes na atualidade. Porém, o Espírito Santo já tinha falado de antemão pelo ministério do apóstolo Paulo sobre os pregadores de

um Jesus estranho aos evangelhos: “Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, com razão o sofrereis” (2 Co 11.4).

O termo gnosticismo vem do grego (gnosis), que significa “conhecimento” (LIDDELL & SCOTT, 1990, p. 355). Os membros desse movimento ensinavam a salvação por meio de um conhecimento místico, e não pela fé em Jesus. Eles eram grupos muito diversificados em suas doutrinas, pois diferiam de lugar para lugar, e em seus períodos. Essa doutrina era nada mais que um enxerto das filosofias pagãs nas doutrinas vitais do cristianismo. Negavam o cristianismo histórico, pois segundo essa doutrina, o Senhor Jesus não teve um corpo, isto é, não veio em carne, o seu corpo seria uma mera aparência, que chamavam de corpo docético. Seu período áureo foi entre 135-160 d.C., mas o gnosticismo já dava trabalho às igrejas da época dos apóstolos. O apóstolo João enfatiza que “o Verbo se fez carne” (Jo 1.14), e que “todo o

espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus...” (1 Jo 4.3). É bom lembrar que os escritos joaninos são do final do primeiro século e que foram escritos na cidade de Éfeso, então capital da Ásia menor, de onde surgiu o gnosticismo.

O gnosticismo sírio era o de Saturnino, também conhecido como Saturnilo (120 d.C.). De acordo com seu ensino, Jesus Cristo não nasceu, não teve forma e nem corpo, foi simplesmente visto de forma humana em mera aparência. Segundo ele, Cristo veio para destruir o Deus do Antigo Testamento e salvar os que cressem nele. Esse representante da escola síria ensinava que o Deus dos judeus era apenas um dos sete anjos. Seguia a linha de Meandro,[4] o qual ensinava que tudo veio à existência mediante os anjos, e era o seu número sete.

O gnosticismo egípcio era o de Saturnino ampliado e desenvolvido por Basilides (130 a.C.),

cuja essência foi transmitida por Valentino de maneira poética e popular em 140 d.C. Basilides ensinava que Cristo era a Mente primogênita do Pai Ingênito o Deus dos judeus. Negava a crucificação de Cristo, dizia que Simão, o cirineu, transfigurou-se e foi equivocadamente crucificado, e que o populacho o tomou por Jesus. Assim sendo, Cristo apenas presenciou a crucificação de Simão, seu sósia.

O gnosticismo judaizante era um gnosticismo muito parecido com as doutrinas dos ebionitas (judeus cristãos que negavam a divindade de Cristo e rejeitavam todos os evangelhos, exceto o de Mateus). Cerinto, o mentor dos judaizantes, teve ligações com os ebionitas no final do primeiro século. Cerinto negava o nascimento virginal de Jesus Cristo. Segundo ele, Jesus foi concebido normalmente de José e Maria, e a sua sabedoria e poderes sobrenaturais advieram-lhe pelo recebimento do Espírito Santo, no seu batismo, perdendo tudo quando foi crucificado e voltando à condição original.

O gnosticismo pôntico foi o desenvolvido por Marcião (falecido por volta de 165), natural de Sinope, província do Ponto, na Ásia Menor (WALKER, 1980, vol. I, p. 82, 83). Transferiu-se para Roma em 135 d.C., e a partir daí passou a considerar o Deus de Israel mau, e, depois de muitas "reflexões", considerou-o fraco. Segundo ele, o Senhor Jesus não era o Filho do Deus do Antigo Testamento, e Cristo revelou um Deus até então desconhecido. Pregava Marcião que todos os cristãos deviam rejeitar as Escrituras Sagradas dos judeus e o Deus nelas reveladas. Selecionou para si uma coleção de livros autorizados contendo as epístolas paulinas (sem as pastorais e mutiladas todas as passagens que revelam ser Cristo o Filho do Deus do Antigo Testamento), pois, segundo ele, somente Paulo entendeu o evangelho de Cristo, e os demais apóstolos caíram "no erro do judaísmo". Ele incluiu no seu cânon o evangelho de Lucas, mutilando todas as passagens que afirmam que o Deus dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Os pais da igreja rebateram as heresias gnósticas, entre eles, Irineu de Lião, o principal expositor cristão que combateu o gnosticismo em sua obra adversus Haereses (Contra as Heresias). Foi discípulo de Policarpo, e este, do apóstolo João. Tornou-se bispo de Lião, Gália, atual França, em 177, sendo o teólogo que mais se destacou dentre os demais pais da igreja do século II (História Eclesiástica, 3, XXVIII). Tertuliano (145-220) de Cartago, reconhecido com o Pai do Cristianismo Latino, refutou outras heresias e, entre elas, o gnosticismo em Contra Marcião, Contra Valentino. Hipólito de Roma (170-236), discípulo de Irineu, combateu o gnosticismo bem como outras heresias em Contra Todas as Heresias.

Os ebionitas eram outro grupo que formaram uma comunidade de judeus cristãos (séculos II e IV). O nome “ebionita”, segundo Tertuliano, veio de um certo Ebion, gnóstico que sucedeu Cerinto (Contra Todas as Heresias, III), mas Eusébio de

Cesaréia afirma que o nome veio por causa da manifestação da "pobreza de seu intelecto" (História Eclesiástica, Livro III, 27). A palavra hebraica é ('ebiôn), "pobre" (BAUMGARTNER, 2001, vol. I, p. 5), pois pregavam a pobreza com base em Mateus 5.3. Eusébio de Cesaréia afirma que eles criam em Jesus como o seu Messias, mas negavam sua deidade, e entre eles havia os que negavam a concepção virginal de Jesus, no ventre de Maria, por obra e graça do Espírito Santo. Viviam o ritual da lei e os costumes judaicos, eram hostilizados tanto pelos judeus quanto pelos cristãos. Repudiavam as epístolas paulinas, chamavam o apóstolo Paulo de apóstata. Tinham um evangelho próprio, apócrifo, chamado de Evangelho aos Hebreus (SCHLESINGER & PORTO, 1995, vol. I, p. 894). Eles estavam divididos em três grupos: os nazarenos, os ebionitas fariseus e os gnósticos ou essênios. Eram numerosos no final do primeiro século, mas aos poucos foram desaparecendo do palco e perdendo-se de vista no cenário da história.

O monarquianismo foi um movimento que surgiu depois da metade do segundo século em torno do monoteísmo cristão. Os monarquianistas dividiam-se em dois grupos: os dinâmicos, que ensinavam ser Cristo Filho de Deus, mas por adoção, e os modalistas, que ensinavam ser Cristo apenas uma forma temporária da manifestação do único Deus. Tertuliano chamou-os de monarquianistas (Contra Práxeas, II), do grego monarci,a, (monarchia), "governo exercido por um único soberano" (LIDDELL & SCOTT, 1990, p. 1143). Eram os opositores da doutrina do Logos, os alogoi, aqueles que rejeitavam o Evangelho de João.

Teódoto de Bizâncio, "o curtidor", era discípulo dos alogoi, mas aceitava o evangelho de João com certa ressalva, foi o primeiro monarquianista dinâmico de importância. Chegou em Roma em 190 e foi excomungado em 198. Os dinâmicos consideravam Jesus apenas como um homem que nasceu de uma virgem, de vida santa, que sobre ele desceu o Espírito Santo por ocasião do seu batismo no rio Jordão. Alguns de seus discípulos rejeitavam

qualquer direito divino em Jesus, mas outros afirmavam que Jesus teria se tornado divino, em certo sentido, por ocasião da sua ressurreição. Hipólito (170-236) rebateu essas crenças (Refutação de Todas as Heresias, Livro VII. 23). O mais famoso monarquianista dinâmico foi Paulo de Samósata, bispo de Antioquia entre 260 e 272. Descrevia o Logos como atributo impessoal do Pai. Eusébio de Cesaréia diz que ele "nutria noções inferiores e degradadas de Cristo, contrárias à doutrina da Igreja, e ensinava que quanto à natureza Ele não passava de homem comum" (História Eclesiástica, Livro VII. 27). Suas idéias foram examinadas por três sínodos entre 264 e 269, e o último o excomungou.

Os monarquianistas modais não negavam a divindade do Filho nem a do Espírito Santo, mas sim, a distinção dessas Pessoas, o que é diametralmente oposto aos ensinos do Novo Testamento, visto que esse ensina a unidade composta de Deus em três Pessoas distintas. Os modalistas pregavam a unidade absoluta de Deus,

algo que nem mesmo o Antigo Testamento ensina, e para apoiar tal ensino mutilaram os textos do Novo Testamento. Seus principais representantes foram Noeto, Práxeas e Sabélio. Noeto era natural de Esmirna e ensinava que "Cristo era o próprio Pai, e o próprio Pai nasceu, sofreu e morreu" (HIPÓLITO, Homilia Sobre a Heresia de Noeto, 1). Cipriano (200-258), bispo de Cartago, chamou a heresia de Noeto de "patripassionismo" (Epístolas, 72.4), do latim Pater, "Pai", e passus de patrior, "sofrer". Práxeas foi discípulo de Noeto, e o seu principal opositor foi Tertuliano em Contra Práxeas. Tertuliano disse que "Práxeas fez duas obras do demônio em Roma: expulsou a profecia e introduziu a heresia; fez voar o Parácleto e crucificou o Pai" (Contra Práxeas, I).

Dessa última escola destacou-se o bispo Sabélio que se tornou um grande líder desse movimento (por isso os seus seguidores foram chamados de sabelianistas ou sabelianos). Por volta de 215, Sabélio já ensinava suas doutrinas em Roma. Este bispo modalista ensinava que o Pai, o Filho e o

Espírito Santo não eram três pessoas distintas, mas apenas os três aspectos do Deus único (WALKER, 1980, vol. I, p.102, 103). Segundo esse bispo, nos tempos do Antigo Testamento, o Pai manifestou-se como Legislador. Nos tempos do Novo, esse Pai era o mesmo Filho encarnado, e esse mesmo Pai fazia o papel de Espírito Santo como inspirador dos profetas. Hipólito, em Contra Todas as Heresias, refutou essas heresias.

Maniqueísmo é o movimento fundado por Mani, nascido na Pérsia em 216 d.C. e morto em 276 por determinação do governo persa. Trata-se de uma "religião dualista complexa de caráter essencialmente gnóstico" (TAYLOR, 1995, p. 417). Eusébio de Cesaréia diz que ele queria se transformar em Cristo e chegou a selecionar doze discípulos e depois se proclamou a si mesmo como o Parácleto (Consolador, Espírito Santo). O nosso historiador considerou ainda suas doutrinas como "falsas e ímpias" (História Eclesiástica, Livro VII. 31). O Cristo dos maniqueístas era um Cristo "celeste" e por isso eles rejeitavam a Jesus, pelo

fato de ter vivido como homem. Sua doutrina básica consistia no dualismo pérsico: "O universo compõe-se do reino das trevas e do reino da luz e ambos lutam pelo domínio da natureza e do próprio homem" (WALKER, 1980, vol. I, 101-104).

Quanto ao dualismo, convém salientar que reconhecemos a existência do mal, oriundo de Satanás. Não admitimos, porém, que o diabo tenha poder suficiente para medir força com Deus e com o seu Filho, Jesus Cristo (Jó 1.12; 2.6, Mc 5.7-13). Esse dualismo, portanto, é condenado pela Palavra de Deus.

Arianismo é o nome da doutrina formulada por Ário e do movimento que ele fundou em Alexandria, Egito, na primeira metade do quarto século. Ele era presbítero em Alexandria, em 318, quando a controvérsia começou. Sua doutrina contrariava a crença ortodoxa seguida pela igreja. A controvérsia girava em torno da eternidade de Cristo. Atanásio (296 373) foi o inimigo implacável

da doutrina arianista, dizia que o Filho é eterno e da mesma substância do Pai, ou seja, (homoousios), “da mesma substância; consubstancial. O termo é central para o argumento de Atanásio contra Ário e a solução do problema trinitariano oferecido no Concílio de Nicéia (325 d.C.)” (MULLER, 1993, p. 139).

Ário, por outro lado, dizia que o Senhor Jesus não era da mesma natureza do Pai, era criatura, criado do nada, uma classe divina de natureza inferior, nem divina e nem humana, uma terceira classe entre a deidade e a humanidade (TAYLOR, 1995, p. 66). Os seguidores de Ário usavam o termo (anomoios), “dissemelhante; palavra usada pelos arianistas extremistas da metade do quarto século, os assim chamados anomoianos, para argüir que a essência do Pai é totalmente dissemelhante da do Filho” (MULLER, 1993, p. 37).

Depois do Concílio de Nicéia a controvérsia continuou, mas havia um grupo intermediário,

semi-niceno, meio atanasiano e meio ariano, que afirmava ser o Filho de natureza similar ou igual, mas não a mesma natureza ou substância do Pai, usavam o termo (homoiousios) “de substância similar, aparência” (LIDDELL & SCOTT, 1990, p. 1225); “de como substância; um termo usado para descrever a relação do Pai para o Filho pelo partido não atanasiano, não ariano na igreja seguindo o Concílio de Nicéia” (MULLER, 1993, p. 139).

Essa discussão chamou a atenção do povo e também ganhou conotação política, considerada hoje como a maior controvérsia da história da Igreja Cristã. O imperador romano, Constantino, enviou mensageiros com o propósito de uma conciliação, mas foi tudo em vão, até que ele convocou um concílio na cidade de Nicéia, na Bitínia, Ásia Menor, hoje Isnik, na Turquia, aberto em 19 de junho de 325, com a participação de 318 bispos provenientes do Oriente e do Ocidente, apenas 20 apoiaram a causa arianista, apesar de sua grande popularidade (TAYLOR, 1995, p. 66). O credo aprovado em Nicéia era decisivamente anti-

arianista, apenas dois bispos não assinaram. Até Eusébio da Nicomédia, arianista, assinou o credo elaborado nesse concílio.

Depois das questões arianistas surge o apolinarianismo, de Apolinário, bispo de Laodicéia, nascido provavelmente em 310 d.C. e morreu em 392. Foi o primeiro teólogo a abordar a questão das duas naturezas de Cristo: a humana e a divina. Uma vez definida a divindade do Logos e resolvida a questão ariana, a controvérsia girava agora em torno das duas naturezas de Cristo. Apolinário defendia a deidade de Cristo e foi, como Atanásio, diametralmente oposto ao arianismo. No entanto, combateu uma heresia desenvolvendo outra tão grave quanto a que combatia: deu muita ênfase à divindade de Cristo e sacrificou a sua genuína humanidade.

Segundo Apolinário, o Logos teria ocupado o lugar da alma na encarnação, com isso negou que Jesus tivesse espírito humano (TAYLOR, 1995, p.

58). Dizia que se alguém põe em Cristo a sua confiança como sendo homem está destituído de racionalidade e indigno de salvação. Essa doutrina contraria a ortodoxia cristã, pois a Bíblia afirma que o Senhor Jesus é o verdadeiro homem (1 Tm 2.5), e o texto de Hebreus 2.14, 17, 18 declara que a humanidade de Jesus é igual à nossa. O apolinarianismo foi condenado pelo Sínodo de Alexandria em 378 e, depois, condenado pelo **64 65** II Concílio de Constantinopla em 381 (TAYLOR, 1995, p. 59).

O Nestorianismo é outra controvérsia. Nestório foi bispo de Constantinopla entre 428-431 e discípulo de Teodoro de Mopsuéstia, passou para história como heresiarca e foi acusado por Cirilo de Alexandria de heresias porque combatia a doutrina do Theotokos, termo grego que significa "mãe de Deus", ou "portadora de Deus", no sentido mais literal, que Cirilo defendia. O uso desse vocábulo era para destacar a perfeita deidade de Jesus, por ser Jesus o verdadeiro Deus e o verdadeiro homem. O Concílio da Calcedônia, 20 anos mais tarde,

declarou Theotokos como mãe do Jesus humano. Isso é diferente da apologia que o catolicismo romano faz hoje.

O que a história registra é que Nestório pregava a dualidade de natureza e de personalidade em Cristo. Ilustrava as duas naturezas de Cristo na expressão bíblica de Gênesis 2.4 sobre o casal, pois marido e mulher são "uma só carne", e isso sem ambos deixarem de ser duas pessoas e duas naturezas separadas. Foi considerado herege pelo Concílio de Éfeso em 431 e banido em 436 (TAYLOR, 1995, p. 463).

Monofisismo, o termo vem de duas palavras gregas (monos), "único", e (physis), "natureza". É a doutrina que defende uma única natureza de Cristo, só a divina ou divina e humana amalgamada, ensinada pelas igrejas cóptica, armênia, abissínia e pelos jacobitas, mesmo depois do século V. Essa doutrina foi condenada no Concílio da Calcedônia, em 451. Jacó Baradeus e seus seguidores rejeitaram

a decisão desse Concílio. Por isso que a igreja nacional da Síria é conhecida como Jacobita.

A UNIÃO DAS DUAS NATUREZAS DE CRISTO

Essa doutrina é chamada de Hipóstase. Esse vocábulo vem de duas palavras gregas hypo, “sob”, e istathai, “ficar”. Nas discussões teológicas sobre a doutrina da Trindade, na era da patrística, era usada como sinônimo de ousia, “essência, ser”. Com relação a Jesus, significa a união das duas naturezas de Cristo: divina e humana. Os elementos próprios da natureza humana na vida de Cristo já foram apresentados anteriormente.

Os evangelhos não estabelecem a fronteira entre as naturezas humana e divina de Jesus durante o seu ministério terreno (1 Tm 3.16). Apresentam

com clareza meridiana a natureza humana de Jesus durante seu ministério e não poderiam ser mais claros. Isso fazia parte do ensino apostólico "que nasceu da descendência de Davi segundo a carne" (Rm 1.3); "dos quais são os pais, e dos quais é Cristo, segundo a carne" (Rm 9.5); "Jesus Cristo, homem" (1 Tm 2.5); "O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia" (Hb 5.7); "e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus" (1 Jo 4.3).

Os evangelhos, contudo, registram que diversas vezes Jesus declarou-se Deus e agiu como tal. Ele aceitou adoração por diversas vezes (Mt 8.2; 9.18; 14.33; 15.25; Jo 9.38), algo que o apóstolo Pedro recusou de Cornélio e até repreendeu o centurião, por isso dizendo "...Levanta-te, que eu também sou homem" (At 10.25, 26); o mesmo aconteceu com o anjo, diante do qual o apóstolo João se prostrou para adorar: "E eu lancei-me a seus pés para o adorar, mas ele disseme: Olha, não faças tal; sou

teu conservo e de teus irmãos que têm o testemunho de Jesus; adora a Deus" (Ap 19.10). Mais adiante o apóstolo tentou outra vez, mas a reação do anjo foi a mesma (Ap 22.8, 9). Jesus perdoou os pecados do paralítico de Cafarnaum: "Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra poder para perdoar pecados..." (Mc 2.10) e várias vezes igualou-se a Deus, ele disse: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim" (Jo 14.1). Isso é exigir nele a mesma fé que se tem em Deus.

Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz (Fp 2.6-8)

Até hoje, em nosso meio, às vezes, aparece alguém ensinando o kenotismo, ou kenosis, “esvaziamento”. O nome vem do verbo grego (keno), “esvaziar, aniquilar, destruir” ((BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 2995), que aparece apenas uma vez no Novo Testamento: “aniquilou-se a si mesmo” (Fp 2.7), a ARA e a TB empregam o verbo “esvaziar”. Essa doutrina afirma que Jesus se esvaziou a si mesmo de sua divindade durante a encarnação, afirmando possuir apenas a natureza humana, com isso nega a divindade de Jesus enquanto esteve na terra. Porém, tal pensamento não se sustenta, pois esse esvaziamento não é de sua divindade:

Jesus não deixou de ser Deus durante a encarnação. Pelo contrário, abriu mão apenas do exercício independente dos atributos divinos. Ele ainda era plena Deidade no seu próprio ser, mas cumpriu o que parece ter sido imposto pela encarnação: limitações humanas reais, não artificiais

(HORTON, 1996, p. 326, 327).

É inaceitável a idéia de ter deixado sua divindade no céu para recuperá-la depois da ressurreição. Quem perdoou os pecados do paralítico de Cafarnaum, ou ainda, quem foi adorado durante seu ministério terreno, foi o Jesus homem ou o Jesus Deus? Claro que foi o Jesus Deus! Diante do exposto, torna evidente a falácia da doutrina kenótica.

“

E O MENINO CRESCIA E SE FORTALECIA EM ESPÍRITO, CHEIO DE SABEDORIA; E A GRAÇA DE DEUS ESTAVA SOBRE ELE... E CRESCIA JESUS EM SABEDORIA, E EM ESTATURA, E EM GRAÇA PARA COM DEUS E OS HOMENS

”

LUCAS 2.40, 52

4

A infância de Jesus

São poucos os relatos inspirados da infância de

Jesus, por isso devemos extrair deles tudo o que pudermos para uma melhor compreensão da mais bela história da humanidade. Nada se sabe da vida de Jesus depois do relato de seu nascimento até a sua manifestação pública a Israel, exceto o que Lucas escreveu. O relato de Lucas 2.40-52 quebra o silêncio desse período. Essa lacuna tem sido, ao longo da história do cristianismo, motivo de especulações, muitas vezes, nocivas à fé cristã.

LOCALIZANDO OS FATOS NO TEMPO

Somente Mateus e Lucas registraram os acontecimentos do nascimento de Jesus, esses relatos estão nos dois primeiros capítulos de Mateus e de Lucas. Muito pouco sabemos desse evento, mas sobre a infância de Jesus sabemos menos ainda, pois restringe-se a uns poucos versículos de

Lucas. Quanto à cronologia, o tempo mencionado no primeiro evangelho é muito vago, pois segue o estilo do Antigo Testamento, afirma que Jesus nasceu "no tempo do rei Herodes" (Mt 2.1) e que "naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia" (Mt 3.1), veja xodo 2.11 e Isaías 38.1. Lucas foi mais preciso e devemos a ele a localização dos fatos no tempo, pois afirma que Jesus nasceu por ocasião de um censo decretado por César Augusto quando Cirênio era governador da Síria (Lc 2.1, 2) e o seu ministério começou no "ano quinze do império de Tibério César" (Lc 3.1). A intenção do Espírito Santo sempre foi tornar conhecido ao povo de Deus os fatos, as manifestações sobrenaturais, para ensino e edificação da igreja, não há, pois, preocupação com datas precisas. Essas datas existem porque os fatos são reais e históricos. Assim, Lucas fornece datas globais, e João deixa pista para se saber a duração do período do ministério terreno de Jesus.

Segundo os historiadores romanos Tácito e Suetônio, o período áureo de Roma do governo de

Júlio César e Augusto havia terminado a partir de Tibério, que assumiu o governo depois da morte de Augusto em 14 d.C. Esse período chamado de "Período de Augusto" é reconhecido como o momento do apogeu da literatura latina, no seu governo Jesus nasceu. Depois da morte de Augusto começa o período da Casa Júlio-Claudina, em que governaram Roma Tibério, Calígula, Cláudio e Nero, sendo Tibério e Cláudio citados nominalmente no Novo Testamento (Lc 3.1; At 11.28; 18.2). Jesus foi crucificado durante o governo de Tibério, e o período dos seus sucessores coincide com o da expansão do cristianismo. Esse período termina com a morte de Nero em 68. O governo de Tibério foi entre 14 e 37 d. C. O evangelista informa-nos, ainda, que no ano quinze, portanto, por volta do ano 29 da Era Cristã, Jesus estava com quase 30 anos (Lc 3.23), idade em que os levitas começavam seu ministério (Nm 4.47).

Devemos ao apóstolo João a informação dos três anos e meio do ministério terreno de Jesus, pois ele menciona quatro páscoas: "estava próxima a Páscoa

dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém" (2.13); "depois disso, havia uma festa entre os judeus, e Jesus subiu a Jerusalém" (5.1); "e a Páscoa, a festa dos judeus, estava próxima" (6.4); "estava próxima a Páscoa dos judeus, e muitos daquela região subiram a Jerusalém antes da Páscoa, para se purificarem... Foi, pois, Jesus seis dias antes da Páscoa a Betânia" (11.55; 12.1). Porém, há muita discussão sobre a "festa" mencionada em João 5.1, pois o texto não especifica visto que os judeus celebravam, na época, pelo menos cinco festas anuais: Festa da Páscoa (Lc 22.1), Festa do Pentecostes (At 2.1), Festa dos Tabernáculos (Jo 7.2), Festa de Purim, que só aparece no livro de Ester (Et 9.26, 28, 29, 31, 32), e a Festa da Dedicação (Jo 10.22). Assim, fica difícil saber a que festividade o apóstolo está se referindo. Considerando a festa de João 5.1 como a da Páscoa, então teremos pouco mais de três anos desde o batismo de Jesus até ao Calvário.

O SILÊNCIO DOS EVANGELHOS

De Mateus infere-se que Jesus estava com cerca de dois anos de idade quando José e Maria fugiram para o Egito (2.16), esclarece-se que o retorno deles para Israel só aconteceu depois da morte de Herodes, o Grande, quando seu filho, Arquelau reinava na Judéia (2.19, 22). Segundo Josefo,

historiador judeu do primeiro século da Era Cristã, Herodes morreu 37 anos depois de ter sido nomeado rei dos judeus (Antiguidades: 17.10.741), isso corresponde ao ano 749 AUC (Anno Urbis Conditae, "Ano em que a Cidade foi fundada"), referência à cidade de Roma, equivalente ao ano 4 antes da Era Cristã.[5] O referido historiador afirma, ainda, que Arquelau foi deposto no décimo ano do seu reinado (Antiguidades: 17.15.757). Essas informações permitem dizer que Jesus retornou do Egito, com José e Maria, quando estava com a idade entre três e oito anos.

Muitos estranham o silêncio dos evangelhos sobre a vida de Jesus dos 18 anos entre a sua visita a Jerusalém, quando estava com 12 anos, até o início do seu ministério. Isso nunca foi problema para os cristãos, mas a curiosidade, às vezes, induz-nos a procurar mais informações sobre a vida de nosso Salvador. Porém, o compromisso do cristão é "não ir além do que está escrito" (1 Co 4.6). A literatura extra-bíblica não é autoridade para nortear a nossa vida, e isso jamais devemos perder de vista.

O propósito da vinda de Jesus ao mundo foi para "salvar os pecadores" (1 Tm 1.15). O plano divino revelado na Bíblia é a redenção humana, e os evangelhos registram o cumprimento do propósito de Deus para a salvação da humanidade. O silêncio que precedeu o início da apresentação pública de Jesus é natural e não deve surpreender os cristãos, porque os evangelhos se concentram no seu ministério, mesmo assim, dá atenção especial à última semana da vida terrena de Cristo, semana da Páscoa, em que foi realizada a redenção.

Os evangelhos registram a vida de Jesus, mas concentram-se no ponto principal do seu ministério: a obra do Calvário, pois o objetivo do Espírito Santo, ao inspirar esses evangelistas, foi tornar conhecida de toda humanidade como se realizou a grande e sublime obra da redenção, e não para satisfazer curiosidades. Se fosse realmente importante escrever o que aconteceu nesse período, certamente estaria registrado. A importância da morte e ressurreição de Jesus podem ser vistas até na estatística dos quatro evangelhos: sete capítulos

dos 28 de Mateus são dedicados a essa semana; cinco, dos 16 de Marcos; quatro dos 24 de Lucas e nove, dos 21 de João, num total de 25 dos 89 capítulos dos quatro evangelhos. Isso representa 28% deles dedicados à semana da crucificação e o período após a ressurreição, até à ascensão ao céu. São menos de dois meses num ministério que durou cerca de três anos e meio.

O CRESCIMENTO DE JESUS

Aqui, temos um assunto que até mesmo teólogos defensores da ortodoxia cristã, às vezes tropeçam, visto que Deus é perfeito, sendo o Filho, Deus igual ao Pai e da mesma natureza, logo não se tem necessidade de aumentar ou diminuir seus conhecimentos. Nada teria para aprender e não teria

como melhorar ou piorar seu comportamento. Porém, a Bíblia revela que Jesus é o verdadeiro Deus e também o verdadeiro homem. As Escrituras Sagradas apresentam diversas características humanas em Jesus, tudo isso já foi estudado no capítulo anterior. Porém, convém considerar a infância de Jesus, enfocando o seu desenvolvimento físico, intelectual e espiritual: "E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens... E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele" (Lc 2.40, 52).

Lucas apresenta, ainda que apenas um lampejo, o desenvolvimento físico "em estatura" (2.52), espiritual e intelectual de Jesus "e o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele" (2.40). Lucas é extremamente meticuloso ao relatar a vida de nosso Salvador, pois pagãos criam na metamorfose de algumas de suas divindades. Esse "fenômeno" mitológico era, segundo acreditavam, a capacidade de suas divindades assumirem formas diferentes.

Ele, porém, não queria que o Mestre divino fosse associado e nem confundido com elas. Estava tratando de um evento singular na história, algo sobrenatural, pois o Deus verdadeiro, Criador do Céu e da Terra, assumiu a forma humana vindo como homem de maneira que o curto relato rechaça toda e qualquer possibilidade de associação com a mitologia pagã ou com a magia. Era um desenvolvimento gradual físico e mental, seu crescimento espiritual na adolescência é mais uma prova de sua natureza humana.

Assim, temos autoridade para falar que foi criança e precisava da proteção divina, dos cuidados maternos, e que precisou aprender a comer, a andar e a falar dentre outras coisas comuns aos humanos. Ele viveu entre nós e andou entre os homens com todas as características dos seres humanos, mas sem pecado, pois deu testemunho de uma vida impecável. Essas informações fornecidas por Lucas, portanto, estão de acordo com todo o contexto bíblico e ajudam-nos a compreender a natureza humana de Cristo.

Jesus foi levado a Jerusalém para a cerimônia de purificação (Lc 2.22). Depois disso, parece ser a sua primeira visita à Cidade Santa e ao Templo, mas não podemos ter certeza, o que sabemos é que José e Maria iam anualmente para lá (2.41). Dessa vez, o menino Jesus estava com 12 anos (Lc 2.42). A ida de Jesus a Jerusalém, nessa idade, foi um evento significativo. Há entre os judeus um ritual, celebrado ainda hoje, chamado Bar Mitzvah, cerimônia de maioridade espiritual no judaísmo, ou de passagem, em que o menino faz, pela primeira vez, a leitura pública da Torah – Lei de Moisés, depois que completa 13 anos de vida, segundo o Talmude (Aboth 5.21; Niddar 5.6).[6] A expressão aramaica bar mitzvah significa "filho do mandamento". É a maioridade espiritual, tornando-se um"filho da lei" ou 'do mandamento" e membro da sinagoga. O Talmude prescreve que um ano ou dois antes de o menino completar 13 anos deve ser levado para a observância, para que possa ser preparado (Yoma 8.4). Talvez seja esse o contexto em que Lucas descreve a ida de Jesus a Jerusalém.

A Páscoa era naquela época, e é ainda hoje, a maior festa religiosa do judaísmo. Todos os adultos do sexo masculino tinham a obrigação de freqüentar o Templo para a celebração das festas solenes (x 23.14, 17). Quem morava numa região fora do raio de 25 quilômetros da Cidade Santa não tinha a obrigação de ir às festas religiosas judaicas, o Talmude expressamente isentava as mulheres desse compromisso (Hagigah 1.1).[7] José e Maria eram religiosos dedicados e, como todo judeu devoto, por residirem na Galiléia, mais de 100 quilômetros de Jerusalém, não tinham essa obrigação, contudo, todos os anos iam à Festa da Páscoa: "Ora, todos os anos, iam seus pais a Jerusalém, à Festa da Páscoa" (Lc 2.41). José e Maria não procediam de família rica, e mesmo com escassos recursos financeiros, não deixavam de ir aos cultos para adoração. Um exemplo de dedicação e amor a Deus que deve ser seguido por todos os cristãos.

A festa durava sete dias (x 13.6), ao final desse período, a caravana das mulheres partia de volta para suas casas com bastante antecedência, os homens seguiam posteriormente para se encontrarem com elas na parada seguinte para o pouso, à noite. “Terminados aqueles dias, ficou o menino Jesus em Jerusalém, e não o souberam seus pais” (Lc 2.43). É provável ter Maria pensado que o menino estivesse com José e vice-versa, quando descobriram que Jesus não estava na companhia deles, retornaram a Jerusalém (vv. 44, 45). Lá encontraram-no “no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os” (v. 46). Os doutores eram as autoridades religiosas de Israel, mestres da lei de Moisés, que conheciam com profundidade as Escrituras Sagradas.

Os críticos, às vezes, questionam o relato de Lucas por causa do rígido sistema da religião judaica e do ritual do templo. Como um menino teria acesso ao Templo, com toda sua estrutura e ritual, e discutir com suas autoridades assunto teológicos? O Dr. Alfred Edersheim (1825-1889)

reconhece a existência desses obstáculos, porém, não concorda com a opinião desses críticos, afirma:

> Porque lemos no Talmude (Sanh. 88 b) que uma Beth há-Midrash que os membros do Sinédrio do Templo, que em dias ordinários se sentavam como Tribunal de Apelação, ao final do sacrifício da manhã ou da noite, nos sábados e dias de festa, costumavam sair ao 'Terraço' do Templo e ali ensinavam. Nesta instrução popular havia grande liberdade para fazer perguntas. Foi nesta audiência que se sentou no solo, rodeado e mesclado com os doutores, e daí que é durante – não depois da Festa – que temos que buscar o menino Jesus (EDERSHEIM, 1989, vol.1, p. 289).[8]

A declaração de Edersheim reveste-se de certo mérito por ser judeu, convertido à fé cristã, com profundos conhecimentos da Mishná: "Sua preocupação foi sempre situar a vida e obra de Jesus no background do judaísmo" (SCHLESINGER & PORTO, 1995, vol. I, p. 902). Foi pastor protestante, tradutor e professor da Universidade de Edimburgo, Escócia. Ele afirma ser impossível determinar que classe de pergunta estava em discussão, acredita que diziam respeito à Páscoa. Realmente não é possível saber pontos específicos, mas o assunto era com respeito às coisas de Deus, pelo que se infere de sua resposta a José e Maria: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?" (Lc 2.49). O que chamava a atenção desses doutores e dos que presenciavam a cena era seu interesse pelas coisas de Deus em tão tenra idade, também, a sua inteligência e respostas. Tudo isso revelava tratar-se

não de uma criança precoce, mas um menino como nenhum outro. Os grandes homens de Deus tiveram consciência de sua vocação divina nessa fase da vida.

O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA

José e Maria tinham conhecimento da origem de Jesus, Deus revelou-a a ambos, contudo, ficaram perplexos com a sua resposta: “Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” (Lc 2.49). Não

compreendiam, porém, como Jesus, ainda adolescente, tinha o conhecimento perfeito de sua identidade. Essas são as primeiras palavras de Jesus registradas na Bíblia. Essa declaração pode revelar que não houve descuido do menino Jesus em não seguir a caravana, pois, na ocasião, foi despertado de tal maneira que estava agora absorvido em seu pensamento sobre sua identidade e missão. Ele havia se dado conta de que esta, de fato, era a casa de Deus. É possível que tudo isso tenha impulsionado de maneira irresistível de se ocupar nos negócios de seu Pai.

Depois de regressar a Nazaré, não sabemos se retornou a Jerusalém para outras festas até o dia de sua apresentação pública, para iniciar seu ministério. O grande ensino para nossos dias é, que mesmo sabendo que era o Filho de Deus, continuou submisso a José e Maria, “e era-lhes sujeito” (Lc 2.51). Essas palavras revelam, muito cedo, a manifestação de obediência ativa e passiva à vontade de Deus. Essa foi a última menção de José no Novo Testamento, nas bodas de Caná da

Galiléia, ele não está presente, “estava ali a mãe de Jesus” (Jo 2.1), provavelmente já tinha morrido. Sabedor de sua origem divina e consciente de sua missão, Jesus não mudou o seu relacionamento familiar, mantendo a obediência no lar, até o dia que havia de manifestar-se a Israel.

O escritor aos Hebreus esclarece sobre a necessidade de Deus haver-se tornado homem (2.14-18), apresentando o que consideramos no texto, mas fora dos evangelhos, o que evidencia a natureza humana de Jesus: “O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia. Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu” (5.7, 8). Os “dias de sua carne” é uma referência ao período em que ele habitou entre nós, os termos “clamor, lágrimas, orações e súplicas” referem-se às passagens dos evangelhos como a ressurreição de Lázaro, o Gestsêmane *etc.* O aprendizado, porém, diz respeito à fase que Lucas faz menção, da adolescência até ao dia sua

manifestação pública. Essas coisas são evidência de um Jesus real, de um personagem histórico, de alguém que realmente existiu e cujos relatos registrados nos evangelhos são literais.

O GOLPE CONTRA AS ESPECULAÇÕES ESOTÉRICAS

É muito comum ouvir membros de grupos religiosos isolados, de tendência esotérica, principalmente ligados à Nova Era, que a ausência dessa fase da vida de Jesus nos evangelhos acontece porque ele foi para a Índia, quando criança, para aprender dos gurus[9] do hinduísmo. Dessa maneira, reduzem Jesus à categoria de mero avatar,[10] negando a sua deidade absoluta. Além disso, Jesus é tido por eles como apenas um grande Iniciado e colocado lado a lado com Buda, Confúcio, Maomé

etc. Há, ainda, os que defendem a teoria de um Jesus essênio.

Os essênios tornaram-se conhecidos em todo o mundo, em nossos dias, por causa das grandes descobertas dos manuscritos do mar Morto. Eles não aparecem no Novo Testamento e viviam no deserto da Judéia. Eram chamados os issiim, que em hebraico significa "os que curam". O nome se justifica porque eles possuíam conhecimento muito avançado da medicina. Há muitas especulações sobre Jesus e João Batista terem sido membros da comunidade dos essênios. Não há prova e nem evidência disso. Eruditos judeus, católicos e protestantes, depois de 40 anos de investigações, traduções e decifrações desses manuscritos, todos unanimemente afirmam não haver encontrado algo que vincule definitivamente ou, ainda, diretamente os essênios a Jesus. Tudo que puderam apresentar foram algumas semelhanças dos ensinos e práticas dos primeiros cristãos, além de mera possibilidade de João Batista de ter vivido em Qumran, nada mais existe além disso.[11]

Foi em 1887 que um correspondente de guerra russo chamado Nicolas Notovich trouxe à tona a ficção do Jesus hindu. Notovich afirmou haver encontrado um manuscrito num mosteiro, no Tibet, que constava a história de Issa.[12] Ele publicou, em 1894, um livro intitulado A Vida de Santo Issa, com base nesse suposto manuscrito. Segundo ele, Issa teria deixado seu país aos 13 anos para viver nas cidades da Índia e aprender as doutrinas secretas das Escrituras e que teria aprendido os Vedas com os gurus (RHODES, 1995, p. 51, 52).

A verdade é que tal manuscrito nunca existiu. Isso foi descoberto no ano seguinte à publicação do referido livro. Segundo J. Archibald Douglas, professor do Government College, em Agra, Índia, não existe tal evidência histórica. Ele esteve no mosteiro da suposta descoberta, em 1895, quando perguntou ao chefe dos monges se ele foi premiado pela descoberta, sua resposta foi: “Nunca houve o tal livro no mosteiro” (RHODES, 1995, p. 53).

Isso foi confirmado, ainda, por Max Müller, historiador das religiões e filósofo alemão (1823-1900), professor da Universidade de Oxford, Londres. Ele era defensor da filosofia oriental, mas mesmo assim, considerou real e digno de crédito o testemunho de uma mulher que esteve no referido mosteiro, a qual disse: "Nunca esteve um russo aqui e nunca houve uma Vida de Cristo aqui". Em 1926, o Dr. Edgar J. Goodspeed, professor da Universidade de Chicago, examinou a obra de Notovich e descobriu que o tal livro era muito dependente dos evangelhos e que havia muitos erros históricos (RHODES, 1995, p. 53). Essa falácia do Jesus hindu é sem base bíblica, teológica, histórica e arqueológica. Já vimos que essa lacuna nos evangelhos deve-se ao fato de ser o propósito divino, revelado na Bíblia, a salvação da humanidade "o Pai enviou seu Filho para Salvador do mundo" (1 Jo 4.14).

O Senhor Jesus é apresentado nos evangelhos

como alguém que era natural na comunidade de seu povo, e não como um estrangeiro. Sua maneira de viver e os seus ensinos refletem a cultura judaica, e nada há que se pareça com a cultura hindu (Lc 4.22-24). Os moradores de Nazaré, admirados com o que viam, perguntaram logo: "Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, e de José, e de Judas, e de Simão? E não estão aqui conosco suas irmãs? E escandalizavam-se nele" (Mc 6.3). Ora, tal atitude do povo não se justificaria se Jesus fosse um recém chegado da Índia. Os três países, fora de Israel, que o Senhor Jesus visitou foram Egito (Mt 2.14, 15), Líbano, as antigas cidades de Tiro e Sidom, na Fenícia (Mt 15.21) e Jordânia.

Diante do exposto, damo-nos por satisfeitos com as poucas informações inspiradas disponíveis, pois são elas suficientes para a compreensão da vida de Jesus. São peças importantes na construção da verdadeira cristologia. O compromisso do cristão é com o que está escrito nas Escrituras, portanto, não devemos nos preocupar com especulações.

“E EU NÃO O CONHECIA, MAS, PARA QUE ELE FOSSE MANIFESTADO A ISRAEL, VIM EU, POR ISSO, BATIZANDO COM ÁGUA”

JOÃO 1.31

5

O batismo de

Jesus

O fato de Jesus submeter-se ao batismo e de ter incluído esse ritual na Grande Comissão revela a sua importância. Se o batismo de João era uma chamada ao arrependimento por que, então, Jesus foi batizado? Muitos procuraram compreender isso ao longo da história do cristianismo. Até mesmo João Batista admirou-se com a decisão de Jesus.

JOÃO BATISTA

O Senhor Jesus afirmou ser João Batista “muito mais que profeta”, isso porque a sua vinda foi anunciada no Antigo Testamento: “porque é este de quem está escrito: Eis que diante da tua face envio o meu anjo, que preparará diante de ti o teu caminho” (Mt 11.9, 10). Essa vinda foi profetizada pelos profetas Isaías e Malaquias (Is 40.3,4; Ml 3.1), confirmada e cumprida nos quatro evangelhos

(Mt 3.3; Mc 1.2-4; Lc 3.4-6; Jo 1.23). No versículo seguinte, Jesus acrescenta ainda: “Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista; mas aquele que é o menor no Reino dos céus é maior do que ele” (Mt 11.11).

Ele veio de uma família de sacerdote levita, Zacarias e Isabel, e seu nascimento foi anunciado pelo anjo Gabriel, escolhido e cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe para uma obra especial (Lc 1.5, 13-19). O local dessa visitação e o lugar onde viveu ainda são desconhecidos. Ein Karen é o local onde, segundo a tradição católica, teria nascido João Batista. Diversos locais foram sugeridos como o lugar da visitação e do seu nascimento. No século V, foi construída uma Igreja numa gruta que se supunha ter pertencido a Zacarias. Posteriormente, essa Igreja foi chamada de São João Batista. Não há evidência histórica e nem arqueológica que comprove efetivamente que se trata do verdadeiro local da visitação ou do nascimento de João Batista. Os católicos sempre

manifestaram interesse especial pela localidade.

Os padres franciscanos afirmam, de maneira muito vaga, que essa tradição está “apoiada por documentos arqueológicos e literários”. Os arqueólogos nunca apresentaram provas decisivas. Verner Keller, em sua obra ... E a Bíblia Tinha Razão, fala de João Batista, sequer menciona Ein-Karen. Gonzalo Báez-Camargo, em sua obra Comentario Arqueológico de la Bíblia, em Lucas 1.39, relata que havia no povoado muitas capelas do período bizantino e que a Igreja de São João Batista é do século XI, mas nunca afirma que era o local da visitação e nem do nascimento de João Batista. Ein-Karen é um local bíblico, uma antiga aldeia mencionada em Neemias 3.14 e em Jeremias 6.1 com o nome de Bete-Haquerém situada na estrada que liga Tecoa a Jerusalém.

O nome “Batista”, aplicado a ele, é em decorrência de seu ministério de batizar: “João Batista” é no grego (Iõannẽs ho baptistẽs), “João, o

batizador". Segundo Edersheim, ele iniciou o seu ministério no ano 779-780 AUC, era ano do jubileu, (EDERSHEIM, 1988, vol. I, p. 324), que corresponde ao ano "quinze do império de Tibério César" em que "veio no deserto a palavra de Deus a João, filho de Zacarias" (Lc 3.1,2). Ele começou seu ministério pregando no deserto e as pessoas eram batizadas por ele "confessando os seus pecados" (Mt 3.6), apresentando frutos dignos de arrependimento, ou seja, convertendo-se. Era uma grande campanha nacional de arrependimento e confissão de pecados.

João tinha conhecimento de sua própria identidade e missão (Mt 3.11; Jo 1.33; 3.28). Ele foi enviado por Deus para anunciar a chegada do Messias, para testificar da Luz (Jo 1.7, 8), em cumprimento das profecias do Antigo Testamento. João já havia dado testemunho a respeito de Jesus, ele teve o privilégio de apresentar Jesus ao povo, dizendo: "aquele que vem após mim, que foi antes de mim, do qual não digno de desatar as correias das sandálias... E eu vi e tenho testificado que este é

o Filho de Deus" (Jo 1.27, 34).

A mensagem de João atraiu a população de modo que o povo se submetia ao batismo. Isso revela o poder de sua mensagem para atrair, assim, judeus até de outras localidades, "ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judéia, e toda a província adjacente ao Jordão" (Mt 3.5). Eram as pessoas que caminhavam léguas para ouvir um homem estranho, clamando no deserto. Ele tornou-se figura muito popular em Israel (Mc 11.32), e alguns de seus discípulos, que não seguiram a Jesus, fundaram um movimento religioso em torno de João Batista, pois orgulhavam-se de ter João vindo primeiro e de ter batizado Jesus. Eles estiveram em Éfeso (At 19.3, 4). Não foi João quem fundou o tal movimento, pois ele mesmo disse: "é necessário que ele cresça e eu diminua" (Jo 3.30), mas os que usaram indevidamente sua fama e prestígio.

Na atualidade, há quem afirme que João Batista chegou a competir com Cristo, que começou seu

ministério criticando os fariseus, mas igualou-se a eles. Esse é o ensino da Igreja Local, conhecida por distribuir um jornal intitulado Árvore da Vida (Árvore da Vida, Ano 3, nº 25: 6). Trata-se de um ensino similar ao do reverendo Moon (Princípio Divino: 121-123). Todos esses ensinos são reduzidos a cinzas pelas palavras do Senhor Jesus, quando afirmou, já no crepúsculo da vida e do ministério de João:

Mas, então, que fostes ver? Um profeta? Sim, vos digo eu, e muito mais do que profeta; porque é este de quem está escrito: Eis que diante da tua face envio o meu anjo, que preparará diante de ti o teu caminho. Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista; mas aquele que é o menor no

Reino dos céus é maior do que ele (Mt 11.9-11).

A Bíblia Anotada de Dake, Dake´s Annotated Reference Bible (Bíblia Anotada de Referência de Dake), apresenta na nota do terceiro capítulo de Mateus 30 doutrinas pregadas por João Batista. O Pr. Elyseu Queiroz de Souza, nosso decano e presidente de honra da Assembléia de Deus de Jundiaí, escreveu um comentário, ainda não publicado até a presente data, sobre 20 dessas 30 doutrinas, alegando que João apresentou um esboço da teologia cristã.

O BATISMO

O batismo é uma ordenança ou sacramento[13]. Segundo o conceito mais antigo, é um ritual ordenado por Deus que consiste num sinal visível da graça de Deus acompanhado da promessa divina (TAYLOR, 1995, p. 611). Nós usamos o termo "ordenança", do latim ordo, "fileira, ordem". Na verdade, tanto o batismo nas águas como a ceia do Senhor foram instituídas por ordem ou

mandamento. Jesus “ordenou que fossem observadas na Igreja, não porque transmitem algum poder místico ou graça salvífica, mas porque simbolizam o que já aconteceu na vida de quem aceitou a obra salvífica de Cristo” (HORTON, 1996, p. 569).

O batismo já existia em Israel quando João Batista iniciou o seu ministério, não era algo novo, a novidade consistia no fato de os judeus serem batizados. Até então, o ato era para os prosélitos, gentios convertidos ao judaísmo, num cerimonial de iniciação. Eram duas as condições: a circuncisão e o batismo. O prosélito depois de depilar-se completamente mergulhava em água, representando a purificação de toda a idolatria, enquanto dois oficiais do judaísmo recitavam passagens da lei de Moisés. Os judeus acreditavam que os gentios eram pecadores e necessitavam de arrependimento, porém, os judeus, como descendência de Abraão, achavam não necessitar de arrependimento. Esse era o pensamento judaico naquela época (Gl 2.15). As autoridades religiosas estranharam a atitude de

João, porque batizava os próprios judeus (Mt 3.7-9). Isso marcava o fim dos direitos da aliança, era, pois, necessário nascer de novo, e não simplesmente pertencer a um povo (Mt 3.9; Jo 3.3).

É um ato simples, porém, cheio de significados, que é administrado ao crente mediante confissão de fé e arrependimento, onde quer que o evangelho seja pregado. O substantivo grego é (baptisma) ou (baptismos), que significa "mergulho", do verbo (baptizõ), "mergulhar, imergir" (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 573, 574), o mesmo aplicado a Naamã, na Septuaginta, quando o profeta Elizeu mandou que mergulhasse sete vezes no rio Jordão (2 Rs 5.14). A idéia de mergulho, no ato batismal, está presente na descrição feita pelo apóstolo Paulo (Rm 6.4, 5). Esse foi o método usado pelos apóstolos. O termo baptismos foi a princípio traduzido para o latim pela palavra tingo, "mergulhar, molhar, banhar", na Vetus Latina, pois a idéia era que não havia outra palavra que comunicasse o significado de maneira adequada.

Jerônimo preferiu manter o vocábulo na língua original, do latim passou para o italiano, francês, espanhol, português e inglês (GIRDLESTONE, 1986, p. 162, 163).

Dois pontos precisam aqui de esclarecimentos no tocante ao batismo cristão: fórmula e função. A fórmula batismal é “em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28.19). A expressão “em nome de Jesus” não é fórmula, mas significa ser realizado na autoridade do nome de Jesus. A prova disso é que as quatro vezes que a expressão aparece em Atos não são exatamente iguais “em nome de Jesus Cristo” (At 2.38), “em nome do Senhor Jesus” (At 8.16; 19.5), “em nome do Senhor” (At 10.48). A pregação do evangelho, o batismo, os sinais sobrenaturais são realizados na autoridade do nome de Jesus (Mc 16.17, 18; Lc 24.47; At 3.6). Os registros históricos dos cristãos dos primeiros séculos confirmam a fórmula determinada por Jesus em Mateus 28.19, um exemplo disso é a Didaqué, um documento datado entre 70 e 120 d. C., que descreve entre outras coisas o modus operandi do

batismo cristão.

A expressão “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados” (At 2.38) é interpretada, muitas vezes, de maneira aleatória, fora do contexto bíblico, como essencial ao perdão, entretanto, essa remissão dos pecados está vinculada ao arrependimento. As principais seitas unicistas advogam essa doutrina, mas acrescentar algo mais que a fé em Jesus como condição para salvação é desvio do padrão bíblico. Myer Pearlman, em seu comentário de Atos, afirma:

A maneira oriental de falar muitas vezes coloca o símbolo antes da experiência ou outra coisa simbolizada. Desta forma o ouvinte ocidental tem a

impressão de que é o símbolo ou a coisa simbolizada que produz a experiência cf. At 22.16). O que Pedro queria dizer era: “Arrependei-vos, e recebereis a remissão dos vossos pecados, e, como testemunho público disto, deveis ser batizados na água (PEARLMAN, 1995, p. 33).

A preposição grega (eis), traduzida por “para”, em Atos 2.38, tem amplo significado, por isso, deve ser compreendida à luz do contexto. Segundo Robertson, há outro emprego tão correto quanto o de propósito ou objetivo, ele cita três exemplos em Mateus 10.41: (eis onoma prophẽtou)..., (eis onoma dikaiou)..., (eis onoma mathẽtou), “em nome de profeta... em nome de justo... em nome de discípulo”; um em Mateus 12.41: (eis kẽrygma I na), “com a pregação de Jonas”. Essas são algumas

das inúmeras ilustrações existentes no Novo Testamento (ROBERTSON, tomo 3, 1989, p. 50). A ARC traduziu o versículo 41 “na qualidade de profeta... na qualidade de justo”, e a ARA, “em caráter de profeta... em caráter de justo”.

O perdão dos pecados está em conexão com o arrependimento, que precede o batismo. João Batista só batizava quem mostrava “frutos dignos de arrependimento” (Mt 3.8; Lc 3.8). Os primeiros convertidos, no dia de Pentecostes, foram batizados porque primeiro “de bom grado receberam a sua palavra” (At 2.41). Em nenhum lugar do Novo Testamento ensina-se produzir o batismo mudança espiritual, sendo em si mesmo ineficaz para a salvação. Isso em nada diminui seu valor, pois é uma ordenança divina, ao lado da ceia do Senhor, que deve ser cumprida pelos cristãos até ao fim da jornada da Igreja (Mt 28.19, 20; 1 Co 11.26). É um ato público em confirmação daquilo que já possuímos a salvação pela fé em Jesus.

JESUS SUBMETE-SE AO BATISMO

Calvino considerava o batismo cristão e o batismo de João sinônimos, porém, outros discordam. Essa questão precisa ser esclarecida, pois o "batismo de João", mencionado em Atos 19.3, não parece ser cristão. Por outro lado, o mencionado em Atos 1.5 não se trata do mesmo

batismo, entretanto, é cristão, e ambos os batismos são de João. Acredito que Calvino tinha em mente o batismo administrado por João e não aquele realizado por seus seguidores, que não se tornaram discípulos de Jesus e fundaram uma religião em nome de João, nesse caso trata-se de fato de batismo cristão.

O outro batismo a que Jesus submeteu-se foi à experiência do Calvário: "podeis vós beber o cálice que eu bebo e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?" (Mc 10.38). Os termos "cálice" e "batismo" indicam, aqui, sofrimento. A figura do cálice aparece no Antigo Testamento para indicar "castigo" (Sl 75.8; Is 51.17; Jr 25.15). Visto que a idéia do termo "batismo" é de mergulho, submersão, quando alguém está sobremaneira envolvido em algo, diz-se que está mergulhado, "mergulhado nos estudos, nas pesquisas, em dúvida, na bebida" *etc.* Jesus não se referiu aqui ao ritual do rio Jordão, efetuado por João Batista, mas usou a metáfora do cálice e do batismo para referir-se à profunda submersão ao sofrimento a que seria

submetido desde o Getsêmani ao Gólgota. O emprego dessas metáforas do batismo e da ceia do Senhor para mostrar o significado da paixão e da morte de Cristo serve para despertar a consciência dos cristãos sobre a seriedade de uma vida de renúncia: “Jesus, porém, disse-lhes: Em verdade vós bebereis o cálice que eu beber e sereis batizados com o batismo com que eu sou batizado” (Mc 10.40). Assim, nós nos identificamos com ele no seu sofrimento e na sua morte, ao carregarmos a sua cruz (Lc 9.23; Rm 6.3).

O Senhor Jesus fundou um novo concerto. Como sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Hb 6.20), ele precisava ser consagrado, porém ele não era levita, pois veio da tribo de Judá (Hb 7.13, 14). O batismo de Jesus, no rio Jordão, constitui-se sua consagração, visto que João Batista era filho de Zacarias, sacerdote da linhagem de Abias,[14] e sua mulher, Isabel, da casa de Arão (Lc 1.5), portanto, elegível para fazer o que fez. João introduziu Jesus no ministério público, como “o Cordeiro de Deus, que tira o

pecado do mundo" (Jo 1.29), quando Jesus estava com "quase trinta anos" (Lc 3.23) idade estabelecia pela lei a consagração pública (Nm 4.3).

Enquanto João realizava o batismo dessas pessoas, apareceu Jesus para ser batizado por ele. Trata-se de um batizando diferente, o único em quem havia encontrado excelência. João reconhecia o senhorio de Cristo e sabia que ele era sem pecado (Jo 1.29; 3.31), por isso se recusou a fazê-lo: "João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço ser batizado por ti, e vens tu a mim?" (Mt 3.14). O verbo grego, traduzido aqui por "opor-se", é (diakõlyõ), que significa "impedir energicamente" (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 967) e está no imperfeito "impedia energicamente". Isso parece mostrar que não foi tão simples persuadir a João para a realização desse batismo. Porém, João não foi o único a não compreender isso. Ele achava, e com toda a razão, que precisava ser batizado por Jesus, e não o contrário. Essa perplexidade e de muitos no decorrer da história se explica pelo fato de Jesus ter nascido sem pecado e, portanto, não

havia de que se arrepender.

Muitos acreditam que Jesus insistiu em ser batizado porque quis nos dar o exemplo. Porém, não foi exatamente isso que ele afirmou, mas disse: “Porque assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3.15). Convém salientar que o pronome oblíquo “nos” não é referência apenas a eles dois, Jesus e João, mas a todos os que se submetiam ao ato batismal. Assim, estava se identificando com o povo nesse movimento de arrependimento e também endossava com isso o batismo de João. Mesmo sem pecado, ele se fez pecado por nós, identificou-se com os pecadores (2 Co 5.21; Gl 3.13). Visto ser o batismo o início de uma nova vida, Jesus estava iniciando uma nova etapa em sua vida terrena, era o começo de seu ministério. Esse ato significava a apresentação de Jesus a Israel, por João, e a aprovação do Pai, manifesta de maneira pública. Esse início foi marcado com a unção do Espírito Santo: “como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude” (At 10.38).

A vinda do Espírito Santo sobre Jesus estava sancionando o ministério do Filho (Mt 3.16). A pomba é, na Bíblia, um símbolo do Espírito Santo, pois o Espírito de Deus "flutuava", ou "voava", sobre a face das águas (Gn 1.2). O verbo hebraico (rãḥap), "pairar flutuar, voar", traz a idéia de "cobrir os filhotes com asas". A pomba representa pureza, simplicidade, mansidão, era para as aves o que a ovelha é para os animais entre os antigos hebreus. No dia de Pentecostes, ele desceu como vento e fogo (At 2.2-4), pois todos tinham palhas que precisavam ser queimadas, entretanto, foi "em forma corpórea, como uma pomba" (Lc 3.22) que o Espírito Santo veio sobre Jesus porque não tinha pecado para ser queimado.

Quando Jesus saía da água veio uma voz do céu que dizia: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3.17). Era outra profecia que se cumpria (Sl 2.7) e um manifesto público do próprio Deus, agora, não mais de João Batista e nem

mesmo das Escrituras, afirmando ser Jesus o Seu Filho Amado em quem se compraz. Os evangelhos não afirmam explicitamente, mas deixam claro que todos os presentes ouviram essa voz. Mateus registrou o ministério de Jesus, tornando explícito o que está implícito nessas palavras vindas do céu.

Isso se repetiu no monte da Transfiguração, ocasião em que lhe apareceram Moisés e Elias: "E eis que estavam falando com ele dois varões, que eram Moisés e Elias, os quais apareceram com glória e falavam da sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém" (Lc 9.30, 31). O Novo Testamento apresenta Jesus com testemunho da lei e dos profetas (Jo 5.46; At 3.22-23; 10.43; Rm 3.21). Moisés, como a maior autoridade do Antigo Testamento, e mediador entre Deus e seu povo Israel, profetizou a vinda do Messias (Dt 18.18-19; At 3.22-23; Jo 5.46). Moisés representa a lei. Elias, um dos grandes profetas, deu origem à sucessão de profetas. Não confundamos com Samuel, que apesar de ser o fundador de uma escola de profetas, em Ramá (1 Sm 19.20), exerceu outros ofícios

como sacerdote e juiz (1 Sm 2.18; At 19.19-20). Elias, porém, tornou-se figura de repercussão nacional, em Israel, como profeta, que combatia a idolatria (1 Rs 18.17, 18). Ele representa os profetas. O texto sagrado afirma que eles "apareceram com glória, e falavam da sua morte" ou "em glória" (ARA). A palavra grega traduzida, aqui, por "morte" é (exodos), que significa "saída" (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 967), ou "partida". Assim, Moisés e Elias não falavam apenas de sua morte, mas também da ressurreição e ascensão. Isso teria lugar em Jerusalém, para que se cumprissem as palavras de Jesus (Lc 13.33).

Os representantes da Lei e dos Profetas, Moisés e Elias, vieram pessoalmente legitimar o ministério de Jesus, falando do seu sofrimento e sua glória (Lc 9.31). Quando eles foram recolhidos veio uma voz do céu dizendo "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o" (Mt 17.5). Com isso Deus estava dizendo: "Este é a suprema autoridade; portanto, superior a Moisés e a Elias. Ouçam a sua voz". Jesus, na transfiguração, teve o

testemunho do seu próprio Pai, da Lei e dos Profetas as Escrituras do Antigo Testamento e o testemunho pessoal dos representantes da Lei e dos Profetas: Moisés e Elias.

Enfim, todos os quatro evangelhos registram que Jesus foi batizado por João. Esse batismo representa sua identificação conosco ao vir ao mundo como homem. No seu batismo fez questão de se identificar com o seu povo num período de grande movimento de arrependimento nacional. Assim, pelo batismo nas águas, nós também somos identificados com ele na sua morte e na sua ressurreição (Rm 6.4).

“E A MULTIDÃO DIZIA: ESTE É JESUS, O PROFETA DE NAZARÉ DA GALILÉIA”

MATEUS 21.11

6

Jesus,

o profeta esperado

O Munus Triplex, termo latino que significa “o tríplice ofício”, é a doutrina dos três ofícios de Cristo: Profeta, Sacerdote e Rei. A Bíblia ensina textualmente que Jesus exerceu todas essas funções. O presente capítulo visa a estudar o conceito de profeta na Bíblia, seu ministério e o ofício profético de Jesus.

O PROFETA NA BÍBLIA

O Antigo Testamento emprega cerca de três palavras para “profeta”, sendo (nãbî’),[15] “porta-voz, orador, profeta” (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 904), a mais comum e aparece 309 vezes. A segunda palavra é (ḥãzeh), “vidente” (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p.

446), ocorre 18 vezes e a última é (rõ'eh), "vidente, sinônimo de n bî' 'profeta'" (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 1384), 12 vezes. A Septuaginta usa o termo (prophẽtẽs), do grego pro, "antes", e ph mi, "falar", e a Vulgata Latina, propheta, para traduzir esses termos hebraicos. Eles são também chamados de "homem de Deus", a começar por Moisés (Dt 33.1), Samuel (1 Sm 9.6) e Eliseu (2 Rs 4.9).

O significado de nãbî' é incerto, sabe-se que vem do verbo denominativo (nãbã'), que, segundo Gesenius, significa "borbulhar, ferver, derramar" (GESENIUS-TREGELLES, 1992, p. 525), cuja idéia é "extravasar palavras, como aqueles que falam com mente fervorosa ou sob inspiração divina, como os profetas e poetas" (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 905). Porém, há controvérsia sobre a etimologia de nãbã', se é derivada da raiz árabe naba'a, "anunciar", ou acádica, nabû, "chamar", ou, ainda, conforme Gesenius, a idéia de extravasar palavras (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 905). Visto

que o significado etimológico se perdeu com o passar do tempo, prevalece a tradicional idéia de porta-voz oficial (x 7.1; 4.10-16). É alguém que fala em nome de Deus, “serás como a minha boca” (Jr 15.19). Os termos ḥõzeh e rõ’eh vêm duma raiz que significa “ver”, ambos traduzidos por “vidente” (1 Cr 29.29), indicam “os meios pelos quais Deus se comunicava com os profetas”. Os termos “vidente” e “profeta” significam a mesma coisa (1 Sm 9.9, 11).

Os profetas de Israel ocupam uma posição sui generis na História e sua influência no mundo é de relevância significativa. Moisés, além de primeiro profeta nacional (Nm 11.29; Dt 18.18), tornou-se modelo para esses videntes. Apesar de Samuel ser o personagem que deu novo impulso à ordem dos profetas numa época de crise em Israel, criando escolas de profetas (1 Sm 19.18, 20; 2 Rs 2.3, 5; 4.38; 6.1), foram Moisés e Aarão que perpetuaram o ofício profético em Israel. O período áureo da profecia hebraica foi o século VII a.C., época do quarteto: Isaías e Miquéias, em Judá; Oséias e

Amós, no Reino do Norte, identificado na época como Israel ou Efraim.

Ao longo da história, os profetas foram classificados em dois grupos: os Profetas Literários, que escreveram suas mensagens proféticas como Isaías, Jeremias, Ezequiel dentre outros, e os Profetas Orais, assim chamados porque não escreveram suas profecias, como Natã, Gade, Aías, Micaías, Elias, Eliseu. O Antigo Testamento, porém, registra a história de uma grande variedade deles. Agostinho de Hipona classificou os profetas literários em Maiores: Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel, e em Menores, os 12 últimos profetas do nosso Antigo Testamento.

Eles instruíram o povo de Israel. Ao longo de sua história, Deus levantou, preparou e inspirou profetas para admoestar os hebreus sobre o perigo da idolatria. Deus escolhia-os para ensinar, explicar de várias maneiras, como parábolas ou símiles, e orientar o povo, interpretando-lhes o significado da

sua história, para sua edificação espiritual (Os 12.10). Eram ensinadores ungidos e escolhidos por Deus para instruir a nação a viver na presença de Javé, para tornar conhecida sua revelação e também anunciar as coisas futuras (Nm 12.6; 1 Rs 19.16; Jr 18.18).

Os profetas do Antigo Testamento apresentavam Deus ao povo e desempenhavam o papel de reformador religioso ou de patriota. Eles não hesitavam em enfrentar até reis desobedientes à vontade de Deus (1 Sm 1 Rs 18.18). Esses homens de Israel lutavam contra a idolatria e zelavam pela pureza religiosa, pela justiça social e pela fidelidade a Deus. Sua mensagem devia ser recebida na íntegra por toda a nação (2 Cr 20.20).

Eles anunciaram a vinda do Messias (At 3.18, 21, 24). Os profetas do Antigo Testamento profetizaram a vinda desse Profeta por Excelência. A vida de Cristo e suas obras estavam previstas na lei de Moisés e nos profetas**:** "E todos os profetas,

desde Samuel, todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias" (At 3.24). Desde o seu nascimento até a sua ascensão ao céu estava nas Escrituras Sagradas.

O termo "profeta" aparece 149 vezes no Novo Testamento e o vocábulo "profecia", 19. A aplicação dessas palavras é ambígua, às vezes referem-se aos profetas do Antigo Testamento: "E todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias" (At 3.24); "o qual antes havia prometido pelos seus profetas nas Santas Escrituras" (Rm 1.2) e outras, aos da igreja. Nesse último caso, as mensagens proféticas podem ser gerais ou comunais (At 11.27-30) e até mesmo individuais (At 21.10, 11). Jesus disse que "a Lei e os profetas duraram até João" (Lc 16.16), com isso estava inaugurando uma nova dispensação, ou seja, uma nova maneira de Deus relacionar-se com o seu povo. A figura do profeta continua na igreja, porém, não como sistema ou ordem igual ao do Antigo Testamento, o seu discurso não se reveste de autoridade geral. Esses

profetas caracterizam-se pelas visões de Deus para sua própria edificação e não para fundamentar doutrina.

Antes do Pentecostes, Deus comunicava-se apenas aos profetas ou a alguém designado para um trabalho específico como um rei (Nm 12.6). Todavia, com a descida do Espírito Santo essa comunicação tornou-se abrangente, para cada crente em Jesus, independentemente de status, sexo e idade, por meio de visão, sonho e profecia (At 2.17, 18). Portanto, há base bíblica para esse relacionamento com Deus, é uma experiência pessoal muito real e vívida que distingue a teologia pentecostal da doutrina evangélica tradicional. A base é a Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus, e não as experiências humanas, pois nossas emoções caíram, também, na Queda do Éden (Jr 17.9). Nós tomamos cuidado para ninguém fazer dessa revelação ou visão, que são manifestações autênticas, uma doutrina, pois somente a Bíblia é a fonte de autoridade para a vida cristã.

PROFECIAS SOBRE A VINDA DO MESSIAS

A vida de Cristo, juntamente com suas obras, estava prevista na lei de Moisés e nos profetas, desde o seu nascimento até a sua ascensão ao céu nas Escrituras Sagradas. Deus prometeu levantar em Israel um Grande Profeta igual a Moisés: “O SENHOR, teu Deus, te despertará um profeta do

meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis;... Eis que lhes suscitarei um profeta do meio de seus irmãos, como tu, e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar" (Dt 18.15, 18). O apóstolo Pedro, mais de uma vez, no dia de Pentecostes e no discurso após a cura do coxo, na porta chamada Formosa, em Jerusalém, apresentou o perfil de Cristo no Antigo Testamento, provando assim que os últimos acontecimentos eram cumprimento das Escrituras. Ele afirma que essa profecia se cumpriu em Jesus (At 13.22, 23).

Os demais profetas também falaram de Cristo. A Bíblia Hebraica constitui-se apenas do Antigo Testamento e está dividida em três partes: Lei, Profetas e Escritos. "Escritos" são uma referência aos Hagiógrafos, que quer dizer "escritos sagrados". Essa divisão já existia na época de Cristo (Lc 24.44), em que "Salmos" representam a categoria dos Hagiógrafos. A expressão "todos os profetas" (At 3.24) não significa necessariamente, aqui, todo o Antigo Testamento (isso acontece em outro lugar

do Novo Testamento como Atos 10.43, pois o apóstolo Pedro é específico quando diz “desde Samuel”(At 3.24). Além disso, anteriormente, cita Moisés, e, depois, retoma “Na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra” (At 13.25), que é uma citação de Gênesis 12.3.

Há no Novo Testamento inúmeras profecias messiânicas do Antigo Testamento cumpridas em Jesus. Na verdade, todo o pensamento das Escrituras gravita em torno de Cristo (1 Pe 1.10-12). Jesus disse: “são elas que de mim testificam” (Jo 5.39). Eis algumas delas: Semente da mulher (Gn 3.15; Gl 4.4); descendente de Abraão, Isaque e Jacó (Gn 12.3; 17.19; 24.14; Lc 3.33, 34); descendente de Judá (Gn 49.10; Mt 1.2,3); nasceria de uma virgem (Is 7.14; Mt 1.18; Lc 1.34); em Belém de Judá (Mq 5.2; Mt 2.1-5; Lc 2.9-11); da linhagem de Davi (Jr 23.5,6; Mt 2.1); fugiria para o Egito (Os 11.1; Mt 1.16); as crianças de Belém seriam assassinadas (Jr 31.15; Mt 2.7); habitaria em Naftali, nos confins de Zebulon (Is 9.1-4; Mt 4.17); entraria triunfalmente em Jerusalém, montado num

jumento (Zc 9.9; Mt 21.1-11); seria traído por um amigo (Sl 41.9; Mt 26.14-16); seria condenado pelos nossos pecados (Is 53.8-11; 1 Co 15.3); seria crucificado (Sl 22.1; Mt Jo 19.17-19); ressuscitaria dentre os mortos (Sl 16.10; Mt 28.1-5); retornaria ao céu (Sl 24; At 2.9-11); seria sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Sl 110.4; Hb 5.5,6; 6.20; 7.15-17).

O OFÍCIO PROFÉTICO DE CRISTO

Os evangelhos registram três importantes ofícios, geralmente apresentados nos tratados de Teologia Sistemática, são eles: profeta, sacerdote e rei. São os ofícios mais importantes do Antigo Testamento,

mas o Senhor Jesus é muito mais que tudo isso. O nosso enfoque, aqui, será sobre o seu ofício profético, os demais serão estudados mais adiante. O Novo Testamento atesta, com todas as letras, ser Jesus o Profeta. Ele foi aclamado, diversas vezes, pelo povo como tal: "E a multidão dizia: Este é Jesus, o Profeta de Nazaré da Galiléia" (Mt 21.11); "Outros diziam: É Elias. E diziam outros: É um profeta ou como um dos profetas" (Mc 6.15); "E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo" (Lc 7.16).

Ele mesmo assim se considerava (Mt 13.57; Lc 4.24; 13.33). Jesus afirmou ser ele o cumprimento das profecias (Lc 24.44), pois elas se convergiam nele (Lc 24.27). Porém, todas as suas atividades registradas nos evangelhos revelam que, como ninguém, ele preencheu todos os requisitos de um profeta. Esse é apenas um de seus ofícios, pois ele não apenas era um profeta, como ensinam os muçulmanos, mas o Deus em forma humana que quis assumir o ofício de profeta no exercício de seu

ministério terreno.

Visto que o profeta é a boca de Deus, seu porta-voz que fala em seu nome e prega com autoridade do céu, Jesus, de forma singular, apresentou todos esses requisitos. Ele disse: “a palavra que ouviste não é minha, mas do Pai que me enviou” (Jo 14.24). Ele exerceu todas as funções dos profetas do Antigo Testamento de maneira singular, com instruções pessoais, usando discursos e exposições por meio de símiles e parábolas (Mt 5.2; 13.3). Não se trata de mais um profeta, mas de outro Legislador, o Legislador do Reino de Deus para estabelecer os “tempos do refrigério”, ou seja, uma nova ordem de coisas no mundo.

Jesus revelou Deus aos seres humanos: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer” (Jo 1.18). Isso era uma das funções dos profetas. Ele também ensinou como nenhum outro e falou em nome no Pai (Jo 5.43; 7.46) e da mesma forma anunciou as

coisas futuras conforme registra o sermão profético em Mateus 24 e nas passagens paralelas dos evangelhos sinóticos. Essas são apenas algumas credenciais de profeta, apresentadas durante o seu ministério terreno.

O Senhor Jesus anunciou a queda de Jerusalém e a Diáspora Judaica como prenúncio dos acontecimentos escatológicos que ele anunciou (Lc 21.24). Os horrores e os sofrimentos do povo judeu, na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., são um prenúncio e uma amostragem do que vem a ser a Grande Tribulação. Este discurso profético de Jesus está registrado nos evangelhos sinóticos (Mt 24.1-28; Mc 13.1-23; Lc 21.5-24). Muitas dessas profecias já se cumpriram e outras ainda se cumprirão.

E, quando Jesus ia saindo do templo, aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo. Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada. E, estando assentado no monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos, em particular, dizendo: Dize-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo? (Mt 24.1-3).

"Não ficará pedra sobre pedra" (v. 2). Este era o Segundo Templo, pois o primeiro foi destruído por ordem de Nabucodonosor, em 587 a.C. (2 Cr 36.18-19), reconstruído depois do cativeiro de Babilônia e inaugurado setenta anos depois de sua

destruição, 518 a.C. (Ed 6.15). Foi reformado e em belezado por Herodes, o Grande, durante 46 anos (Jo 2.20). Era construção de uma beleza extraordinária, parece que isto impressionava os discípulos, os quais se aproximaram de Jesus para lhes mostrar tal estrutura. O assunto do Templo foi o ponto de partida para o sermão profético, registrado em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21. Isso se cumpriu de forma literal no ano 70 d.C. Segundo os registros de Josefo, Tito determinou deixar apenas o muro ocidental, hoje conhecido como o Muro das Lamentações, e as torres Hípicas, Fazael e Mariana. Fazael é conhecida hoje como a Torre de Davi, localizada próxima à porta Jafa (Guerras, Livro 7.1.501).

Os expositores que negam o caráter escatológico desse discurso profético conseguiram achar nas narrativas de Josefo elementos que confirmam muitas coisas ou quase tudo com relação à destruição de Jerusalém em 70 d.C. Porém, as perguntas dos discípulos não se restringiam apenas à queda de Jerusalém e à destruição do Templo,

eram escatológicas: “Quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?” (v.3). Além disso, muitas profecias tornam e tornaram a se cumprir. Em Lucas 21.20-24 encontramos a resposta sobre a destruição do Templo e da cidade santa. Mateus 24.3-14 fala dos sinais da vinda de Cristo, e do fim do mundo. A Grande Tribulação é assunto tratado nos versículos 15-28, e a manifestação de Cristo em glória (Tt 2.13), nos versículos 29-32.

Quais os sinais que precederão à vinda de Cristo segundo o Sermão Profético? Jesus anunciou a aparição de muitos cristos (Mt 24.4, 5). É verdade que muitos falsos cristos se levantaram ao longo da história do cristianismo. À medida que a vinda de Cristo se aproxima, esse número vai aumentando, é alarmante. A começar por Bar Cochba, nome aramaico que significa “Filho da Estrela”, cumprindo-se mais uma profecia de Jesus, ao dizer: “Eu vim em nome de meu Pai, e não me aceitais; se outro vier em seu próprio nome, a esse aceitareis” (Jo 5.43). Quando a cidade de Jerusalém foi

destruída, um grupo de judeus foi viver em Yavne ou Jâmnia, uma região na faixa de Gaza, entre 70 e 132 d.C.[16] Nela, os rabinos estabeleceram um governo provisório, pois aguardavam a restauração de sua nação naqueles dias. Nessa ocasião, o guerreiro Bar Cochba foi apresentado pelo rabino Akiva como o Messias de Israel. O povo creu nele e mais uma vez se insurgiu contra Roma. Porém, em 132 o imperador Adriano foi pessoalmente à região, sufocou o levante e esfolou vivo Bar Cochba (EBAN, 1982, p. 90, 91).

Sabetai Zvi declarou-se também Messias. Em 1665, bradou na porta da sinagoga de Smirna, dizendo: “Eu sou o Messias! Eu sou o Messias!”. Prometeu conduzir os filhos de Israel da dispersão à Terra Prometida, mas para isso precisava da permissão do sultão, pois a terra de seus antepassados estava sob o domínio do império turco otomano. Quando se entrevistou com o sultão, foram-lhe pedidas provas e credenciais de Messias. Não tendo como provar sua messiandade, foi obrigado a converter-se ao islamismo, para escapar

da morte. Sabetai Zvi, que foi para a audiência com o sultão como judeu, voltou para sua casa como muçulmano (BARNAVI, 1995, p. 148).

É praticamente impossível apresentar uma lista completa dos falsos cristos. O número vem se multiplicando nos últimos tempos. Alguns servirão de exemplos na atualidade: David Koresh, da Califórnia, dizia ser o Cristo, e fez adeptos e terminou morrendo num incêndio juntamente com seus seguidores. Em Curitiba, Inri Cristo, declara ser o Cristo. Muitos outros já manifestaram ser o Messias. Mas isso é o sinal dos tempos. Jesus predisse estas coisas: “Acautelai-vos que ninguém vos engane; porque muitos virão em meu nome, dizendo: “Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos” (Mt 24. 4, 5).

Diante de uma lista interminável de falsos cristos, o Reverendo Moon também resolveu ser Messias. Ele afirma que vai sofrer mais do que Jesus sofreu na cruz, e que seu sangue é puro. Nos casamentos

em massa, arranjados por ele, os nubentes bebem o vinho com uma gota de sangue do Reverendo, para que seus filhos nasçam puros, sem pecado. Seus adeptos andam com a foto dele, que segundo eles, tem poder para proteger seus seguidores. Ele chama a si mesmo de o Cristo da atualidade.

A expressão “guerras e rumores de guerras” (Mt 24. 6,7) extrapola os limites da destruição de Jerusalém, é uma referência ao período que antecede a vinda de Cristo. Isso porque ligados a tal expressão estão os termos: “levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares” (v. 7). É uma referência aos distúrbios mundiais, à destruição do meio ambiente, ao avanço do terrorismo em conseqüência de uma crise na política internacional. A fome generalizada, em muitos países, o avanço da Aids que tem levado milhões à morte e os portadores do referido vírus ao desespero. Trata-se de uma crise de caráter mundial, e não apenas local.

O crescente indiferentismo religioso é outro sinal da vinda de Cristo. Estamos vivendo uma crise religiosa sem precedentes na História. O crescimento da apostasia nos últimos anos tem alcançado proporções estarrecedoras. Não só com o aparecimento dos falsos profetas: "E surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos" (Mt 24.11). Essas coisas levam as pessoas à frieza espiritual e ao indiferentismo religioso (24.12). O apóstolo Paulo afirma que a apostasia generalizada é coisa para os últimos tempos (1 Tm 4.1-3; 2 Tm 3.1-5).

Jesus anuncia a tragédia judaica como a destruição de Jerusalém na segunda parte do sermão profético: "Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo (quem lê, que entenda)" (Mt 24.15). A "abominação da desolação" (v. 15) foi predita pelo profeta Daniel, o próprio Jesus sancionou-o como o autor do livro que traz o seu nome.[17] Cumpriu-se também no ano 70, quando o exército romano, a mando de Tito, profanou o

templo, colocando nele as insígnias de Roma, símbolos do paganismo, antes da destruição dele e da cidade santa (Lc 21.20). Tornará a cumprir-se por ocasião da Grande Tribulação, quando o anticristo exigir a adoração dos judeus no templo de Deus (2 Ts 2.4).

"Então, os que estiverem na Judéia, que fujam para os montes; e quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; e quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes" (Mt 24.16-18). A Fuga de Jerusalém ocorreu durante o seu cerco pelos romanos. A ordem de Jesus era fugir o mais rápido possível. Deviam fugir pelos próprios telhados, pois na época as casas eram muito interligadas, de modo que os telhados serviam de escadaria. No campo, em virtude do calor intenso da Palestina, os trabalhadores não usavam roupas externas. Mas, Jesus mandou que fugissem como estivessem, pois eles corriam o risco de serem apanhados pelos romanos, no caminho de casa. O historiador da igreja, Eusébio de Cesaréia, afirma que nenhum

cristão pereceu nesta destruição (História Eclesiástica, Livro III. 5). Segundo Eusébio, os cristãos lembraram-se das palavras de Jesus: "Os que estiverem na Judéia, fujam para os montes", e assim fugiram para Pela, do outro lado do Jordão. Israel encontrará refúgio no deserto durante a Grande Tribulação (Ap 12.6; Is 63.1-6). Assim, como os cristãos foram salvos da destruição, da mesma maneira a igreja será salva nesse período (1 Ts 1.10; Ap 3.10), como Noé foi salvo do dilúvio (Mt 24.38-39), e Ló da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra (Lc 17.28-30).

"Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias!" (Mt 24.19). Tanto as grávidas como as que amamentam têm dificuldades numa situação de guerra. Elas tornam-se mais vulneráveis e indefesas diante dos soldados alucinados e violentos. Jesus, quando levava a cruz, alertou as filhas de Jerusalém sobre o castigo da cidade e a situação das grávidas e das que amamentam (Lc 23.27-30). Durante o cerco de Jerusalém, o sofrimento destas mulheres foi ímpar na história.

Josefo relata que uma mulher matou seu próprio filho para comê-lo, tal era a miséria e a fome. Os próprios romanos ficaram perplexos com essa cena dramática (Guerras, Livro 6.21.459), essa história é confirmada cerca de 250 anos depois por Eusébio de Cesaréia. Ela vai se repetir durante o período da Grande Tribulação, não só em Israel, mas em todos os quadrantes da Terra, quando vier a escassez de alimento, que já chegou em muitas partes do mundo (Ap 6.6).

"E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado" (Mt 24.20). É verdade que o inverno nunca foi a estação própria para

viagem, muito menos para uma fuga inesperada e às pressas. A destruição era uma certeza, estava no

cronograma divino, e prevista nos profetas, agora ratificada por Jesus com mais detalhes. Restava agora orar para que isso não ocorresse no inverno, uma vez que a destruição era irrevogável. Quanto ao sábado, os judeus não podiam caminhar um pouco mais de um quilômetro nos sábados, "distância do caminho de um sábado" (At 1.12). Mesmo numa questão de vida ou morte, eles obedeciam às leis de seu povo. Muitos judeus foram trucidados e exterminados pela obediência a suas leis.[18] Porém, naqueles dias, se a invasão ocorresse num dia de sábado, eles pereceriam e não violariam esse preceito. Por esta razão, Jesus disse que eles deviam orar para que essa invasão não ocorresse nem no inverno e nem no dia de sábado. Esta oração foi ouvida, pois o cerco de Jerusalém ocorreu na primavera do ano 70.

O Senhor Jesus afirmava ser profeta, assim foi aclamado pelo povo e a Bíblia apresenta em Cristo todas as qualificações de profeta. A função do profeta é revelar a vontade de Deus e instruir o povo, isso Jesus fez como nenhum ser humano,

nem antes e nem depois dele. Ele revelou Deus aos seres humanos com singular autoridade e perfeição, pois foi reconhecido como vindo de Deus (Mt 7.28, 29; Jo 1.8; 3.2). O Senhor Jesus Cristo é a culminância das profecias, como dizia Calvino (As Institutas, vol. 2, cap. XV). As palavras: "Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho" (Hb 1.1) revelam ser Jesus o Profeta por Excelência. O Múnus Profético de Cristo faz de Jesus o clímax e o cumprimento.

“

JUROU O SENHOR E NÃO SE ARREPENDERÁ: TU ÉS UM SACERDOTE ETERNO, SEGUNDO A ORDEM DE MELQUISEDEQUE

”

SALMO 110.4

7

Jesus,

o sacerdote eterno

O sacerdócio de Cristo é superior ao de Arão porque ele mesmo apresentou-se como sacrifício pelos pecados da humanidade e, além disso, esse sacrifício foi único, perfeito e com validade eterna. A idéia de um Messias sacerdote vinha desde o Antigo Testamento tanto de maneira direta como nos vários tipos e figuras. Uma leitura preliminar na epístola aos Hebreus será de grande ajuda para

melhor compreensão do assunto.

A TRANSITORIEDADE DA ORDEM DE ARÃO

A palavra hebraica para sacerdote é (kõhen), "autoridade principal ou oficial-mor, sacerdote" (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 704), seu sentido original perdeu-se com o tempo,

às vezes, encontramos no Antigo Testamento a idéia de "príncipe" ou "ministro". Em 1 Reis 4.5 kõhen é traduzido por "ministro", na ARA e na TB, mas a ARC traduz por "oficial-mor", e a Septuaginta, pela palavra grega (hetairos), "camarada, companheiro, amigo". Algo semelhante acontece na passagem de 2 Samuel 8.18, a ARC traduz por "príncipe", a ARA, por "ministro", a TB, por "ministro de estado" e a Septuaginta, por (aularchẽs), "maior do palácio, chefe da corte, do templo". O mesmo ocorre em Jó 12.19, a ARC usa "príncipe", a ARA e a TB empregam "sacerdote" e a Septuaginta, i`ereu,j (hiereus), "sacerdote", o mesmo termo usado por ela para traduzir do hebraico kôhen, que aparece 31 vezes no Novo Testamento e (archiereus), "sumo sacerdote, principal dos sacerdotes", 82 vezes. Convém salientar que as Escrituras do Antigo Testamento empregam kẽhen também em referência aos sacerdotes de outras religiões, como os sacerdotes egípcios (Gn 41.45, 50; 46.20), filisteus (1 Sm 5.5; 6.2), de Baal (2 Rs 10.19) e dos demais deuses (2 Cr 34.5; Jr 48.7).

O Antigo Testamento emprega outro vocábulo (kõmer), “sacerdote, sacerdote idólatra” (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 728), que aparece apenas três vezes no texto sagrado (2 Rs 23.5; Os 10.5; Sf 1.4). A ARC, em Sofonias 1.4, emprega o termo “quemarins”, que é transliteração. Na época do declínio espiritual do reino do Norte, o profeta Oséias chama os sacerdotes de Samaria de sacerdotes das bezerras e não de Javé. Curioso é que Oséias não usou a palavra hebraica k hen ou o seu plural kõhãnîm, usual para os sacerdotes de Javé, mas kõmer, seu plural kemãrîm, “sacerdote pagão”, que só aparece três vezes em todo o Antigo Testamento para designá-los. A vulgata emprega os termos latinos sacerdos, sacerdotum e pontifex, o último significa: “o que estabelece uma ponte”.

O sacrifício é o tema central do Antigo Testamento, isso salta à vista de qualquer leitor assíduo da Bíblia. Essa prática é tão antiga quanto a humanidade (Gn 4.4; 8.20). Todo o sistema

sacrificial fundamenta-se na idéia de substituição e isso implica expiação redenção, perdão e sacrifício vicário à base de sangue (Lv 17.11). Porém, qualquer observância exterior, destituído de significado interior, não passa de mera cerimônia, porém os sacrifícios do tabernáculo eram simbólicos e típicos: "havendo ainda sacerdotes que oferecem dons segundo a lei, os quais servem de exemplar e sombra das coisas celestiais" (Hb 8.4, 5).

O cordeiro pascoal foi sacrificado no Egito para a redenção de Israel. Depois do êxodo Deus mandou Moisés oferecer o sacrifício do concerto ou da aliança, em que foram aspergidos o altar e o povo:

E enviou certos jovens dos filhos de Israel, os

quais ofereceram holocaustos e sacrificaram ao SENHOR sacrifícios pacíficos de bezerros. E Moisés tomou a metade do sangue e a pôs em bacias; e a outra metade do sangue espargiu sobre o altar. E tomou o livro do concerto e o leu aos ouvidos do povo, e eles disseram: Tudo o que o SENHOR tem falado faremos e obedeceremos. Então, tomou Moisés aquele sangue, e o espargiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue do concerto que o SENHOR tem feito convosco sobre todas estas palavras (x 24.5-8).

Com esse "sangue do concerto" Israel veio a ser povo de Deus (Sl 50.5). Esses sacrifícios foram depois classificados e organizados na lei para serem aceitos por Deus. O sacerdócio arônico, com todo o sistema de sacrifício, tinha a função de construir

uma ponte entre Deus e os seres humanos. Segundo Levítico 4, o sistema levítico mostra o rito quando alguém violava a lei, que implicava a quebra ou interrupção da comunhão com Deus. O sacrifício expiava essa ofensa e a comunhão era reestabelecida, porém, na prática isso nunca funcionou. O sistema era incapaz de estabelecer a relação com Deus, perdida desde o Éden, por isso o sacerdócio de Arão foi removido: "De sorte que, se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (porque sob ele o povo recebeu a lei), que necessidade havia logo de que outro sacerdote se levantasse, segundo a ordem de Melquisedeque, e não fosse chamado segundo a ordem de Arão?" (Hb 7.11); "porque, se aquele primeiro fora irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para o segundo" (Hb 8.7).

Deus prometeu um novo concerto e um novo sistema sacerdotal, o concerto com toda a humanidade (Jr 31.31-33). A Aliança anunciada por Jesus, por ocasião do estabelecimento da Ceia do Senhor: "Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós" (Lc 22.20)

e passagens paralelas (Mt 26.28; Mc 14.24), é o cumprimento das promessas de Deus. A expressão grega é (hẽ kainẽ diathẽkẽ), diathẽkẽ significa "pacto, aliança, testamento" e é o mesmo termo empregado pela Septuaginta [Jr 38.31-33]. A ARA e a TB usam "aliança". Em Hebreus 8.8-11 temos a confirmação do cumprimento da profecia de Jeremias, concluindo que o sistema arônico envelheceu: "Dizendo novo concerto, envelheceu o primeiro" (8.13).

O novo concerto é conseqüência da mudança da ordem de Arão para o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque, que Deus também prometeu por meio do rei Davi: "Jurou o SENHOR e não se arrependerá: Tu és um sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl 110.4), confirmado em Hebreus 7.21. O sacerdócio segundo a ordem de Arão foi estabelecido com uma estrutura transitória. Foi exercido em Israel com a promulgação da lei que determinava ser exercido pelos levitas. Há relatos no Antigo Testamento que os sacerdotes precisavam provar sua origem

genealógica, sob pena de expulsão da ordem (Ne 7.64). Foi exercido por uma linhagem, de 83 sumos sacerdotes, segundo Josefo, de Arão até à destruição do templo de Jerusalém, em 70 d.C. (Antiguidades, Livro 20.8.864), pois morriam e eram substituídos por outros. Por causa do seu caráter provisório, Deus já havia prometido uma ordem imutável, um sacerdócio livre no tocante às questões tribais (Hb 7.13-16).

A ORDEM DE MELQUISEDEQUE

A narrativa de Gênesis 14 relata que uma confederação de quatro reis babilônicos guerreou contra cinco reis palestínicos, no vale do mar Morto, região onde Ló habitava. Os reis da região da Babilônia venceram e levavam os vencidos, com seus despojos, para sua terra. Quando Abraão

soube que seu sobrinho estava entre os derrotados, foi no encalço deles, com alguns aliados e seus pastores, e conseguiu surpreender os caldeus e trouxe de volta Ló com os demais vizinhos e seus despojos. Na volta, encontra-se com Melquideseque, sacerdote do Deus Altíssimo e rei de Salém:

E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e este era sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o e disse: Bendito seja Abrão do Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E deu-lhe o dízimo de tudo (Gn 14.18-20).

Isso é tudo o que temos da vida de Melquisedeque. A maneira súbita como esse personagem surge nesse cenário parece indicar que era conhecido na época e não precisava de pormenores. O escritor da epístola aos Hebreus trouxe muitas informações inexistentes no Antigo Testamento, isso se deve, certamente, às fontes que desconhecemos na atualidade ou à revelação direta de Deus.

A expressão “sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias e nem fim de vida” (Hb 7.3) tem levado alguns a pensarem num ser celestial, outros defendem a idéia de uma manifestação pré-encarnada de Cristo, uns como uma teofania semelhante a aparições do anjo de Javé, mas o relato histórico original fala de um Melquisedeque de carne e sangue. Fílon de

Alexandria considerava como alegoria, afirmava ser o Logos Divino, Josefo referiu-se a ele como o primeiro sacerdote e fundador do templo de Jerusalém. Muitos rabinos da antiguidade afirmam ser ele Sem, o mais velho sobrevivente do Dilúvio, pois recusam-se a admitir a idéia de Abraão ter dado os dízimos a um estrangeiro. Isso significa que a sua genealogia não foi registrada para tipificar o sacerdócio eterno de Cristo e mostrar que a ordem de Melquisedeque independe de questões tribais (Hb 7.13-15).

Melquisedeque apareceu na história de maneira tão misteriosa como desapareceu dela. O breve relato a seu respeito registrado em Gênesis 14.18-20 não nos revela muita coisa. O seu nome é mencionado na profecia messiânica do Salmo 110.4 e em Hebreus 5.6-10; 6.20-7.28, em que apresenta relevância espiritual, transcendendo o contexto histórico original. Ele é apresentado como rei de Salém, que significa “paz”, antigo nome de Jerusalém (Sl 76.2). Seu nome vem de duas

palavras hebraicas, (melek), “rei”, e, (tsedeq) , “justiça, retidão”. Trata-se de um Rei de Justiça reinando na Cidade de Paz (Hb 7.2). Assim, desde o limiar da história, Deus já havia escolhido Jerusalém para ser o palco da redenção.

O escritor aos Hebreus chama a atenção, ainda, para alguns detalhes do curto relato do encontro de Abraão com Melquideseque, como a menção dos dízimos e o fato de Abraão ser abençoado por ele (Gn 14.19, 20; Hb 7.6), revestindo de significado espiritual extraordinário. No sistema arônico, o dízimo é estabelecido pela lei e era tomado do povo (Nm 18.21; Hb 7.5), mas Abraão o fez espontaneamente. Nesse ato até Levi, bisneto de Abraão, pagou dízimo “porque ainda ele estava nos lombos de seu pai, quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro” (Hb 7.9). Assim, o patriarca, fundador da nação de Israel, foi abençoado, isso revela sua estatura espiritual visto que “o menor é abençoado pelo maior” (Hb 7.7), mostrando a superioridade da ordem de Melquisedeque.

O SACERDÓCIO DE CRISTO

Antes do sacerdócio levita, a Bíblia menciona Jetro, sogro de Moisés, como “sacerdote de Midiã” (x 2,16; 18.1), apesar de não se saber muito a seu respeito, o contexto parece tratar de um sacerdote do Deus de Israel, pois Moisés sacrificou e ofereceu holocausto junto com ele (x 18.12). Os sacerdotes

mencionados em xodo 19.22, 24 não eram levitas, porque a ordem de Arão ainda não havia sido fundada, isso só aconteceu posteriormente (x 28.1, 41), mas o Comentário Bíblico Beacon afirma que os primogênitos exerciam as funções sacerdotais. A menção dos jovens que sacrificaram ao Senhor, em xodo 24.5, parece indicar uma escolha exclusiva de Moisés só para essa finalidade.

Os sacerdotes segundo a ordem de Arão eram limitados aos descendentes de Eleazar e Itamar, ambos filhos de Arão (Nm 3.3,4; 1 Cr 24.2), visto que Nadabe e Abiú morreram fulminados por trazerem “fogo estranho perante a face do SENHOR” (Lv 10.1, 2). Mesmo para os filhos de Eleazar e Abiú havia requisitos, exigiam-se santidade e perfeição física, como condição para o sacerdócio, conforme o capítulo 21 de Levítico, assim, não bastava ser membro da família. Apesar da incapacidade do sistema arônico, no tocante à salvação, o sistema sacrificial era sombra da obra salvadora de Cristo, no Calvário (Hb 9.9; 10.1).

A ordem de Melquisedeque, representada por Cristo, é sui generis por várias razões. Trata-se de um sacerdócio perpétuo: “mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo” (Hb 7.24). Jesus é antes do sacerdócio arônico e pertence a uma ordem que não depende de genealogia, e a ausência da genealogia de Melquisedeque serve para tipificar o sacerdócio eterno de Cristo: “mas, sendo feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre” (Hb 7.3). A palavra grega para “perpétuo”, nesse versículo, é (aparabatos), “imutável, imperecível, inviolável, intransferível”, e só aparece aqui, em todo o Novo Testamento: “Deus pôs a Cristo neste sacerdócio, e ninguém mais pode introduzir-se nele” (ROBERTSON, tomo 5, 1989, p. 419).

O sistema levita era repetido, os sacerdotes arônicos ofereciam sacrifícios a cada dia para tirar os pecados, um animal era sacrificado em cada ritual, sendo esse sacrifício ineficaz para a salvação,

mas Jesus, “havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus” (Hb 10.11, 12), o Senhor Jesus ofereceu um sacrifício perfeito. A vítima do sacrifício foi ele mesmo: “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29) e não um animal, pois o sangue de animais não era suficiente para pagar tão alto preço, por isso Jesus submeteu-se a si mesmo com o sacrifício, expiação como seu próprio sangue (Hb 9.11-14; 1 Jo 2.1,2). Na sua morte “o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo” (Mt 27.51). Os demais evangelhos sinóticos registraram o fenômeno do véu rasgado (Mc 15.38; Lc 23.45). Trata-se de um sacrifício perfeito porque o próprio Jesus foi a oblação pelos nossos pecados, seu sacrifício foi único e resolveu para sempre o problema do pecado e entrou no santuário celeste, não desta criação: “porém no mesmo céu, para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus” (Hb 9.24); “Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens fracos, mas a palavra do juramento, que veio depois da lei, constitui ao Filho, perfeito para sempre’ (Hb 7.28).

O nosso sumo sacerdote preenche todos os requisitos como Cordeiro Imaculado, Sacerdos Impeccabilis:

Santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente, por seus próprios pecados e, depois, pelos do povo; porque isso fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo (Hb 7.26, 27).

A santidade de Jesus é única e real, absoluta e perfeita, não se trata, pois, de uma santidade cerimonial, como muitas vezes a lei exigia dos sacerdotes levitas. Realizou um único sacrifício e resolveu para sempre o problema do pecado, seu sacerdócio é perfeito, por isso pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus" (Hb 7.25).

Uma vez envelhecido o sacerdócio levita e removido o sistema arônico, Jesus torna-se o Sumo Sacerdote, Mediador e Intercessor em favor do pecador diante de Deus-Pai. O Novo Testamento apresenta todos os cristãos como sacerdotes e isso em virtude na nossa relação íntima com Deus em Cristo: "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz' (1 Pe 2.9). Isso tem raízes no Antigo Testamento, pois Deus disse o mesmo com relação a Israel pouco antes do

Concerto do Sinai, Deus prometeu fazer de Israel: “propriedade peculiar dentre todos os povos; ... reino sacerdotal e povo santo” (x 19.5, 6). Porém, o sacerdócio dos crentes não está limitado a uma família, casta ou grupo especial na igreja, é um sacerdócio universal (Ap 1.6; 5.10). Assim, como havia um sumo sacerdote sobre o sacerdócio em Israel, da mesma forma, Cristo é o Sumo Sacerdote sobre a Igreja.

“

E, ESTANDO REUNIDOS OS FARISEUS, INTERROGOU-OS JESUS, DIZENDO: QUE PENSAIS VÓS DO CRISTO? DE QUEM É FILHO? ELES DISSERAM-LHE: DE DAVI. DISSE-LHES ELE: COMO É, ENTÃO, QUE DAVI, EM ESPÍRITO, LHE CHAMA SENHOR, DIZENDO: DISSE O SENHOR AO MEU SENHOR: ASSENTA-TE À MINHA DIREITA, ATÉ QUE EU PONHA OS TEUS INIMIGOS POR ESCABELO DE TEUS PÉS. SE DAVI, POIS, LHE CHAMA SENHOR, COMO É SEU FILHO? E NINGUÉM PODIA RESPONDER-LHE UMA PALAVRA, NEM, DESDE AQUELE DIA, OUSOU MAIS ALGUÉM INTERROGÁ-LO

”

MATEUS 22.41-46

8

Jesus, filho de Davi

O tema diz respeito, também, à realeza de Cristo, porém isso é assunto do capítulo 13, o enfoque, nesse capítulo, é o caráter profético da

promessa divina feita a Davi. O título messiânico, “Filho de Davi”, foi-lhe conferido por Deus e anunciado pelos profetas do Antigo Testamento como resultado da promessa divina feita ao rei Davi, de estabelecer seu trono para sempre. Durante a última semana do ministério terreno de Jesus, ele foi interrogado diversas vezes por seus opositores como a questão do tributo, a ressurreição dos mortos e o Grande Mandamento.

Ele respondeu a todas as questões, ainda que feitas maldosamente, porém, havia chegado a ocasião de Jesus lhes dirigir uma pergunta, suficiente para silenciar a todos eles. O assunto versava apenas sobre um aspecto da identidade de Cristo: o Filho de Davi.

O REI DAVI

A história de Davi ocupa mais espaço do que qualquer outro personagem do Antigo Testamento. Ele foi o segundo rei de Israel, sucedeu a Saul. Seu nome, na língua hebraica, significa “amado”. Nasceu em Belém, era filho de Jessé e pertencia a uma família de dez filhos, oito homens e duas mulheres (1 Sm 16.10, 11; 1 Cr 2.13-16). Sem que Saul soubesse, Deus enviou o profeta Samuel para

ungir um dos filhos de Jessé para reinar sobre Israel, “porque dentre os seus filhos me tenho provido de um rei” (1 Sm 16.1) e Davi foi o escolhido por Deus (vv 11-13). Parece que sua mãe se chamava Naás, mãe de Zeruia e Abigail, irmãs de Davi (2 Sm 17.25). Ele reinou sete anos em Judá e 33 em todo o Israel, num total de 40 anos. Começou a reinar aos 30 anos de idade (2 Sm 54, 5). Fundou uma dinastia que durou 425 anos, poucas famílias na História conseguiram tais proezas.

Deus agradou-se de Davi e escolheu-o para reinar sobre seu povo Israel, mesmo antes de ser apresentado a Israel, quando Saul foi rejeitado: “já tem buscado o SENHOR para si um homem segundo o seu coração e já lhe tem ordenado o SENHOR que seja chefe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o SENHOR te ordenou” (1 Sm 13.14). Essa declaração é citada no Novo Testamento: “achei a Davi, filho de Jessé, varão conforme o meu coração, que executará toda a minha vontade” (At 13.22). Isso significa ser ele

um homem que se conduzia de acordo com a vontade de Deus, seus desejos e propósitos eram afinados com os de Deus.

Saul havia deixado Israel num caos, com problemas internos e sob a constante ameaça dos filisteus. Davi pôs ordem na nação, venceu os inimigos externos, seus vizinhos, reunificou as 12 tribos que andavam dispersas por causa dos desatinos de Saul e conquistou Jerusalém, até então a fortaleza inexpugnável dos jebuseus desde os dias de Josué, colocando-a como capital de Israel (2 Sm 5.6-10) e compôs 73 dos 150 salmos da Bíblia, é chamado de o “mavioso salmista de Israel” (2 Sm 23.1 - ARA).

PROMESSA DAVÍDICA

Desde o dia em que mandei que houvesse juízes sobre o meu povo Israel. A ti, porém, te dei descanso de todos os teus inimigos; também o SENHOR te faz saber que o SENHOR te fará casa. Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então, farei levantar depois de ti a tua semente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; e, se vier a transgredir, castigá-lo-ei com vara de homens e com açoites de filhos de homens. Mas a minha benignidade se não apartará dele, como a tirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a

tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será firme para sempre (2 Sm 7.11-16).

Não se trata, aqui, do início da profecia messiânica, pois desde a Queda do Éden que Deus havia prometido a vinda do Redentor (Gn 3.15), mas a renovação dessa promessa revelava que o Salvador do mundo viria da descendência de Davi. O contexto dessa profecia está vinculado ao desejo que o rei confidenciou ao profeta Natã, de construir uma casa para se adorar a Deus, em Jerusalém. Em visão, Deus falou a Natã, que por sua vez transmitiu a Davi (1 Sm 7.4). Os versículos 9 e 10 mostram que todas as promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó de construir uma grande nação e estabelecê-la na Terra prometida, levantando reis, estava sendo cumprida.

A primeira promessa feita a Davi é a fundação de uma dinastia davídica: “o SENHOR te faz saber que o SENHOR te fará casa” (v. 11), depois de sua

morte ela continuaria: “estabelecerei o seu reino” (v. 12). A palavra profética revela a relação pai-filho e a continuidade da casa davídica, que não será quebrada como foi a casa de Saul, ainda que esse filho venha a pecar, será castigado, mas “benignidade se não apartará dele” (v.v 14.15). Deus havia sancionado a eleição de Davi e sua ascensão ao trono de Israel e seu futuro estavam garantidos. Mesmo depois do grande Cisma, no reinado de Roboão, filho de Salomão, a dinastia de Davi firmou-se, governando Jerusalém, ao passo que no reino do Norte governaram 19 reis provenientes de nove dinastias. Deus cumpriu sua promessa na sua primeira etapa, pois a profecia messiânica é também escatológica e contempla algo mais, com respeito ao Messias.

O plano divino com a casa de Davi ia além do trono de Jerusalém. A primeira promessa messiânica feita a Davi parece ambígua, entre seu filho Salomão e o Messias. É verdade que o sucessor imediato, Salomão, está também nesse contexto, como afirmam Keil & Delitzch: “A

promessa conseqüentemente se refere à posteridade de Davi, começando com Salomão e terminando com Cristo". O próprio Espírito Santo, ao longo da história do Antigo Testamento, encarregou-se de revelar o caráter messiânico dessa promessa, pois diz respeito ao Messias, de modo que o hebreu daquela época esperava o Messias descendente de Davi. Isso pode se confirmar no próprio texto sagrado, como se segue:

Fiz um concerto com o meu escolhido; jurei ao meu servo Davi: a tua descendência estabelecerei para sempre e edificarei o teu trono de geração em geração... "Não quebrarei o meu concerto, não alterarei o que saiu dos meus lábios. Uma vez jurei por minha santidade (não mentirei a Davi). A sua descendência durará para sempre, e o seu trono será como o sol perante mim; será estabelecido para sempre como a lua; e a testemunha no céu é fiel (Sl 89.3, 4. 34-37).

Do incremento deste principado e da paz, não

haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora e para sempre; o zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto (Is 9.7).

Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará... E acontecerá, naquele dia, que as nações perguntarão pela raiz de Jessé, posta por pendão dos povos, e o lugar do seu repouso será glorioso (Is 11.1, 10).

Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; sendo rei, reinará, e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o nome com que o nomearão: O SENHOR, Justiça Nossa (Jr 23.5, 6).

A promessa messiânica estava tão vinculada à casa de Davi, que, às vezes, encontramos o nome "Davi" como título messiânico: "... e buscarão o SENHOR, seu Deus, e Davi, seu rei" (Os 3.5). O

Targum de Jonathan traduziu parafraseando, assim: “Obedecerão ao Messias, o Filho de Davi, seu rei”. Outras profecias do Antigo Testamento apresentam o Messias pelo nome de Davi: “mas servirão ao SENHOR, seu Deus, como também a Davi, seu rei, que lhes levantarei” (Jr 30.9). O mesmo acontece no discurso profético de Ezequiel (34.23,24; 37.24).

Essa promessa teve implicações teológicas profundas no período do Novo Testamento. Quando Jesus discursava acerca de sua missão, seus ouvintes comentavam: “Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e de Belém, da aldeia de onde era Davi?” (Jo 7.42). Todo Israel tinha conhecimento dessa profecia e aguardava o seu cumprimento, era a expectativa do povo. Paulo e Barnabé, na sinagoga de Antioquia da Pisídia, trouxeram o assunto à tona lembrando aos judeus da Diáspora, a promessa feita a Davi: “Da descendência deste, conforme a promessa, levantou Deus a Jesus para Salvador de Israel” (At 13.23).

A apóstolo Paulo escreveu que a vinda do Messias, como homem, descendente de Davi, era cumprimento das Escrituras do Antigo Testamento: “o qual antes havia prometido pelos seus profetas nas Santas Escrituras, acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne” (Rm 1.2, 3). Mateus começa o seu relato vinculando o Senhor Jesus a Davi (Mt 1.1), pois sabia o que isso significava para os judeus, eliminando qualquer dúvida sobre o messiado de Jesus. Assim, Jesus foi aclamado por seus discípulos: “E as multidões, tanto as que iam adiante como as que o seguiam, clamavam, dizendo: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!” (Mt 21.9).

“QUE PENSAIS VÓS DO CRISTO?”

Os fariseus e os saduceus, em conluio com os principais dos sacerdotes e escribas, tornaram-se os principais opositores de Jesus. Eles acompanhavam de perto todas as suas atividades e discursos a fim de encontrar algo que pudesse dar sustentação legal para condenação à morte (Lc 20.19, 20). Esses

grupos aparecem com muita freqüência nos evangelhos sinóticos.

Os fariseus surgiram no período interbíblico, o termo grego (pharisaios) vem do hebraico (prûshîm), “separados”, pois o grupo surgiu para proteger a lei da influência helênica, no período has moneu, por volta do século II a.C. Depois da destruição de Jerusalém, em 70 d.C., eles estabeleceram seu novo centro em Jamnia, onde foi lançado o fundamento do judaísmo rabínico moderno. Eram membros do sinédrio (Supremo Tribunal judaico) e tornaram-se inimigos implacáveis de Jesus. No período do seu ministério terreno, eles caracterizaram-se de maneira marcante pela hipocrisia. Eles e os escribas são chamados repetidamente de hipócritas no discurso registrado em Mateus 23.

Os saduceus eram os defensores da linhagem sacerdotal de Zadoque. O nome vem da família que deteve o cargo de sumo sacerdote desde Salomão

(1Rs 2.35) até 175 a.C., quando Antíoco Epifânio IV depôs o zadoquita Onias III, pondo em seu lugar Jasão, que comprara o cargo. Os. (tsedôqîm), em hebraico, ou (saddoukaios), em grego, surgiram justamente como reivindicação ao retorno da casa de Zadoque ao sacerdócio. Sua ideologia opunha-se a dos fariseus, ambos partidos surgiram na mesma época. Embora não estejam no contexto em foco, uniram-se aos fariseus, superando todas diferenças ideológicas, de ordem política e religiosa, para somar as forças contra Jesus, ambos eram os principais opositores de Cristo. Eram, como os fariseus, uma seita e muitos deles, sacerdotes, exerciam fortes influências no sinédrio (At 5.17).

As autoridades religiosas ficaram furiosas com a parábola dos lavradores maus, pois entenderam que era a eles que Jesus se referia, ainda mais, diante do povo, que ouviu essa parábola. Isso indignou os principais dos sacerdotes e dos escribas (Lc 20.19). Queriam lançar mão sobre Jesus, mas temiam o povo. Na questão do tributo, os fariseus e os

herodianos (marqueteiros pagos para vender uma imagem positiva de Herodes), após sua derrota em público, retiraram-se (Mt 22.22). Em seguida, aparecem os saduceus, com a questão da ressurreição. Jesus revela a ignorância deles no tocante às Escrituras e ao poder de Deus (Mt 22.29-33). Depois, os fariseus reúnem-se e surge dentre eles um intérprete da lei, perguntando sobre o grande mandamento (Mt 22.34).

Os relatos dos evangelhos sinóticos parecem indicar que houve certa trégua: "E já ninguém ousava perguntar-lhe mais nada" (Mc 12.34). Somente Mateus afirma que a pergunta de Jesus foi dirigida aos fariseus (22.41), e Marcos dá a entender que Jesus falava à multidão no templo (12.35-37), mas nada impede que os fariseus estivessem entre o povo. Lucas omite esses detalhes (20.41-44). O objetivo da pergunta não era "ganhar o debate", mas tornar conhecida a verdadeira identidade do Messias, era uma questão cristológica, e não sobre política e nem sobre ressurreição.

Jesus perguntou de quem o Cristo era filho. Todos conheciam a promessa de Deus sobre o Messias da linhagem de Davi. Assim, foi aclamado pelo povo quando entrou em Jerusalém, montado num jumento: “Hosana ao Filho de Davi!” (Mt 21.9). As discussões entre o povo sobre Jesus versavam sobre a linhagem davídica do Messias (Jo 7.40). O Senhor Jesus aceitou esse título mais de uma vez (Mt 15.22; 20.31; 21.15). A pronta resposta à pergunta de Jesus confirma essa verdade, eles responderam bem: “de Davi” (22.42). Usando como base a resposta dos fariseus, Jesus fez outra pergunta, como o pai pode chamar o filho de senhor? Isso eles não puderam responder.

O Messias é filho de Davi, mas o próprio Davi escreveu “Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés” (Sl 110.1). O Antigo Testamento Hebraico registra (nᵉ’um YHWH l’ãdõnãy), “oráculo de Javé ao meu

Senhor". A construção "disse o Senhor ao meu Senhor" (Mt 22.44) ou na passagem paralela (Lc 20.42) vem da Septuaginta: (eipen ho kyrios tõ kyriõ mou) [109.1]. Jesus afirma "que Davi, em espírito, lhe chama Senhor" (Mt 22.43), a ARA e a TB traduzem "pelo Espírito". Isso mostra que, além de basear seu argumento na Palavra de Deus, está afirmando que a Escritura é inspirada pelo Espírito Santo (4.25; Hb 3.7; 1 Pe 1.21).

Muitos expositores do Novo Testamento estranham o fato de Jesus não resolver a questão da aparente contradição. O Cristo é filho de Davi, entretanto, o próprio Davi, pelo Espírito, chama-o de Senhor. Os fariseus não souberam responder e Jesus também não se preocupou em deixar isso claro para eles. Afinal, deviam saber, não são eles doutores da lei? Não há contradição alguma nessa pergunta de Jesus, pois os fariseus, ainda que contra a sua vontade, tinham de admitir que Jesus é o verdadeiro filho de Davi e o verdadeiro Senhor de Davi e que isso já estava registrado nas Escrituras Sagradas dos próprios judeus.

Esse título confere a Jesus o direito ao trono de Davi como herdeiro legítimo. Visto que Davi foi um guerreiro por excelência que protegeu os israelitas dos inimigos, assim os fariseus esperavam, também, um líder nacional, um Messias guerreiro que livrasse Israel do julgo romano e estabelecesse a paz universal, mas mal sabiam os fariseus que sua missão ia muito além da sucessão terrena de Davi.

“

E ACONTECEU QUE, CONCLUINDO JESUS ESTE DISCURSO, A MULTIDÃO SE ADMIROU DA SUA DOUTRINA, PORQUANTO OS ENSINAVA COM AUTORIDADE E NÃO COMO OS ESCRIBAS

”

MATEUS 7.28, 29

Os ensinos de

Jesus

O Sermão do Monte mostra a autoridade, clareza e originalidade do ensino do Mestre que se distinguia da didática dos líderes religiosos

contemporâneos. Jesus ensinava enquanto pregava e pregava enquanto ensinava em seu ministério. O seu método impressiona, ainda hoje, o espírito humano, pois ensinava de modo que nunca houve antes e nem depois dele alguém que fizesse igual.

ENSINO E DOUTRINA

A arte de ensinar é tão antiga quanto a humanidade, pois é de suma importância no processo de perpetuar e propagar costumes, leis e cultura. Onde há ensino, há mestres envolvidos. A Bíblia está repleta de referências a ensinos e mestres. O ministério do ensino ocupa espaço relevante no cristianismo, aparece na lista dos dons da graça de Deus: “se é ensinar, haja dedicação ao

ensino” (Rm 12.7). Segundo Myer Pearlman, ensinar “é despertar a mente do aluno para captar e reter a verdade”.

O substantivo hebraico (leqaḥ), “ensino, aprendizado, poder de persuasão” (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p 795), no Antigo Testamento, vem do verbo (lãqaḥ), “tomar, agarrar, receber” (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p 793). O sentido primário é “o recebido”. Aparece com o sentido de “doutrina” ou “ensinamento” (Dt 32.2; Jó 11.4; Pv 4.2); “dom de persuadir” (Pv 7.21); “entendimento” (Pv 1.5 Is 29.4). A palavra “doutrina” vem do latim doctrina, que significa, também, “ensino” ou “instrução”, e refere-se às crenças de um grupo particular de crentes ou mesmo de partidários. Com o passar do tempo a palavra veio a significar o ensino de Moisés que se encontra no Pentateuco.

As duas principais palavras gregas usadas no Novo Testamento são (didachẽ), “instrução,

ensino" (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 966) e (didaskalia), "ensino, doutrina" (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 957). Essas palavras transmitem a idéia tanto do ato de ensinar como a substância do ensino. A primeira aparece para indicar os ensinos gerais de Jesus (Mt 7.28; Jo 7.16, 17) e também para a "doutrina dos apóstolos" (At 2.42). A segunda possui o mesmo sentido (Mt 15.9; Mc 7.7). É nas epístolas pastorais que elas aparecem com o sentido mais rígido de crenças ou corpo doutrinal da igreja – a teologia sistemática (Tt 1.9).

O ensino bíblico acompanha a pregação do evangelho: "Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém!" (Mt 28.19, 20). Essa passagem é conhecida como a "Grande Comissão", nela são usados dois verbos gregos para "ensinar". O primeiro, em "ensinai todas as nações", é o verbo

(mathẽteuõ), “fazer discípulo”, é o discipulado que acompanha a evangelização. O segundo, em “ensinado-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado”, é o verbo (didasko), e isso inclui teologia e ética. O Senhor Jesus ensinou durante todo o seu ministério sobre Deus, sobre si mesmo, sobre o Espírito Santo, sobre os anjos, sobre o homem, sobre o pecado, sobre a expiação, sobre os anjos, sobre a igreja, sobre a morte, sobre a ressurreição dos mortos, sobre a sua vinda etc., mas ensinou também a teologia prática, a ética, aquilo que o cristão deve praticar no seu dia a dia.

“ENSINAVA COM AUTORIDADE”

No discurso do Sermão da Montanha, Mateus registra que Jesus “subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; e, abrindo a boca, os ensinava” (5.1, 2). Ensinar sentado, na antiguidade, significava não apenas a transmissão de uma idéia oficial, mas

também autoridade. Jesus faz menção da "cadeira de Moisés" no templo (Mt 23.2). A palavra grega para "cadeira" é (kathedra), em latim cathedra. Um pronunciamento ou discurso proferido ex cathedra, "da cadeira", representa autoridade. A autoridade do ensino de Jesus é visível na maneira de se apresentar para transmitir e no próprio conteúdo. Na sinagoga de Nazaré, após a leitura, "assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então começou a dizer-lhe..." (Lc 4.20, 21). Esse gesto de ensinar aparece em outros lugares nos evangelhos (Lc 5.3). O Sermão do Monte é o melhor exemplo dessa autoridade, pois jamais um profeta ou rabino ousaria expressar "ouvistes o que foi dito... eu, porém, vos digo" (Mt 5.21, 22, 27, 28, 31-34, 38, 39, 43, 44).

A expressão "abrir a boca" não é mera paráfrase significando "dizer", é algo muito significativo. Trata-se de um pronunciamento solene ou manifestação de um oráculo e, também, indica "abrir o coração", deixar fluir da alma todo o sentimento (Sl 78.2; Mt 13.35). O verbo "ensinar",

usado no imperfeito em nossa língua convém deixar claro que o imperfeito grego significa uma ação contínua ou repetida no passado nem sempre transmite exatamente essa idéia. Essa passagem, na língua original, mostra que Jesus, para melhor clareza das idéias centrais de seu ensino, ensinava habitualmente aos seus discípulos, era algo constante.

O próprio conteúdo do sermão revela a natureza sui generis do ensino de Jesus, mesmo assim, o texto afirma de maneira explícita que "a multidão se admirou da sua doutrina, porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas" (Mt 7.28, 29). Todos estavam perplexos, pois estavam acostumados com os discursos dos rabis, que não tinham autoridade própria, mas Jesus era diferente. Sem hesitar ou titubear falava com segurança inabalável e em termos absolutos, não estava preso à cultura do seu povo. Sabia o que falava e em que ponto queria chegar, isso deixava a multidão atônita. Ninguém jamais ensinou como ele (Jo 7.46), isso revelava, também, sua deidade e

senhorio.

O EMPREGO DAS FIGURAS

Os ensinos de Jesus são ricos em figuras e tropos. Figura "é simplesmente uma palavra ou frase modelada segundo uma forma especial, diferente de seu sentido ou uso ordinário usadas constantemente por oradores e escritores" (BULLINGER & LACUEVA, 1990, p. 15). Figuras de linguagem ou de estilo são, portanto, recursos especiais usados por oradores e escritores para dar vivacidade, beleza e também força a verdade que quer expressar, de modo que sua firmeza e sua profundidade fique em destaque.

A palavra (schẽma),"figura, maneira exterior, forma" (BAILLY, 1950, p. 1885), ou figura em

latim, aparece apenas duas vezes no Novo Testamento, mas sem conotação estilística: “porque a figura deste mundo passa” (1 Co 7.31); “e feito semelhante aos homens.” (Fp 2.7). Os antigos gregos organizaram um sistema desses recursos e chamaram de sch ma, os romanos seguiram o mesmo padrão usando a palavra figura. Esses recursos são usados também em outras línguas. O termo grego tropo,j (tropos) apresenta significado amplo, “direção, atitude, maneira, modo, qualidade, particularidade, modo de ser ou estar, modo de expressar-se, estilo, etc” (URBINA, 1997, p. 592). Na estilística, os tropos são conhecidos hoje como “figuras de palavras” em nossas gramáticas.

O estudo das figuras de linguagem encantou os antigos oradores gregos e romanos. Os amantes da retórica deram atenção especial ao tema, pois elas facilitam o sentido e ornam o discurso ou ensino ou, ainda, o texto para chamar atenção ou afirmar algo de maneira sutil. As Escrituras Sagradas estão cheias desses recursos lingüísticos. Os primeiros, na história da Igreja, que deram importância ao tema

foram dois monges, um italiano, Cassiodoro, nascido no sul da Itália (480-585), e, outro, inglês, Beda o Venerável (673-735), monge do mosteiro de Jarrow, Inglaterra.[19] Não cabe no presente capítulo um estudo mais aprofundado, por isso são apresentados apenas alguns exemplos.

Epizeuxe é a repetição de palavras, ou de uma série de palavras, sem outra intermediária, para enfatizar o sentido que ela exprime de compaixão ou exortação: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!” (Mt 23.37). O uso da figura aqui é para chamar a atenção, pois trata-se de um aviso solene da destruição de Jerusalém, porque a Cidade rejeitou o seu Messias.

Paromeose é a figura que consiste na repetição de flexões que soam de modo similar: “Dizem: Tocamo-vos flauta, e não dançastes; cantamo-vos

lamentações, e não chorastes" (Mt 11.17). As palavras gregas (õrchẽsasthe) e (ekopsasthe), "dançastes" e "chorastes", apresentam as mesmas flexões tanto no grego como no português.

Homeoteleuto é a figura que consiste na repetição das mesmas letras ou sílabas no final de palavras sucessivas; "Este é o primeiro e grande mandamento" (Mt 22.38); que é no grego: (hautẽ estin hẽ megalẽ kai prõtẽ entolẽ). Exceto o verbo de ligação estin e o conectivo kai, todas as demais palavras terminam em (-ẽ).

Poliptoto é a figura que consiste na repetição da mesma palavra do discurso com diferentes flexões, de casos nos nomes e de tempo, pessoa e modo nos verbos: "Quem tem ouvidos para ouvir ouça" (Mt 11.15). O termo grego para "ouvidos" é (ôta), substantivo neutro plural e o verbo (akouetõ) "ouça", imperativo presente ativo. Com essa figura o Senhor Jesus está reivindicando autoridade acima de qualquer homem.

Metáfora e símile. Metáfora "consiste na transferência de um termo para uma esfera de significação que não é a sua, em virtude de uma comparação implícita" (LIMA, 2003, p. 501), ou seja, é o emprego de uma palavra em um sentido diferente do próprio por analogia: "Vós sois o sal da terra; e, se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens" (Mt 5.13). A propriedade do sal é conservar o alimento e dar sabor a ele, e o Senhor Jesus usou essa metáfora para mostrar aos seus discípulos que o papel deles seria semelhante à função do sal no seu uso do dia a dia, conservar e dar sabor. Com isso enfatizava a importância da função dos seus discípulos no mundo, preservando a terra da corrupção e da destruição, oferecendo ainda um paladar especial à vida. Se Jesus tivesse dito "vós sois como o sal da terra", seria a figura de palavras chamada símile ou comparação e não metáfora.

Metonímia e sinédoque. A distinção entre metonímia e sinédoque é muito sutil, de maneira que muitos autores modernos sequer mencionam a sinédoque quando colocam a metonímia na sua lista de tropos, como M. Said Ali, Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara. Beda colocou os dois tropos em sua lista, definiu cada um deles e apresentou exemplos bíblicos (BEDA, 1975, p. 155, 156).

A metonímia consiste na mudança de um nome por outro com que o primeiro guarda alguma relação: "O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida" (Jo 6.63). A expressão "as palavras que eu vos disse são espírito e vida" é uma metonímia do agente pela coisa feita, pois com isso afirma que as palavras de Jesus produzem vida eterna, vida espiritual.

A sinédoque consiste no emprego de uma palavra em lugar de outra na qual está compreendida, com

a qual tem uma conexão: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6.11). A palavra “pão” significa alimento.

Catacrese ou abusão consiste no desvio de uma palavra de seu significado natural, a ponto de significar algo que difere da própria denominação da coisa: “Ou não tendes lido na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?” (Mt 12.5). O problema começou porque os discípulos de Jesus começaram a colher espigas para comer e aquele dia era sábado. As autoridades religiosas de Israel censuraram essa atitude, pois haviam radicalizado a guarda do sábado de maneira muito escrupulosa. Jesus chamou a atenção dessas autoridades, pois não perceberam que a mesma lei que mandava guardar o sábado (x 20.8-11; Dt 5.12-15), regulamentava o exercício dos sacerdotes no altar nos dias de sábados (Nm 28.9). Essa observação de Jesus é uma catacrese, violar o sábado e ficar sem culpa, que serviu para chamar a atenção das autoridades religiosas da época sobre o conceito equivocado

sobre as obras manuais realizadas no dia de repouso.

Epíteto **c**onsiste no qualificativo anteposto ao nome para designar atributo ou qualidade que melhor o caracteriza. O epíteto não substitui o nome e nisso difere da antonomásia: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). O adjetivo, “verdadeiro”, não é um mero qualificativo, mas um epíteto usado para afirmar que ele é o único Deus distinguindo-o dos deuses falsos (1 Co 8.5, 6; Gl 4.8).

Hipérbole ou Exagero **c**onsiste em acrescentar ao sentido uma espécie de exagero que aumenta ou diminui consideravelmente além do que se dá a entender: “E tu, Cafarnaum, que te ergues até aos céus, serás abatida até aos infernos; porque, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que em ti se operaram, teria ela permanecido até hoje” (Mt 11.23). Isso não significa que Cafarnaum se ergueu

até aos céus, essa figura é usada para enfatizar a grande soberba da referida cidade.

Parábola é uma símile continuada ou expandida, uma comparação ampliada. O Novo Testamento chama de parábola uma história real ou imaginária para ilustrar verdades espirituais, ou transmitir um ensino moral. A Septuaginta traduziu dezenas de vezes a palavra hebraica (mãshãl), "dito, provérbio", por (parabolẽ), "parábola". A parábola pode ser uma mera símile (Mt 13.33) ou narrativas elaboradas como a Parábola do Semeador e a Parábola do Trigo e do Joio. O próprio Jesus deu a interpretação dessas últimas duas parábolas (Mt 13.18-23, 36-43). Os evangelhos sinóticos registram 41 parábolas proferidas por Jesus. Foi a figura que ele mais usou em suas pregações e ensinos.

Jesus deixou claro porque resolveu ensinar por parábolas: "Por isso lhes falo em parábolas, porque vendo, não vêem; e ouvindo, não ouvem, nem

entendem” (Mt 13.13). Nem todos da multidão que seguiam a Cristo estavam preocupados com o reino de Deus e nem interessados em aprender. Esses, entendendo ou não o ensino, não faziam diferença alguma. A estratégia da parábola era atrair os verdadeiros interessados na mensagem de Jesus, pois não entendendo, iam pedir explicações (Mt 13.10).

O Senhor Jesus encerrou o mais célebre e mais conhecido discurso que alguém já pronunciou na história, o Sermão do Monte, com uma parábola:

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e

correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda" (Mt 7.24-27).

Jesus conclui seu sermão com a parábola dos dois construtores, mostrando que ser cristão é pregar o que vive e viver o que prega. O contraste dos dois tipos de ouvinte é representado nesses construtores. O insensato procura livrar-se do incômodo de ter que trabalhar a rocha para fazer o alicerce, em contrapartida, sua construção é vulnerável à chuva ou a qualquer tempestade. Isso mostra que o cristão meramente intelectual ou ouvinte, que professa uma fé artificial, não resiste às intempéries da vida, qualquer dificuldade abala a sua fé, porque construiu sua casa na areia. Porém, o que constrói sobre a rocha representa o cristão que ouve o ensino de Jesus e pratica-o e está preparado para servir a Cristo qualquer que seja a adversidade.

O ensino de Jesus abrange valores espirituais, são instruções que abrangem vários aspectos da vida, na

área social e espiritual, contribui na construção de uma sociedade piedosa e civilizada, liberta o homem da ignorância e da cegueira e protege os cristãos de serem levados por "todo o vento de doutrina" (Ef 4.14). Deus tem interesse no bem-estar social e espiritual do ser humano, e o Senhor Jesus Cristo, ainda hoje, escolhe homens e mulheres para o exercício desse sublime ministério. Fazer discípulo não é a mesma coisa que fazer membro de igrejas. O discipulado não é opção, é mandamento divino para a edificação e crescimento espiritual de cada cristão. Isso, por si só, já revela a importância do ensino no ministério.

“

VARÕES ISRAELITAS, ESCUTAI ESTAS PALAVRAS: A JESUS NAZARENO, VARÃO APROVADO POR DEUS ENTRE VÓS COM MARAVILHAS, PRODÍGIOS E SINAIS, QUE DEUS POR ELE FEZ NO MEIO DE VÓS, COMO VÓS MESMOS BEM SABEIS

”

ATOS 2.22

10

Os milagres de

Jesus

O Senhor Jesus manifestou o seu poder sobre a

natureza, sobre o pecado, sobre a morte, sobre o diabo e o inferno, nada há impossível para ele. Desde muito cedo na História que a existência dos milagres é debatida e questionada pelos céticos, principalmente os fenômenos sobrenaturais e inexplicáveis provenientes da atuação de Deus no meio do seu povo. Os 35 milagres operados por Cristo, registrados no Novo Testamento, revelam a extensão do domínio do poder de Jesus, mostrando sua autoridade sobre a morte e o inferno, sobre o diabo e seus agentes, sobre as enfermidades e a própria natureza.

O MILAGRE E A CIÊNCIA

A Bíblia nos ensina que o propósito principal da vinda do Filho de Deus ao mundo foi para a redenção humana: “Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1 Tm 1.15). Apesar disso, o Senhor

Jesus jamais deixou de socorrer os necessitados e aflitos, pois compadecia-se deles: “e Jesus, saindo, viu uma grande multidão e, possuído de íntima compaixão para com ela, curou os seus enfermos” (Mateus 14.14). Ele tinha compaixão dos enfermos, dos oprimidos e de todos os de espírito abatido, porque andavam como ovelhas que não têm pastor (Mt 9.36; Mc 6.34). Ele veio para salvar os pecadores, no entanto, por causa da miséria humana, operou muitos milagres, prodígios e maravilhas.

O Senhor Jesus não veio ao mundo para fazer espetáculos a fim de agradar o público, nem gostava de exibição. Herodes Antipas, sucessor de seu pai, Herodes, o Grande, esperava ver Jesus operar milagres e maravilhas, mas Jesus não deu satisfação nem a ele, nem a sua corte (Lc 23.8, 9). Porém, realizou milagres extraordinários que ninguém, nem antes e nem depois dele, conseguiu algo igual. A maior parte dos milagres operados por Jesus foi em público e as pessoas curadas eram conhecidas da população, isso revela a impossibilidade de qualquer

idéia de truques, magias, trapaças ou embustes.

Uma das grandezas do cristianismo é que ele foi erigido sobre fatos, o que Jesus fez e ensinou foi às claras. Diferente de outras religiões, como o islamismo ou de grupos religiosos isolados, como o mormonismo. Maomé alegou ter recebido revelações do anjo Gabriel, mas quem pode testemunhar a veracidade de sua declaração? Joseph Smith Jr., fundador do movimento conhecido pelo nome de Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o mormonismo, afirma ter recebido revelação do Pai e de seu Filho Jesus Cristo, mas onde estão as testemunhas?

Quando Deus deu a Moisés o Decálogo, o povo viu relâmpagos, trovões, o monte fumegava diante da presença de Deus "Moisés falava, e Deus lhe respondia em voz alta" (x 19.16-19). O próprio povo era testemunha do extraordinário fenômeno (Hb 12.18-21). Jesus levou três testemunhas: Pedro, Tiago e João, ao monte da Transfiguração

para que pudessem contemplar a sua glória (Mt 17.1, 2; Mc 9.2, 3; Lc 9.28, 29). Deus testificou dos céus que Jesus é o seu Filho amado, isso o fez na presença de muitas testemunhas, por ocasião do batismo (Lc 3.21,22). O Senhor Jesus assumiu a forma humana quando veio ao mundo, mas a vinda do Espírito Santo foi diferente, ele não veio como homem, porém Deus proveu um meio para que o evento tivesse testemunha, mesmo entre os opositores da fé cristã (At 2.2-8). Deus não é Deus de confusão (1 Co 14.33).

Jesus foi transparente em tudo, no ensino e nos milagres. Ele fez parar um cortejo fúnebre para chamar de volta à vida o defunto, no meio dos acompanhantes do enterro e dos demais presentes. Com uma palavra ressuscitou o filho da viúva de Naim (Lc 7.11-18). A cura do endemoninhado cego e mudo foi também pública, de maneira que “toda a multidão se admirava”. Parece até que os próprios fariseus foram testemunhas oculares (Mt 22-24). A ressurreição de Lázaro foi, também, um ato realizado diante do público (Jo 11.42-44). A cura

do cego de nascença, registrada em João 9, deixou perplexas as autoridades religiosas. O Senhor Jesus respondeu ao sumo sacerdote, quando foi interrogado acerca de sua doutrina, disse: “Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se ajuntam, e nada disse em oculto” (Jo 18.20). Não somente ensinou abertamente como também operou maravilhas diante de todos os presentes.

A pressão dos opositores de Jesus era muito grande, e dificilmente um possível embuste escaparia se realmente não fosse milagre autêntico. O milagre per si é um fenômeno que não se explica pela razão e nem pelas leis naturais, mas é realidade incontestável. Ainda hoje, muitas vezes, deixam médicos perplexos, muitos desses testemunhos são publicados no jornal Mensageiro da Paz.

Os homens criaram diversos métodos de pesquisa e nem sempre os fenômenos podem ser explicados conforme essas metodologias. Segundo Auguste

Comte (1798-1857), filósofo francês, a ciência deverá substituir todas as religiões, e o fenômeno só pode ser estudado cientificamente se for publicamente comprovado, passível de repetição, mensurável, estabelecer a relação de causa e efeito, e, além disso, o experimento tem de ser publicado para contestação. Nesse contexto, os milagres não poderiam ser estudados cientificamente, pois não são explicáveis racionalmente, mas isso não é prova de sua inexistência, simplesmente mostra a incapacidade humana de explicar e mensurar os milagres de Deus (Jó 26.14), eles estão aí para desafiar a Ciência. Esses postulados de Comte têm o seu mérito no campo científico, mas nem sempre é aplicável à Bíblia.

Essas metodologias deixaram de fora os milagres, mas nem por isso eles deixam de ser fatos reais. Há, na verdade, muitas coisas na fé cristã que não podem ser explicadas, pois não é possível explicar o sobrenatural e nem repetir uma concepção virginal ou uma ressurreição cada vez que alguém queira praticá-la, logo os milagres bíblicos não podem ser

submetidos a tais métodos. Isso não significa dizer que a fé cristã seja irracional, quando Jesus disse que devemos amar a Deus com todo o nosso "entendimento" (Mc 12.30) estava nos autorizando, também, o uso da razão.

Submeter a Bíblia a métodos científicos é procedimento inadequado, pois a Ciência modifica-se a cada nova descoberta, "o espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento" (BACHELARD, 1968, p. 147). Até pouco tempo o Sistema Solar compunha-se de nove planetas. Depois do Congresso de Praga, na República Tcheca, os cientistas provaram que Plutão não apresenta características para ser considerado planeta. Agora, nosso Sistema Solar contém oito planetas. A Ciência funciona dessa maneira. Há casos até em que são especulações e são reconhecidas como ciências apenas por determinados grupos. Muitas coisas que foram ciências no passado, hoje, não passam de bobagens; da mesma forma, o que é ciência hoje pode ser

bobagem amanhã. A Bíblia, no entanto, permanece (Is 40.8). Outras vezes, as supostas contradições não são com a Bíblia, mas com a linha de interpretação vigente.

Muitos cristãos desavisados procuraram submeter a Bíblia ao método de Comte, esquecendo-se que as coisas espirituais devem ser comparadas com as espirituais: "As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais" (1 Co 2.13). O resultado da aplicação desse método foi desastroso, levou o povo à descrença, ao indiferentismo religioso e ao secularismo. A Europa, que foi palco de grandes avivamentos, hoje, é terra seca e precisa ser re-evangelizada.

CONCEITO BÍBLICO DE MILAGRE

Milagre é a intervenção do sobrenatural na lei da natureza que Deus opera para mostrar o seu poder e ajudar o ser humano. Em cada milagre acontece uma intervenção na ordem natural do universo. A Bíblia afirma que essa manifestação divina depende da soberana vontade do Criador e da fé daquele que

espera o socorro de Deus (Mc 11.23, 24). Religião sem sobrenatural é mera filosofia. A história do povo de Deus está repleta de milagres.

No Antigo Testamento aparece o termo hebraico (’ôth), “sinal”, palavra genérica que significa: “sinal, marca, insígnia, indício, estandarte, sinal miraculoso, prova, advertência” (HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, 1998, p. 27), geralmente traduzido por (sẽmeion), na Septuaginta. Quando o sentido é de sinais miraculosos, ’ôth vem geralmente acompanhado do termo hebraico (môphẽth), “maravilha, milagre, sinal, feito” (x 7.3; Dt 4.34; 6.22). Moisés, Elias e Eliseu são os principais mencionados no Antigo Testamento.

Os milagres de Jesus não se restringem à cura e libertação. Há no Novo Testamento quatro palavras para designar “milagre”: (teras), “maravilha”; (sẽmeion), “sinal”; (dynamis); “poder” e (ergon), “trabalho, obra, feito”. Os três primeiros termos

aparecem em Atos 2.22: “Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais”, e o último, em Mateus 11.2: “E João, ouvindo no cárcere falar dos feitos de Cristo”. O termo teras significa “milagre, maravilha, sinal milagroso, portento”. A Septuaginta emprega essa palavra para referir-se às ações que revelam o poder de Deus (x 4.21, Dt 11.3); no Novo Testamento é a palavra usada para “prodígios”, revelando o poder de Jesus (At 2.22). Nos clássicos da antiga Grécia essa palavra indica coisa espantosa, ação espantosa proveniente de Deus.

Sabemos que os milagres não eram exibições de espetáculos, mas manifestações da graça de Deus que se compadece dos aflitos e necessitados e cujos relatos nos transmitem lições de vida. Quando João Batista ouviu falar “dos feitos de Cristo” (Mt 11.2), enviou dois discípulos para ouvir do próprio Jesus a fim de confirmar se era ele, de fato, o Messias. A resposta do Mestre foi prática: “Ide e anunciai a João as coisas que ouvis e vedes: Os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os

surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho" (Mt 11.4, 5). Em outras palavras, os fatos falam por si mesmos. Esses "feitos", ergon, ou erga, no plural, são todas as obras sobrenaturais que Jesus operou, demonstrando seu poder e sua divindade. É difícil saber exatamente o propósito do envio desses discípulos a Jesus, há diversas interpretações e controvérsias, porém o nosso tema trata dos milagres de Jesus.

O Novo Testamento revela o poder de Jesus sobre todas as coisas, para expulsar demônios (Mt 12.22, 23); para abrir os olhos aos cegos (Mt 20.34), até cego de nascença (Jo 9.6,7); para fazer o mudo falar (Mt 12.22) e o paralítico andar (Jo 5.2-9); e o inferno estremecer (Lc 8.28-33). Seu poder sobre a natureza é atestado quando ele apaziguou tempestade, acalmando a fúria do mar e quando andou sobre as águas (Mc 4.37-39; Mc 14.25). Não é possível saber tudo o que Jesus fez, os 35 milagres registrados nos evangelhos servem como amostra, apresentamos apenas alguns. A lista

da obras citadas em resposta aos emissários de João Batista é uma amostra das amostras, pois não foi registrado tudo o que Jesus fez e ensinou (Jo 21.25).

O milagre per si serve para revelar o poder do Criador e o seu controle sobre todas as coisas. Os milagres de Jesus são socorro e solução para o ser humano em desespero, porém, o objetivo principal é conduzir todos a Deus. O apóstolo João afirma ter deixado de registrar muita coisa, pois o Espírito Santo inspirou o apóstolo para escrever o suficiente para convencer pecador de que Jesus é o Filho de Deus, o Salvador do mundo, que para ser salvo basta crer nele (Jo 20.30, 31).

Não apenas os céticos citados acima rejeitam os milagres e a sua atualidade, mas há também, infelizmente, alguns cristãos não pentecostais, mesmo tementes a Deus e piedosos, acreditando que os milagres foram operados apenas nos tempos bíblicos. Se a mensagem da salvação é válida para

hoje, logo os milagres o são também, pois o apóstolo João afirma que o propósito deles é levar o pecador a Cristo. O próprio Jesus ensinou a continuidade desses milagres (Jo 14.12).

Os relatos dos milagres operados por Jesus são lições que enriquecem a vida cristã. Quando Jesus falou para Marta, irmã de Lázaro: “Tirai a pedra” (Jo 11.39), aprendemos que aquilo que podemos fazer é de responsabilidade nossa, nós mesmos devemos fazer. Deus só age quando não há mais recurso humano ou quando o problema está fora do nosso controle. O cristão deve estudar e esforçar-se, preparar-se para melhor colocação no mercado de trabalho, para obter êxito e transformar seus sonhos em realidade. O sobrenatural Deus faz para que seus filhos sejam bem sucedidos. Aquele que, com uma palavra tirou Lázaro do túmulo, mesmo quatro dias depois de sua morte, sem dúvida alguma removeria também aquela pedra com uma palavra, assim como repreendeu o vento e a fúria do mar (Mc 4.39). Marta não podia ressuscitar a seu irmão, porém, podia remover a pedra, isso ela tinha que

fazer.

A mulher Cananéia é outro exemplo de humildade que deve ser seguido para os que esperam o milagre divino. Tudo era adverso a ela devido a alguns fatores, como a ignorância, pois como gentia não tinha o direito de dirigir-se a Jesus como 'Filho de Davi", talvez seja essa a razão de ele não responder, de imediato, aos seus apelos. Os discípulos disseram a Jesus: "Despede-a, que vem gritando atrás de nós" (Mt 15.23), isso era outro obstáculo. Finalmente, as palavras do Mestre: "Não é bom pegar o pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos" (Mt 15.26). Quem suportaria tal resposta? Ela, porém, não se ofendeu, ao contrário, humilhou-se dizendo: "os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores" (Mt 15.27). Essa atitude comoveu o Senhor Jesus e tem impressionado os cristãos ao longo da história da igreja, é um exemplo a ser seguido. Hoje, muita gente quer receber as bênçãos de Deus, mas não quer se humilhar na sua presença. Muitos acham que devem ser atendidos por Cristo, mas não

querem se submeter à sua vontade. Querem ser atendidos nas suas próprias condições. Na presença de Deus não há migalhas, mas fartura. Estas "migalhas" valem mais que todas as riquezas deste mundo. As almas sedentas encontram "as riquezas incompreensíveis de Cristo" (Ef 3.8).

O cego Bartimeu enfrentou dificuldades parecidas com as da mulher cananéia. Ele estava privado das vistas, mas não dos ouvidos e nem da língua. Podia ouvir e falar, assim fez uso das faculdades que possuía para clamar por misericórdia. Quando ouviu o barulho da multidão, perguntou o que se passava, e aquelas pessoas responderam que era Jesus de Nazaré (Lc 18.36, 37). Ele não tinha condições de ir até Jesus por causa de sua deficiência visual, mas podia falar, e assim clamou na esperança de que o Senhor o escutasse (Jr 33.3).

Mateus e Lucas afirmam que a multidão o repreendia, mas ele não desanimou e nem se

intimidou com suas ameaças (Mt 20.31; Lc 18.39). Quanto mais as pessoas o repreendiam, mais ele clamava. Muitos seguiam a Jesus, mas nem todos eram crentes, estavam ali movidos pela curiosidade, ou mesmo como espias, isso pode explicar porque eles o repreendiam (Mc 10.48), pois até mesmo os discípulos, às vezes, procediam desta forma. Bartimeu não se envergonhou e foi persistente, e na sua sombra o seu companheiro também foi abençoado, pois eram dois cegos (Mt 20.31). Precisamos vencer esses obstáculos para recebermos as bênçãos do Senhor. Muitas vezes enfrentamos a zombaria e escárnios dos incrédulos quando invocamos o nome do Senhor (Hb 11.36), mas isso não deve nos intimidar. A atitude de Bartimeu é um exemplo de fé e perseverança que deve ser seguido pelos cristãos.

Esses milagres impressionam pela sua autenticidade comprovada na continuação na vida dos cristãos. Cristo conferiu esse poder aos seus discípulos (Mt 10.8; Jo 1.50; 5.20; 14.12), atestado posteriormente pela História. O Senhor Jesus Cristo

superou a todos os que foram antes e depois dele, tanto na quantidade e na qualidade desses milagres. Uma das características do seu ministério era a cura e a libertação: “E a sua fama correu por toda a Síria; e traziam-lhe todos os que padeciam acometidos de várias enfermidades e tormentos, os endemoninhados, os lunáticos e os paralíticos, e ele os curava” (Mt 4.24). A cura é uma das marcas da doutrina pentecostal.

“

PORQUE PRIMEIRAMENTE VOS ENTREGUEI O QUE TAMBÉM RECEBI: QUE CRISTO MORREU POR NOSSOS PECADOS, SEGUNDO AS ESCRITURAS

”

1 CORÍNTIOS 15.3

11

A morte vicária de

Jesus

A morte de Jesus deve ser estudada como fato histórico com suas relevantes implicações teológicas no plano divino da redenção humana. A morte não

foi acidente de percurso, estava previsto nas Escrituras Sagradas, e esse acontecimento afetou e ainda afeta a vida de todos os humanos. Não se trata apenas da morte de um justo, mas de um sacrifício como oblação pelos nossos pecados, que Deus recebeu e propôs como propiciação pelas nossas ofensas (Rm 3.25). O aspecto histórico está nos evangelhos, o teológico, em Atos, nas epístolas e em Apocalipse.

A MORTE DE JESUS NO PLANO DIVINO

No capítulo sete, Jesus, Sacerdote Eterno, falou-se sobre o sacrifício como tema central do Antigo Testamento e que esse sistema sacrificial implicava expiação, redenção, perdão e castigo vicário. O primeiro anúncio da vinda do Messias já vinculava a sua morte: “esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás

o calcanhar" (Gn 3.15). Isso fala de seu sofrimento e, também, de sua glória. Os detalhes são revelados progressivamente no transcorrer do tempo. Depois do dilúvio, Deus escolheu o patriarca Abraão e prometeu suscitar dentre os seus descendentes o Redentor, pois a promessa divina feita a Abraão era: "À tua semente darei esta terra" (Gn 12.7). Segundo o apóstolo Paulo, é uma profecia messiânica, pois essa Semente diz respeito ao Messias (Gl 3.16). Dentre os filhos de Jacó, Deus escolheu Judá, para ser um dos progenitores da Semente da Mulher (Gn 49.10). Judá é o pai de Perez (Gn 38.26-30), dele descendeu o rei Davi (Rt 4.18-22). A partir daí, os profetas apresentaram detalhes da obra e da identidade de Jesus.

A morte física de Jesus aconteceu "segundo as Escrituras" (1 Co 15.3), isso significa que estava prevista no Antigo Testamento por figuras e tipos, a começar pelo ritual do tabernáculo, e de maneira direta pelos profetas. A descrição do cordeiro da Páscoa, desde o êxodo do Egito, aponta para Cristo e o seu sacrifício: "não levarás daquela carne fora

da casa, nem dela quebrareis osso” (x 12.46). Os soldados quebraram as pernas dos dois malfeitores que foram crucificados ao lado do Senhor Jesus, mas não quebraram as pernas do Mestre: “Mas, vindo a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas... para que se cumprisse a Escritura, que diz: Nenhum dos seus ossos será quebrado” (Jo 19.33, 36).

O altar do sacrifício é outro tipo significativo. É identificado como altar dos holocaustos, altar de bronze ou de ofertas queimadas. Era uma caixa de mais ou menos 2,50m de comprimento e a mesma medida a sua largura, sua altura de aproximadamente 1,75m, de madeira de cetim e revestida de bronze ou cobre (a palavra hebraica é a mesma para esses metais), com quatro pontas, uma em cada canto (x 29.1, 20). As pontas eram aspergidas com sangue na consagração de sacerdotes (x 29.12), no dia da expiação (Lv 16.18) e na oferta pelo pecado, quando o pecador apresentava o substituto para o sacrifício (Lv 4.18, 25, 34). As marcas de sangue nas quatro pontas do

altar apontam para as quatro marcas de sangue na cruz: na parte superior proveniente da coroa de espinhos, os cravos nos braços direito e esquerdo e o dos pés: o altar do sacrifício, onde o Filho de Deus morreu em nosso lugar. Não há necessidade de se apresentar mais exemplos para mostrar os tipos e as figuras do sacrifício do Calvário.

O salmo 22 começa com as palavras que Jesus pronunciou do alto da cruz: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46). A passagem paralela do evangelho de Marcos, a citação está em aramaico: “Eloí, Eloí, lemá sabactâni? Isso, traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mc 15.34), mas o Targum de Jonathan usa “Eli”, igual ao hebraico, no salmo 22.1 [22.2]. O salmo é profético e descreve alguém abandonado, mas com uma fé inabalável em Deus. O versículo 8 cumpriu-se na crucificação: “Confiou no SENHOR, que o livre; livre-o, pois nele tem prazer” (Cf Mt 27.43); da mesma forma, o 18: “Repartem entre si as minhas vestes e lançam sortes sobre a minha túnica” (Cf Mc 15.24; Lc

23.34; Jo 19.23, 24). Isaías 53 descreve a cena do Calvário com abundância de detalhes. Segundo Alfred Edersheim, o Targum de Jonathan e o Targum de Jerusalém "adotam com franqueza a interpretação messiânica destas profecias" (EDERSHEIM, 1997, p. 90). O profeta Zacarias anunciou de antemão que o Messias seria traspassado por uma espada (12.10 Cf Jo 19.34, 37).

Jesus afirmou que a Lei de Moisés e os Profetas se convergem nele, sendo sua paixão e morte o cumprimento das Escrituras Sagradas (Lc 24.26, 27; 44-46). Os quatro evangelhos apontam essa morte como cumprimento das Escrituras dos Profetas (Mt 27.35; Mc 15.24; Lc 23.34; Jo 19.24, 36, 37). O sacrifício de Jesus é a conclusão lógica dos ensinamentos do Antigo Testamento.

A CRUCIFICAÇÃO

O relato da execução de Jesus está registrado nos quatro evangelhos sinóticos. Eles devem ser entendidos como uma narrativa completa. Há apenas um evangelho descrito e apresentado em quatro maneiras. Há muita coisa em comum neles, mas há também muitas coisas peculiares que só aparecem em cada um deles, havendo muito mais coisas em comum e semelhantes do que diferenças.

Quando se fala da harmonia dos evangelhos isso quer dizer, mediante fatos e provas, que os evangelhos não se contradizem. Nenhum deles é completo, o que falta em um, aparece no outro. De modo que as aparentes discrepâncias são, na verdade, complementos dessas narrativas, formando um só evangelho, narrando a vida de Jesus Cristo. Muitas coisas que Jesus fez e ensinou não foram escritas (Jo 21.25). Deus permitiu que fosse registrado apenas o suficiente para a salvação da humanidade. Todos eles tinham como meta apresentar em ordem a narrativa do nascimento, ministério, paixão e ressurreição de Jesus.

Somente Mateus mencionou a abertura dos sepulcros e a ressurreição dos mortos quando Jesus morreu (27.50-53), apenas Lucas registrou o arrependimento de um dos dois malfeitores crucificados ao lado do Senhor Jesus (23.40-43). João foi o único a escrever que Jesus carregou, ele mesmo, às costas, a cruz (19.17), que falou com Maria, sua mãe, desde o alto da cruz (19.26, 27) e que ele foi traspassado por uma espada (19.34).

Das sete palavras da cruz, as frases proferidas por Cristo do alto da cruz, uma foi registrada por Mateus e Marcos: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46; Mc 15.34); três por Lucas: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (23.34), “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (v 43), “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (v. 46) e as outras três por João: “Mulher, eis aí o teu filho... Eis aí tua mãe” (19.26, 27), “Tenho sede” (v. 28) e “Está consumado” (v. 30). Esses são alguns exemplos de detalhes de cada narrativa.

Jesus esteve na cruz durante seis horas, depois de uma longa noite de interrogatório e de uma sessão de tortura. Quando o prenderam no Getsêmani, ele foi conduzido à casa do sumo sacerdote para o primeiro interrogatório (Lc 22.54), ali mesmo começou a tortura física e a zombaria: “E os homens que detinham Jesus zombavam dele, ferindo-o. E, vendando-lhe os olhos, feriam-no no rosto e perguntavam-lhe, dizendo: Profetiza-nos: quem é que te feriu?” (Lc 22.63, 64). Pela manhã

cedo, ele foi conduzido ao sinédrio (Lc 22.66), onde a sessão de interrogatório prosseguiu e de lá para o governador romano da Judéia, Pôncio Pilatos (Lc 23.1), que logo o remeteu de volta a Herodes, mas antes, em sua presença, foi zombado e ultrajado, em seguida foi devolvido para Pilatos (Lc 23.7, 11). Então, foi torturado, recebeu uma coroa de espinhos, um bastão real e um manto de púrpura (Mt 27.29; Jo 19.2), escarnecendo-se dele, pois dizia ser o rei dos judeus. Foi crucificado às nove horas da manhã: "E era a hora terceira, e o crucificaram" (Mc 15.25).[20] A injustiça era tanta que até a natureza se revoltou, o sol negou a sua luz em pleno dia, houve trevas em toda a terra desde um pouco antes do meio-dia até às três horas das tarde (Lc 23.44-46).

Somente Lucas registrou as palavras ipsis litteris de Jesus, ao entregar o espírito ao Pai: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46). Era uma oração registrada no livro dos Salmos: "Nas tuas mãos, entrego o meu espírito" (31.5 ARA), que as crianças judias recitavam como oração ao

anoitecer. O relato de Lucas mostra de maneira inconfundível que Jesus se entregou por nós, ele deu sua vida pelos pecadores, como ele mesmo havia prometido, “a minha vida”, disse “ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou” (Jo 10.18). Jesus entregou o espírito com “grande brado” (Mc 15.37) ou com “grande voz” (v. 46; Mt 27.50). O termo “está consumado” (Jo 19.30), tanto em grego (tetelestai), como em aramaico (moshallam), é uma só palavra. O brado de Jesus no alto da cruz declara haver concluído a obra da redenção entregando ao Pai o seu espírito indica triunfo, e não mero “está acabado” como um derrotado. Ele foi crucificado, mas vitorioso, cumpriu a sua missão com sucesso, aleluia!

O “véu do templo” era a cortina que separava o lugar santo do lugar santíssimo, ou santo dos santos, lugar da presença de Deus onde somente o sumo sacerdote entrava uma vez por ano, no dia da expiação (x 26.33; 30.10; Lv 16.15). O véu rasgado mostra que a morte de Jesus abriu a todos os seres humanos o caminho para Deus (Hb 6.19,

20; 10.19, 20).

A morte de Jesus causou o maior impacto de toda a sua vida. O centurião reconheceu haver crucificado um homem justo, e a multidão “voltava batendo nos peitos” (Lc 23.48) como gesto de aturdimento. Estava ali participando de um espetáculo de zombaria, de repente, as palavras de Jesus com a reação da natureza despertaram a consciência daquelas pessoas que voltavam para casa batendo dos peitos como gesto de lamentação pelo horrendo crime, sem precedente na História, era uma sensação coletiva de culpa e vergonha. Essa estranha reação foi um preparativo para o povo receber a mensagem do evangelho, pregado pelo apóstolo Pedro, no dia de Pentecostes (At 2.23).

O SACRIFÍCIO VICÁRIO

A Bíblia ensina que “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23) e que o homem é completamente incapaz de salvar-se a si mesmo (Is 64.6), de ir ao céu pela sua própria força, justiça e bondade. Assim, Deus proveu a salvação de maneira que a paz e a justiça se encontrassem (Sl

85.10). O sacrifício de Jesus satisfez toda a justiça da lei e dos profetas. O Antigo Testamento não somente anuncia a vinda de Jesus com sua paixão e morte como também apresenta a importância do sangue, no sacrifício, apontando para o Calvário: "... é o sangue que fará expiação..." (Lv 17.11). Isso é confirmado no Novo Testamento... sem derramamento de sangue, não há remissão" (Hb 9.22). "Expiação", portanto, significa reconciliação, é a restauração de uma relação quebrada. Na cruz fomos reconciliados com Deus (2 Co 5.19; Ef 2.23-26).

O termo "vicário" vem do latim vicarius, que significa "o que faz as vezes de outro, substituto" (SARAIVA, 2000, p. 1273). Morte vicária significa morte substitutiva, pois Jesus morreu em nosso lugar (1 Co 15.3; Gl 2.20). Os apóstolos entenderam o significado teológico na morte de Jesus, pois Deus propôs o sangue de seu Filho como propiciação pelos nossos pecados (Rm 3.25; 1 Pe 3.18; 1 Jo 2.1,2).

Os muçulmanos negam peremptoriamente a morte de Jesus. O Alcorão ensina textualmente que Jesus não morreu. Essa é a mais grotesca negação do cristianismo, pois os céticos sempre têm questionando o significado de eventos ligados aos ensinos e às obras de Cristo. Porém, rechaçar a História, afirmando que Jesus não morreu, é um disparate, pois toda a estrutura bíblica gravita em torno desse acontecimento: a paixão e a morte de Jesus é contada como parte de sua vida terrena nos quatro evangelhos, sendo as evidências externas sólidas e indestrutíveis.

Há inúmeras referências à morte de Cristo no Antigo Testamento, alguns exemplos foram citados acima. O próprio Jesus predisse, várias vezes, a sua morte; dois exemplos são suficientes para confirmar esse fato:

Desde então, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia ... E, subindo Jesus a Jerusalém, chamou à parte os seus doze discípulos e, no caminho, disse-lhes: Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, e condená-lo-ão à morte" (Mt 16.21; 20.17, 18).

Historiadores judeus e romanos atestaram a morte de Jesus. O fato foi registrado por Josefo:

Nesse mesmo tempo, apareceu JESUS, que era um homem sábio, se é que podemos considerá-lo simplesmente um homem, tão admiráveis eram as suas obras. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente por muitos judeus, mas também por muitos gentios. Ele era o CRISTO. Os mais ilustres dentre os de nossa nação acusaram-no perante Pilatos, e este ordenou que o crucificassem. Os que o haviam amado durante a sua vida não o abandonaram depois da morte. Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas haviam predito, dizendo que ele faria muitos outros milagres. É dele que os cristãos, os quais vemos ainda hoje, tiraram o seu nome (Antiguidades, Livro 18.4.772).

Josefo não era cristão e por isso muitos críticos duvidam da autenticidade da menção de Jesus em sua obra. Porém, nada há nos manuscritos que justifiquem tal suspeita, ela é fundamentada apenas nos adjetivos que o historiador aplicou a Jesus.[21] A literatura judaica antiga menciona a morte de Jesus, o Talmud Babilônico declara a morte de Jesus na véspera da Páscoa (Sanh. 43a). Tácito, o historiador romano, afirma: "Cristo, foi executado no reinado de Tibério pelo procurador Pôncio Pilatos" (Anais XV.44.2,3). Luciano de Samosata, satirista grego e zombador dos cristãos, por volta de 170 escreveu: "Os cristãos, como todos sabem, adoram um homem até hoje – o distinto personagem que iniciou seus novos rituais – foi crucificado por causa disso" (MCDOWELL, 1995,

p. 60). A confirmação bíblica e histórica da morte de Jesus é fato incontestável. A verdade é que a cruz de Cristo sempre foi escândalo para os que perecem (1 Co 1.23).

O homem precisava e precisa de Jesus, ele que se tornou o nosso sacrifício, morreu em nosso lugar para abrir o caminho ao céu. O que é tão ofensivo na cruz? O orgulho do homem faz com que se rebele contra a sentença de Deus. O incrédulo ofende-se porque Deus não aceita seus esforços pessoais! O sacrifício de Jesus Cristo mostra que o homem é completamente incapaz de ir ao céu, à presença de Deus, pela própria bondade e força. Jesus deixou isso claro: “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6); “sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15.5).

“

AOS QUAIS TAMBÉM, DEPOIS DE TER PADECIDO, SE APRESENTOU VIVO, COM MUITAS E INFALÍVEIS PROVAS, SENDO VISTO POR ELES POR ESPAÇO DE QUARENTA DIAS E FALANDO DO QUE RESPEITA AO REINO DE DEUS

”

ATOS 1.3

12

A ressurreição de Jesus

A ressurreição de Cristo é a viga mestra e o

pilar da religião cristã, o principal elemento que distingue o cristianismo de todas as religiões da Terra, pois Jesus vive para sempre. A sua morte vicária seria destituída de significado teológico se ele tivesse permanecido na sepultura. A doutrina da ressurreição dos mortos, e com ela a de Cristo, é combatida pelos incrédulos desde a antiguidade. A realidade é que nem mesmo os principais opositores puderam provar o contrário.

A DOUTRINA DA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

No capítulo oito, Jesus, Filho de Davi, foi apresentada a origem dos saduceus, eles eram os intelectuais da época de Cristo, e sua maioria era de sacerdotes membros do sinédrio (At 5.17). Eles rejeitavam o Antigo Testamento, só aceitavam o Pentateuco, os três evangelhos sinóticos afirmam que eles não criam na ressurreição (Mt 22.23; Mc 12.18; Lc 20.27), nem na existência de anjos, nem na de espíritos (At 23.8). Diziam que a crença da ressurreição dos mortos não podia ser confirmada

nos escritos de Moisés. Josefo declara que a crença deles era de que o corpo morria com a alma (Antiguidades, Livro 18. 2.760). Armaram uma cilada contra Jesus com duplo objetivo: desacreditar o Filho de Deus diante do povo e defender sua doutrina. Para isso usaram como argumento um elemento da lei de Moisés, a lei do levirato (Dt 25.5; Mc 12.19), mas de maneira artificial e, até, jocoso.

A lei do levirato consiste no casamento do cunhado com a viúva, caso o casal não tenha filho. O irmão do falecido deve tomar a sua cunhada por mulher. Esse costume já existia mesmo antes de Moisés (Gn 38.8). Moisés apenas regulamentou tal lei (Dt 25.5-10). O nome vem da palavra latina "levir", que significa "cunhado" (HOUAISS, 2001). Outro caso pode ser visto no casamento de Rute (Rt 4.4-10) ainda que com algumas modificações.

A lei do levirato existe ainda hoje em Israel e entre os judeus espalhados nas nações. Geralmente

se faz a liberação, pois nem sempre o casamento é realizado.

A intenção era não só desacreditar Jesus diante do povo como também fazer chacotas. Por isso criaram uma situação ridícula e em cima dela desenvolveram o seu argumento. O caso dos sete casamentos, de uma mulher ficar viúva sete vezes, casar-se com sete irmãos, e os sete morrerem, foi, é claro, uma situação inventada pelos saduceus. Dificilmente o terceiro ou o quarto irmão a tomaria por mulher. Seria considerado como um mau presságio, ainda mais numa comunidade extremamente supersticiosa.

Na atualidade, não só os céticos materialistas mas muitos grupos religiosos negam a doutrina bíblica da ressurreição dos mortos e, também, a de Cristo. Negam essa verdade bíblica os adeptos do espiritismo, da Legião da Boa Vontade, do movimento do reverendo Moon e da organização das testemunhas de Jeová. O mais estranho é que as

testemunhas de Jeová empregam com freqüência o termo “ressurreição”, entretanto, negam essa doutrina. Afirmam que Jeová há de trazer à vida apenas os sinceros de sua religião e dará uma nova oportunidade às pessoas de boa vontade que foram enganadas e por isso não se tornaram adeptos de seu movimento. Mas, não se trata de ressurreição, é uma nova criação, pois Jeová há criar uma nova pessoa, com todas as características até mesmo a aparência física do falecido, uma espécie de clone. É a isso que elas chamam ressurreição.

Como os saduceus, são especialistas em raciocínios e argumentos aparentemente bíblicos. Nenhum grupo religioso da Terra se destacou tanto em forjar e inventar raciocínios para persuadir o povo como as testemunhas de Jeová. A organização tem até um manual de raciocínios para combater a fé cristã histórica – Raciocínios à Base das Escrituras. Nega a vida futura na passagem do Rico e Lázaro, dizendo que tal ensino não tem fundamento porque ninguém é salvo por ser pobre, nem condenado por ser rico. Porém, a verdade é

que a ortodoxia cristã não prega isso. Onde está escrito que Lázaro foi salvo por ser pobre, e o rico condenado por ser rico? Em nenhum lugar. É uma situação criada por elas mesmas e em cima dela procuram persuadir o povo, assim como os saduceus criaram uma situação, querendo, em cima dela, atacar a doutrina de Jesus.

O verbo grego mais usado para "ressuscitar", no Novo Testamento, é egeiro, "despertar, levantar (no sentido intransitivo) levantar-se, alçar-se" (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 1126). O segundo mais usado é (anistêmi), "levantar, levantar-se, ressuscitar" (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 311). O substantivo é (anastasis), "ressurreição" (BALZ & SCHNEIDER, 2001, vol. I, p. 260); de "ana, acima, e hist mi, por em pé" (VINE, 1989, M-S, p. 372). Ressurreição, portanto, significa "levantar dentre os mortos". A Bíblia afirma que o mesmo corpo que foi sepultado será reerguido (1 Co 15.35-44). Jesus disse que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz (Jo 5.28, 29). As mesmas pessoas que foram sepultadas ouvirão a

voz de Jesus, assim como Lázaro ouviu a voz de Cristo, estando quatro dias no sepulcro (Jo 11.39, 43, 44).

Os saduceus não são os únicos da antiguidade contra a ressurreição dos mortos. Os gregos também procediam da mesma forma (At 17.32). A igreja de Corinto foi a que mais trabalho deu ao apóstolo Paulo, pois havia muitos problemas de ordem doutrinária e ética. O capítulo 15 de 1 Coríntios é uma exposição sobre a doutrina da ressurreição dos mortos, porém, o apóstolo começa sua apologia pela ressurreição de Jesus. O que estava acontecendo naquela igreja era o seguinte: muitos diziam não haver ressurreição (1 Co 15.12), que por inferência negavam, também, até a do próprio Cristo. Eram influenciados pelas idéias racionalistas dos filósofos gregos "as más conversações corrompem os bons costumes" (15.33). Ele apresenta provas indestrutíveis da ressurreição de Jesus e sobre esse fato traz à tona a verdade sobre o destino dos que morrem em Cristo. Os exemplos aqui citados revelam quão antiga é a

incredulidade.

A REALIDADE DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

A ressurreição de Jesus foi “segundo as Escrituras” da mesma maneira como aconteceu com a sua morte (1 Co 15.3, 4), isso significa que esses acontecimentos estavam no cronograma

divino e registrado de antemão no Antigo Testamento (Sl 16.8-11; Os 6.2). O apóstolo Pedro, na pregação feita no dia de Pentecostes, afirmou que o rei Davi anunciou, nesse salmo, a ressurreição de Cristo:

Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado. Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; além disto, também a minha própria carne repousará em esperança, porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria na tua presença. Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi

sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção. A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas (At 2.25-32).

O rei Davi foi também profeta. Nesse caso, não estava falando de si mesmo, pois ele morreu e foi sepultado, e o apóstolo Pedro lembra que a sua sepultura estava entre eles em Jerusalém, e como de fato, está até hoje, turistas e peregrinos podem visitar seu túmulo. O apóstolo foi claro e objetivo ao assinalar que o grande acontecimento, com tantas testemunhas, do qual a descida do Espírito

Santo era resultado, estava previsto nas Escrituras Sagradas. Este é um importante argumento para fundamentar a doutrina do Cristo ressuscitado: sua base era a própria Palavra de Deus. Depois, apela para as provas factuais, pois essa ressurreição é um fato insofismável.

A Bíblia afirma que Jesus "se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias" (At 1.3). A expressão "infalíveis provas" ou "provas incontestáveis" (ARA) é em grego (tekmẽrion), só aparece aqui, em todo o Novo Testamento, e distingue-se de (martyrion ou martiria), "testemunho" e de outros termos similares (BALZ & SCHNEIDER, 2002, II, p. 1700). É uma palavra técnica para "prova incontestável", pois refere-se à prova baseada em fatos que por si suscita credibilidade. Essas provas jamais puderam ser refutadas. As autoridades religiosas de Jerusalém lutaram muito para neutralizá-las e dariam tudo para exibir o corpo de Jesus (Mt 28.11-15).

Foram muitas as testemunhas, o apóstolo Paulo apresenta primeiro Pedro (1 Co 15.5), pois Jesus apresentou-se vivo a ele (Lc 24.34), depois aos demais apóstolos durante 40 dias (At 1.3). Eles pagaram um preço muito alto pelo que viram e testemunharam. Foram perseguidos, presos, torturados e mortos porque afirmaram que Jesus estava vivo (At 12.1-3). Isso está também registrado na história e não apenas no Novo Testamento. Quem estaria disposto a morrer por uma mentira tendo convicção dela? Talvez algum insensato, mas não tanta gente. Depois da aparição aos apóstolos, ele apareceu aos demais discípulos, "visto por mais de quinhentos irmãos" (1 Co 15.6). Interessante é que o apóstolo escreveu essa epístola aos Coríntios cerca de 20 anos depois do fato acontecido, e afirma que a maioria dessas testemunhas ainda era viva. Em outras palavras, estava colocando as provas à disposição de qualquer interessado. Até mesmo os que não acreditavam em Jesus como o próprio Saulo de Tarso e Tiago, irmão do Senhor Jesus (1 Co 15.7, 8).

O apóstolo Paulo menciona Tiago, irmão do Senhor, que antes não cria em Jesus (Jo 7.5). O próprio Saulo de Tarso, antes o maior perseguidor da fé cristã, afirma: “Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em prisões, tanto homens como mulheres” (At 22.4). O relato de Atos 9.17 e depois contado por ele mesmo em Atos 22.5-8 mostram-nos que numa campanha acirrada contra os discípulos, Jesus provou-lhe que estava vivo. Com isso Saulo tornou-se o maior defensor dessa doutrina. Trata-se, pois, de um doutor da lei, líder da religião dos judeus, e perseguidor dos cristãos, e não um cidadão comum da sociedade que se converteu a Jesus.

É um número muito grande de testemunhas, entre elas até inimigos como Saulo de Tarso, o que torna insensata a idéia de negar a ressurreição de Cristo. Disse certo estadista: “Você pode enganar uma pessoa durante todo o tempo, todas as pessoas por um tempo, mas nunca poderá enganar todo

mundo durante todo tempo". Se essa ressurreição não fosse fato real, isso teria terminado por lá mesmo e sequer teria chegado ao nosso conhecimento depois de quase dois mil anos. A Bíblia afirma que o túmulo de Jesus foi encontrado vazio (Mt 28.6), e onde, pois, estava o corpo que fora crucificado? Eu mesmo já tive o privilégio de ver o túmulo vazio, em Jerusalém.

NATUREZA E SIGNIFICADO DA RESSURREIÇÃO DE JESUS

A maior parte dos grupos religiosos isolados nega a ressurreição corporal de Jesus, afirmando que foi espiritual, entre eles estão os adeptos do movimento das testemunhas de Jeová, da ciência cristã e do Reverendo Moon. A crença desses grupos é contrária à ortodoxia cristã. Estranho é que as testemunhas de Jeová afirmam crer na Bíblia, entretanto, ensinam que Jesus não ressuscitou corporalmente, Jeová o teria materializado para convencer a Tomé de que se tratava do próprio

Jesus que estava ali diante dele. Assim, negam a ressurreição física de Jesus. Afirmam que Jeová criou outra pessoa com as mesmas características e a mesma personalidade dele. O corpo daquele Jesus, que fora pendurado no madeiro, teria desaparecido. Chegaram a declarar: "O homem terrestre, Jesus de Nazaré, não mais existe" (Despertai!, 22/12/1984, p. 20). É mais um problema insuperável delas, pois se ele não mais existe, como o apóstolo Pedro curou o paralítico em nome de Jesus de Nazaré? Disse: "Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda" (At 3.6). Em nome desse mesmo Jesus, e não de outro, o paralítico foi curado (At 3.6).

Segundo a Bíblia, Deus garantiu que o corpo do Senhor Jesus Cristo não veria a corrupção, isto é, não se deterioraria (Sl 16.10). Essa profecia cumpriu-se na ressurreição de Jesus (At 2.24-30); portanto, aquele corpo que foi crucificado não pôde ficar na sepultura. Jesus apresentou-se aos seus discípulos dizendo ser ele mesmo e não um corpo materializado: "Eles, porém, surpresos e

atemorizados, acreditavam estarem vendo um espírito. Mas ele lhes disse: Por que estais perturbados? E por que sobem dúvidas ao vosso coração?" (Lc 24.38, 39). O próprio Jesus afirmou ser corporal a sua ressurreição (Jo 2.19-22). O mesmo Jesus que nasceu em Belém, habitou em Nazaré, foi crucificado em Jerusalém e ressuscitou ao terceiro dia.[22] O apóstolo Paulo faz menção de um Jesus estranho, que ele não pregou, e que devemos rejeitar (2 Co 11.4), pois servir a um Jesus errado vai, também, terminar num céu errado.

A ressurreição de Cristo não consiste apenas no fato de ele tornar a viver, pois, se assim fosse, não haveria diferença das ressurreições registradas no Antigo Testamento e nem das que ele mesmo operou como a do filho da viúva de Naim, da filha de Jairo e a de Lázaro, nem Jesus poderia ser considerado "as primícias dos que dormem" (1 Co 15.20); nem o "primogênito dentre os mortos" (Cl 1.18). Essa ressurreição significa a glorificação e exaltação de Jesus (Rm 6.4; Fp 3.20,21; Jo 7.39); a vitória esmagadora sobre Satanás, sobre o pecado,

sobre a morte e sobre o inferno (1 Co 15.54-56; Ap 1.17,18). É a viga mestra e o pilar do cristianismo. É um dos elementos básicos que distingue o cristianismo das grandes religiões, negar essa verdade é alienar-se da salvação: “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos” (1 Co 15.17,18). Assim, Jesus determinou que sua morte e ressurreição fossem o centro da pregação do evangelho (Lc 24.44-47). Ele ressuscitou para a nossa justificação, pois sem essa ressurreição não poderíamos ser justificados diante de Deus e assim estaríamos condenados (Rm 4.25).

“

A QUAL, A SEU TEMPO, MOSTRARÁ O

BEM-AVENTURADO E ÚNICO PODEROSO SENHOR, REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES

”

1 TM 6.15

13

Jesus,

Rei dos reis e Senhor dos senhores

Jesus está acima de todos os reis e de todos os senhores da Terra, pois ele é o soberano absoluto do universo. Estudamos nos capítulos anteriores a identidade e as obras de Jesus incluindo seus ofícios como profeta, sacerdote e rei. O ofício de Cristo como rei foi estudado de maneira indireta no capítulo oito, Jesus, Filho de Davi, título que indica

a sua realeza (Lc 1.32, 33). O assunto ficou implícito no capítulo sete, Jesus, o Sacerdote Eterno, visto que Melquisedeque era sacerdote e rei de Salém (Gn 14.18).

O nosso estudo, no presente capítulo, enfocará Jesus no epílogo da história da humanidade colocando os seus inimigos debaixo de seus pés na Vitória Final como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

OS DÉSPOTAS DO MUNDO

Todos os impérios da História tiveram seu período de glória depois decaíram e desapareceram do cenário mundial, entre eles estão Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia e Média, Macedônia, Roma (Ap 17.10). Todos eles constituíram reis sobre províncias de seu vasto império. César era

considerado como rei de reis, pois exercia domínios sobre reis constituídos por ele. Herodes, o Grande, segundo Josefo, foi designado por Augusto, imperador romano, 37 anos antes de sua morte (Antiguidades, Livro 17.10.741). O rei Nabucodonosor é também chamado de "rei de reis" (Dn 2.37), pois exercia domínio sobre muitos reinos. Da mesma forma Alexandre, Grande, Carlos Magno e outros poderiam ser mencionados, entretanto, eles vieram e se foram, porém o reinado de Cristo é o único que permanece para sempre (Dn 7.14), pois "o seu reino não terá fim" (Lc 1.33).

Tarquínio foi o último rei etrusco e com ele terminou a monarquia romana. A partir daí, os chefes das famílias que exerciam papel significativo na sociedade organizaram um sistema de governo controlado por esse grupo, o senado romano. O termo latino senator, de onde vem a nossa palavra "senador", quer dizer "ancião". Os romanos tinham horror ao governo centrado em uma só pessoa, entretanto, Júlio César recebeu o título de "Príncipe

do Senado". Apesar da força política do senado, o poder estava, de fato, nas mãos de uma só pessoa, do imperador. Depois veio Augusto, em cujo reinado nasceu Jesus (Lc 2.1). Assim, todo o mundo romano, isso inclui a região de Israel, entendia com facilidade a expressão "Rei dos reis".

A família dos Macabeus e os papas da Idade Média atreveram-se a acumular os ofícios de rei e sacerdote. Aristóbulo I, filho de Hircano, descendente de Matatias, sacerdote da linhagem de Jeoiaribe (1 Cr 24.7), foi o primeiro a usar o título "Rei dos Judeus", segundo Josefo. Porém, seu reinado não durou muito, pois foi substituído por seu irmão Alexandre Janeu. Depois deles, alguns papas na Idade Média esforçaram-se para ter o domínio do poder espiritual e temporário, entre eles Gregório VII (1073-1085) e Inocêncio III (1198-1216). Todos reivindicaram indevidamente essa posição, pois é exclusiva de Jesus (Ap 19.11-13). O único, além de Cristo a exercer tal posição de maneira legítima, foi Melquideseque (Hb 7.1, 2).

A VITÓRIA FINAL

O livro Apocalipse descreve de antemão o derramamento do cálice da ira de Deus sobre os reinos deste mundo. É um período de angústias e sofrimentos sem precedentes na História. Este período foi determinado por Deus para fazer justiça contra a rebelião dos moradores da Terra e para preparar a nação de Israel para o encontro com o seu Messias (Am 4.12). Trata-se de uma fase de

transição entre a dispensação da Graça e o Milênio, conhecido como a Grande Tribulação ou o "Dia do Senhor" (Is 13.6, 9; Jr 30.7; Ez 13.5; Dn 12.1; Jl 1.15; 2.1, 2; Am 5.18, 20; Zc 14.1; Ml 4.5). Começará com o arrebatamento da Igreja e terminará com a vinda de Cristo em glória. Ele virá buscar o seu povo (1 Ts 4.14-17) e, depois dos sete anos da Grande Tribulação, virá para por fim a batalha do Armagedom (Ap 16.16), para julgar as nações (Jl 3.12-14; Mt 25.31-46), destruir o anticristo com o sopro de suas narinas (2 Ts 2.8) e aprisionar a besta e o falso profeta (Ap 19.20). O próprio Senhor Jesus Cristo falou sobre o assunto (Mt 24.21; Mc 13.19), mas os profetas durante séculos já o vinham anunciando, nas Santas Escrituras, e da mesma forma os apóstolos (1 Ts 5.2; 2 Ts 2.2; 2 Pd 3.10).

Cristo não virá mais como uma criança indefesa, nascendo numa manjedoura, para viver neste mundo entre os homens (Hb 9.28). Ele virá como o relâmpago (Mt 24.27). O relâmpago fala de glória e poder, também, da universalidade e da visibilidade

do evento. Ele virá como Senhor e Rei. Tanto a vinda súbita de Cristo para o arrebatamento da igreja, como a sua vinda em glória para estabelecer o reino milenar na terra ocorrerão de forma súbita e inesperada, como o fenômeno do relâmpago.

Numa batalha, a primeira ofensiva ocorre com as tropas de artilharia, mísseis e demais armas sofisticadas que à distância conseguem destruir os pontos vitais do inimigo, como estações de rádio e televisão, estradas e aeroportos, celeiros e setores produtivos. Assim, a força do inimigo é reduzida substancialmente, em seguida, vêm as tropas de infantaria, na batalha pessoal. O Apocalipse revela uma estrutura similar, pois Deus neutraliza a força do inimigo mediante as pragas, causando fome, peste, miséria, sinais no céu, terremotos e maremotos, convulsão social, são as tropas de artilharia de Deus. Depois, o nosso Senhor Jesus Cristo aparecerá montado num cavalo branco. Ele é chamado de Fiel e Verdadeiro, pois "julga e peleja com justiça" (Ap 19.11), e um grande exército acompanha-o (Ap 19.14). É a hora de estabelecer a

verdade e a justiça esperadas pelo povo de Deus desde a antiguidade. Assim, Deus cumpre a sua promessa do Rei que reinará "e praticará o juízo e a justiça na terra" (Jr 23.5), e "julgará o mundo com retidão" (Sl 93.13). Ele é chamado de a "Palavra de Deus" (Ap 19.13), o Logos Divino (Jo 1.1, 14).

O Rei dos reis virá com muitas coroas sobre a sua cabeça: "e sobre a sua cabeça havia muitos diademas" (Ap 19.12). Os "muitos diademas" são coroas reais que revelam se tratar de um rei ímpar em toda a história da humanidade. Pilatos pôs um título em três idiomas, hebraico, grego e latim, que dizia "Jesus Nazareno, rei dos Judeus" (Jo 19.19, 20). Era um cenário armado pelas autoridades religiosas sob a autoridade de Roma para um espetáculo de escárnio e zombaria. Puseram sobre a sua cabeça uma coroa de espinhos, deram uma veste real e um cetro, ridicularizando o Filho de Deus, o Criador do universo (Mt 27.29; Jo 19.2). Foi sugerido ao governador mudar a frase: "Não escrevas, Rei dos judeus, mas que ele disse: Sou Rei dos judeus. Respondeu Pilatos: O que escrevi

escrevi" (Jo 19.12, 22). Eles mal sabiam que mesmo com essa zombaria estavam anunciando uma verdade proclamada hoje em todos os quadrantes da Terra, pois estavam crucificando não apenas o Rei dos judeus, mas o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

O Senhor Jesus mudou tudo isso, transformou uma coroa de espinhos em muitas coroas de glória. É que o poder de Deus está além da nossa compreensão, ele "chama as coisas que não são como se já fossem" (Rm 4.17). Ele transformou o termo "nazareno", então desprezível, num título honroso, da mesma maneira o nome "cristão", a princípio pejorativo, logo se tornou sinônimo de seguidor de Cristo. Nazaré era uma cidade pobre e sem expressão para a elite judaica dos dias de Jesus Cristo (Jo 1.46). O título "cristão" dado aos seguidores de Jesus pelos escarnecedores de Antioquia da Síria era zombaria (At 11.26).

O substantivo grego (christianos) indica

“seguidor de Cristo” ou “adepto de Cristo”, mas os escarnecedores pensaram que Cristo era um nome próprio, o certo é que deram o nome mais acertado que alguém poderia dar aos seguidores de Jesus (At 26.28; 1 Pe 4.16), de modo que o termo cristão tornou-se sinônimo de redenção em Cristo.[23] Jesus transformou o escândalo da cruz num trunfo de glória, o nome “nazareno” enche de gozo e de alegria a alma dos seus discípulos e ostentamo-no como estandarte da fé no nome de Jesus, identificando-nos como “cristãos”. É ele quem torna o mais vil pecador em filho de Deus, que tira o ser humano do monturo, fazendo-o assentar-se entre os príncipes de seu povo (Sl 113.7, 8).

Quando ele vier em glória até mesmo os incrédulos e escarnecedores terão de prostrar-se diante Jesus: “para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Fl 2.10, 11). Uma referência a todos os seres inteligentes do universo, classificado em três

esferas: céu, todos os salvos com os anjos no céu; terra, todos os moradores da terra; inferno, todos os incrédulos que partiram desse mundo. A Bíblia inclui, também, "até os mesmos que o traspassaram" (Ap 1.7; Zc 12.10), os que zombaram e puseram uma coroa de espinhos.

O Rei dos reis manifestar-se-á no dia do seu triunfo com a "veste salpicada de sangue" (Ap 19.13). Isso diz respeito ao sacrifício, do sangue derramado no Calvário para expiar nossos pecados (Jo 19.34), conforme estava previsto nos profetas (Is 63.1-3). As profecias messiânicas registradas no Antigo Testamento contemplavam a vinda do Messias em duas etapas: a primeira para realizar a obra da redenção e, a segunda, para restaurar todas as coisas. Jesus revelou como ninguém todos os requisitos de profeta, sacerdote e rei. Quando ele foi crucificado, estava como sacerdote oferecendo o sacrifício, de si mesmo, como oblação pelos nossos pecados, sobre a sua cabeça estava uma coroa de espinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira etapa ele veio para ser rejeitado pela sua geração e padecer nas mãos dos pecadores em nosso lugar, realizando a grande e sublime obra da redenção: “como raiz de uma terra seca; não tinha parecer nem formosura” (Is 53.2) e demais passagens bíblicas (Lc 24.46). Quando Jesus

ressuscitou disse: “É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mt 28.18). Jesus cumpriu com êxito a sua missão, dizendo: “está consumado” (Jo 19.30). O seu poder é usado para a expansão do reino de Deus com a pregação do evangelho, pois “convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio” (At 3.21).

“E na veste e na sua coxa tem escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES” (Ap 19.16). Jesus não é meramente “rei de reis”, mas o Rei dos reis, isso significa que ele está sobre os reis de reis e sobre todas as hostes celestes: “acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro” (Ef 1.21). Na segunda fase da segunda vinda ele virá em glória para restaurar o trono de Davi (Am 9.11) e estabelecer a paz universal (Is 2.4; 9.7; 11.10). Porém, esse domínio será exercido pela força, pois “convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés” (1 Co 15.25).

Apocalipse 19 descreve o cenário da Vitória Final. Apesar do poder de qualquer rei sobre os reinos deste mundo, há ainda limitações. O poder de César estava de certa forma sujeito ao senado, pois era dessa instituição, como representante dos cidadãos romanos, que emanava o poder do imperador. Porém, o senhorio é sem limite. Jesus é não apenas o Rei dos reis, mas também o Senhor dos senhores! O seu poder vai além das poderosas instituições políticas e militares da Terra e está também acima de todas as hostes celestes.

O Antigo Testamento apresenta o Messias de maneira direta nas profecias, como figuras e tipos no ritual do tabernáculo e nos eventos significativos registrados na Palavra de Deus. Sua realeza é um dos ofícios ao lado de profeta e sacerdote. O livro de Apocalipse revela o Senhor Jesus Cristo no epílogo da história da humanidade vencendo a todos os inimigos e manifestando o seu poder e a sua glória como o Rei do universo. Diante dele todos os joelhos hão de dobrar-se, e toda a língua há de confessar que “Jesus Cristo é o Senhor para a

glória de Deus Pai" (Fl 2.9-11). Em seguida virá o Milênio, o reinado de Cristo de mil anos, estabelecendo a justiça e a paz em toda a terra (Ap 20.1-4), o cumprimento das promessas de Deus por meio dos profetas (Is 2.3, 4; 11.4-10; Am 9.11-15). Depois do Milênio virá o Juízo Final, quando todos os incrédulos da história comparecerão diante do trono branco para julgamento (Ap 20.11-15), ao passo que salvos entrarão para a eternidade com Cristo.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BACHELARD, Gaston. **O Novo Espírito Científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

BÁEZ-CAMARGO, Gonzalo. **Comentario Arqueológico de la Biblia.** Miami, FL, USA: Editorial Caribe, 1984.

BALZ Horst e SCHNEIDER, Gerhard. **Diccionario Exegético Del Nuevo Testamento**, 2ª. ed., 2 vols. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2001.

BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris, France: Hachette, 1950.

BARNAVI, Elie. **História Universal dos Judeus**. São Paulo: Editora Cejup, 1995.

BAUMGARTNER, K. **The Hebrew & Aramaic Lexicon of the Old Testament**, 2 vols. Leiden, Netherlands: Brill, 2001.

BEDA. **Bedae Venerabilis Opera, Pars I,Opera Didascalia**. Turnholti: Typographi Brepols Editores Pontificii, 1975.

BOTTERWECK, Johannes G. and RINGGREN, Helmer (Edtors). **Theological Dictionary of the Old Testament,** 15 vols. Grand Rapids, MI, USA: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1990.

BULLINGER, E. W. e LACUEVA, Francisco. **Diccionario de Figuras de Dicción Usadas en la Bíblia.** Barcelona, España: Editorial Clie, 1990.

CARSON, D.A. **A Exegese e Suas Falácias**. São Paulo:

Edições Vida Nova, 1992.

CESARÉIA, Eusébio de. **História Eclesiástica**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995.

CHAUI, Marilena. **Introdução à História da Filosofia - Dos Pré-Socráticos a Aristóteles**, 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____.**Contra Todas as Heresias**. In: ROBERTS, Alexander, D.D. & DONALSON, LL.D. op. cit., vol. 3.

EBAN, Abba. **A História do Povo de Israel**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1982.

EDERSHEIM, Alfred. **La Vida y los Tiempos de Jesus el Mesías**, 2 vols. Barcelona, España: Editorial Clie, 1989.

_____. **El Templo: Su Ministerio y servicios en tiempos de Jesucristo**. Grand Rapids, MI, USA: Editorial Puertavoz, 1997.

CIPRIANO. **Epístolas**. In: ROBERTS, Alexander, D.D. &

DONALSON, LL.D. op. cit., vol. 3., vol 5.

GAEBELEIN, Frank E. (Ed.) **The Expositor´s Bible Commentary**, vol. 5. Grand Rapids, MI, USA: Zondervan Publishing House, 1991, p. 946.

GIRDLESTONE, Robert Baker. **Sinónimos del Antiguo Testamento**. Barcelona, Espana: Libros Clie, 1986.

GESENIUS (TREGELLES P. Samuel, Ed**.). Gesenius' Hebrew - Chaldee Lexicon To The Old Testament**. Grand Rapids, MI, USA: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1982.

HARRIS, R. Laird e ARCHER, JR., Gleason L. e WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.

HIPÓLITO. **Refutação de Todas as Heresias**. In: ROBERTS, Alexander, D.D. & DONALSON, LL.D (Ed.). op. cit.vol. 5.

_____. **Homilia Sobre a Heresia de Noeto**. In: ROBERTS, Alexander, D.D. & DONALSON, LL.D. op. cit. vol. 5.

HOLLADAY, William L. **A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**. Grand Rapids, MI, USA: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1993.

HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática - Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1996.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. **Padres Apostólicos.** São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LIÃO. **Contras as Heresias**. São Paulo: Paulus, 1995.

JASTROW, Marcus. **Dictionary of the Targumim, Talmud Babli, Yerushalmi and Midrashic Literature.** New York, NY, USA: The Judaica Press, 1996.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**, 8ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias, Diálogo com Trifão**.

São Paulo: Paulus, 1995.

KEIL, C. F., D.D. and DELITZSCH, F., D.D. **Biblical Commentary on The Old Testament Proverbs of Solomon**, vol. 1. Grand Rapids, MI, USA: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1968.

KELLER, Werner. **...E a Bíblia Tinha Razão**. São Paulo: Melhoramentos KITTEL, Gerhard e FRIEDRICH, Gerhard. (Ed.). **Theological Dictionary of the New Testament**, vol. IV. Grand Rapids, MI, USA: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1993.

LIDDELL, Henry George and SCOTT, Robert. **Liddell & Scott, Greek-English Lexicon** (Henry Stuart Jones and Roderick Mckenzie, ed.). London, England: Oxford University Press, 1990.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**, 43ª. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2003.

MCDOWELL, Josh. **Ele Andou Entre Nós**. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1995.

MULLER, Richard A. **Dictionary of Latin and Greek**

Theological Terms. Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House, 1993.

PEARLMAN, Myer. **Atos**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995.

PFEIFFER, Charles F**. Comentário Bíblico Moody, Josué a Cantares**, vol. 2. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1985.

PFEIFFER, Charles F.; HOWARD, F. Vos; REA, John. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2006.

PETTER, Hugo M. **Concordancia Greco-Española Del Nuevo Testamento**. Barcelona, Espana: Libros Clie, 1987.

RHODES, Ron. **New Age Moviment**. Grand Rapids, MI, USA: Zondervan Publishing House, 1995.

ROBERTSON, A. T. **Imágenes Verbales en el Nuevo Testamento**, 6 vols. Madrid, Espana: Libros Clie, 1989.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário Latino-Português**,

10ª. ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2000.

SCHLESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. **Dicionário Enciclopédico das Religiões**, 2 vols., Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SHEDD, R. P. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, vol. III. São Paulo: Edições Vida Nova, 1988.

SOKOLOFF, Michael. **A Dictionary of Jewish Palestinian Aramaic**. Jerusalém, Israel: Bar Ilan University Press, 1992.

TÁCITO, Cornélio. **Anales Libros XI-XVI**. Madrid, Espana: Editorial Gredos, 1986.

TAYLOR, Richard S. **Diccionario Teológico Beacon**. Kansas City, USA: Casa Nazarena de Publicaciones, 1995.

TERTULIANO. **Contra Práxeas**. In: ROBERTS, Alexander, D.D. & DONALSON, LL.D. **Ante-Nicene Fathers**, vol. 3. Peabody, MA, USA: Hendrickson Publishers, 1994.

THAYER, Joseph Henry. **A Greek - English Lexicon of The New Testament**. Grand Rapids, MI, USA: Zondervan Publishing

House, 1991.

URBINA, José M. Pabón S. de. **Diccionario Manual Griego-Español**. Barcelona, España: Vox, 1997.

VINE, W. E. **Diccionario Expositivo de Palabras Del Nuevo Testamento**, 4 vols. Barcelona, Espana: Editorial Clie, 1989.

VINE, W. E. UNGER, Merril F. WHITE JR., William. **Dicionário Vine**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2003.

WALKER, W. **História da Igreja Cristã**, vols. I e II, 2ª ed. Rio de Janeiro: Juerp/Aste, 1980.b

[1] Teleologia é a parte da filosofia natural que explica os fins das coisas (ABBAGNANO, 2003, p. 943).

[2] Pronuncia-se davár.

[3] Os targumim são traduções parafraseadas do Antigo Testamento, do hebraico para o aramaico. A geração que retornou do cativeiro babilônico falava aramaico, que era a língua oficial do império e falada em todos os seus domínios. Eles não entendiam bem a leitura da Lei e dos Profetas, feita em hebraico nas sinagogas. Por isso, surgiu a necessidade de explicações orais em aramaico (Ne 8.8). Depois essas explicações foram escritas, no transcorrer do tempo, que são os targumim. "Targum", em hebraico, significa "tradução", e "targumim" é o plural, a maioria usa a forma aportuguesada "targuns". O Targum de Ônquelos é o texto padrão da Lei, ou seja, o Targum oficial do Pentateuco. O outro Targum do Pentateuco é o Targum Yerushalaim (Targum de Jerusalém) ou Pseudo-Jonathan, pois a outro Targum de Jonathan, tradução aramaica e parafraseada dos Profetas. Esse último Jonathan é identificado no Talmude como Jonathan ben Uzziel, que foi discípulo do rabino Hillel, contemporâneo de Herodes, o Grande

[4] Segundo Irineu de Lião, Simão Mago, de Samaria (At 8.9-21), fundou um ramo do movimento gnóstico. Meandro, ou Menandro, foi seu discípulo e depois, sucessor (Contra as Heresias I. 23.1-5)

[5] O calendário cristão foi organizado pelo abade Dionísio Exiguus, em 525, que fixou o ano 753 AUC como o ano 1 da Era Cristã, sendo que Jesus nasceu em 749 AUC, por isso o nosso calendário está atrasado quatro anos.

[6] O Talmude, literatura religiosa dos judeus, divide-se em duas partes: Mishná e Guemará. A Mishná é o comentário das Escrituras (Antigo Testamento), dividida em seis ordens, essas em 63 tratados; esses, em capítulos, no total de 525 e cada capítulo, em sessões. O *Pirkey Aboth* (pronuncia-se *avôth*) e o *Niddar* são tratados.

[7] *Hagigah* é um tratado do Talmude.

[8] 5*Sanh* é a forma abreviada de *Sanhedrim*, um tratado do Talmude.

[9] Guru é um mestre no hinduísmo, uma manifestação de Brâman, "todos os deuses em um", diferente de Brama, o criador, o primeiro deus do trimurti hindu: Brama, Vishnu e Shivá. Cada hindu deve seguir um guru para alcançar a auto-realização.

[10] Avatar é no hinduísmo a encarnação de Vishnu, os hindus acreditam que essa divindade já se encarnou várias vezes. Cada grupo afirma ter seu próprio avatar.

[11] Esses eruditos publicaram diversos artigos nas revistas acadêmicas dos Estados Unidos e Europa. Hershel Shanks, um deles, organizou esses artigos e publicou em forma de livro, lançado no Brasil pela Imago Editora, Rio de Janeiro, em 1993, intitulado: *Para Compreender os Manuscritosdo Mar Morto*.

[12] O nome "Issa", tanto em árabe como em tibetano, é usado para identificar o nome "Jesus".

[13] Do latim *sacramentum*, era o juramento público de fidelidade do soldado romano, mas, a princípio, era o termo aplicado ao depósito feito em lugar sagrado pelas partes envolvidas numa questão jurídica como sinal de envolvimento numa causa justa. Os pais latinos usaram a palavra para traduzir o vocábulo grego *(myst rion)*, "mistério, secreto", que veio significar ordenança ou rito sagrado. Segundo Agostinho de Hipona, "é um sinal de uma graça invisível", eruditos que vieram depois deles o consideravam "como a Palavra visível de Deus, distinta, mas não separada da Palavra audível ou Santa Escritura" (MULLER, 1993, p. 267).

[14] Com o passar do tempo o número de sacerdote aumentou

consideravelmente, por isso Davi criou um sistema de turno (1 Cr 24.3-6), a ordem de Abias era a oitava (1 Cr 24.10), de modo que na época do rei Herodes, cada sacerdote tinha a oportunidade de servir o altar uma vez na vida, como aconteceu com Zacarias (Lc 1.5, 8).

15 15 Pronuncia-se *navi*.

16 Jâmnia aparece uma só vez no Antigo Testamento, em 2 Crônicas 26.6, identificada pelo nome "Jabné", em nossas versões: ARC, ARA e TB.

17 A citação de Jesus, que se encontra em Daniel 9.27; 11.31; 12.11, cumpriu-se em Antíoco Epifânio, quando ele profanou o lugar santo dos santos, imolando uma porca nele, além de erigir a estátua de Zeus, divindade pagã, conforme narrado no livro apócrifo de 1 Macabeus 1.54-64 e também por Josefo (*Antiguidades,* Livro 12.7.465), em cerca de 175 a.C.

18 O rabino espanhol, Maimônides (1135-1203), determinou que para salvar a vida, os judeus podiam submeter-se às exigências dos governantes. Foi quando surgiram os criptojudeus, tornaram-se católicos, mas continuaram judeus interiormente. Iam à missa aos domingos, para salvarem a pele, mas escondidos, iam às sinagogas aos sábados

[19] Beda tornou-se famoso em razão de suas produções na área de História. É reconhecido como autêntico representante da cultura monástica da Alta Idade Média. Ele questiona o pensamento dos clássicos da Grécia que se colocavam como pais das figuras. Beda, no entanto, mostra que antes deles as figuras estavam presentes nas Escrituras Hebraicas. Nem sempre as figuras e tropos selecionados por ele, nas Escrituras Sagradas, coincidem com o nosso conceito atual. Todavia, sua obra *Bedae Venerabilis Opera, Pars I,Opera Didascalia*, é importante para se conhecer a origem dos estudos desses recursos lingü.sticos na Bíblia.

[20] João emprega, em seu evangelho, o horário romano, sistema em que o dia começa à meianoite, como o nosso. Assim, "quase à hora sexta" (Jo 19.14) equivale a quase seis horas da manhã. Os evangelhos sinóticos empregam o sistema judaico em que o dia começa às seis da tarde. A noite divide-se em quatro vigílias de três horas (Mc 13.35): Das seis às nove, primeira vigília, a da tarde; das nove à meianoite, a segunda; da meianoite às três da manhã, a terceira, a do "cantar do galo" (Lc 12.38); finalmente, a quarta vigília, das três da manhã às seis (Mt 14.25). A partir daí, seguem-se as horas, primeira, segunda... etc

[21] Há um estudo detalhado sobre essa questão em MCDOWELL, Josh. *Ele Andou Entre Nós*, São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1995, p. 42-52.

22 Jesus morreu às três horas da tarde da sexta-feira, ao anoitecer começou o sábado e ressuscitou no domingo pela manhã. No conceito antigo, isso é considerado um período de três dias, pois esteve na sepultura o final da sexta-feira, todo o sábado e primeira parte do domingo. A expressão "três dias e três noites", usada pelo próprio Jesus (Mt 12.40) é sinônima de "terceiro dia", no pensamento judaico (1Sm 30.12, 13).

23 O termo "cristianismo", do grego, (*christianismos*) não aparece no Novo Testamento. Foi Inácio, um dos Pais da Igreja, bispo de Antioquia de 69 a 110, que empregou pela vez para identificar a nova fé (*Inácio aos Romanos* 3.3; *aos Magnésios* 10.1, 3; *aos Filadefienses* 6.1).